UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

AS REPRESENTAÇÕES DE DILMA ROUSSEFF NOS PORTAIS DE NOTÍCIAS G1, UOL E TERRA DURANTE A CERIMÔNIA DE POSSE PRESIDENCIAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - JORNALISMO

Diego Mandarino

Porto Alegre, RS, Brasil

AS REPRESENTAÇÕES DE DILMA ROUSSEFF NOS PORTAIS DE NOTÍCIAS G1, UOL E TERRA DURANTE A CERIMÔNIA DE POSSE PRESIDENCIAL

Diego Mandarino

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo – da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.**

Orientadora: Ms. Daiane Bertasso Ribeiro

Co-orientadora: Dra. Marcia Benetti Machado

Porto Alegre, RS, Brasil

Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Curso de Jornalismo

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

AS REPRESENTAÇÕES DE DILMA ROUSSEFF NOS PORTAIS DE NOTÍCIAS G1, UOL E TERRA DURANTE A CERIMÔNIA DE POSSE PRESIDENCIAL

elaborado por **Diego Mandarino**

como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo**

COMISSÃO EXAMINADORA

Daiane Bertasso Ribeiro, Ms. (UFRGS) (Presidente/Orientadora)

Marcia Benetti Machado, Dra. (UFRGS) (Co-orientadora)

Débora Thayane de Oliveira Lapa Gadret, Ms. (UFRGS)

Gabriela da Silva Zago, Ms. (UFRGS)

Porto Alegre, 12 de dezembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Daiane Bertasso Ribeiro, pela atenção, disponibilidade e entusiasmo para me orientar. Sua ajuda foi decisiva para o sucesso deste trabalho de conclusão.

À qualificada banca de Débora Gadret e Gabriela Zago, cujas contribuições na avaliação do TCC foram fundamentais para a versão final.

À minha colega Jerusa Campani, que primeiro sugeriu a ideia de abordar a cerimônia de posse presidencial como tema, e a todos os colegas com quem aprendi e compartilhei bons momentos.

Ao meu amigo Alex Rocha, Bacharel em Letras, que me ajudou a decidir pelo método da Análise do Discurso após muitas conversas que fazem parte do acervo cuidado por Lucien, e especialmente por sugerir a leitura de algumas obras.

A todos os meus amigos por terem sido decisivos ao longo da trajetória que me trouxe até aqui, em especial os irmãos da Turma Tiro & Queda — EPCAR 2003, com quem tive a oportunidade de conhecer o real significado da palavra amizade.

A todos os meus familiares, por sempre me orientarem e acreditarem em mim.

Aos meus pais, por me ouvirem sobre o trabalho e trocarem comigo ideias relevantes sobre o tema; e também por toda a base que me trouxe até aqui.

A Deus, por tudo, em especial por todas as pessoas que colocou em meu caminho, com quem tive oportunidade de aprender e compartilhar momentos da minha travessia.

'A vós, ingleses, que não tendes nenhum direito neste reino de França, o Rei dos Céus vos ordena, e manda por mim, Joana, a Donzela, que deixeis as vossas fortalezas e retorneis a vosso país...

Caso contrário, farei grande barulho'. (Joana D'Arc)

RESUMO

O tema desta monografia são as representações de Dilma Rousseff nos portais de notícias brasileiros G1, Uol e Terra durante a cerimônia de posse presidencial no dia 1º de janeiro de 2011. Com base no paradigma construcionista, buscamos analisar as representações de Dilma Rousseff nos referidos portais durante a cobertura da cerimônia de posse, desde as 9h30min da manhã até as 23h – levando em conta manchetes e destaques de capa, imagens e notícias. Para realizar essa análise, seguimos os objetivos específicos de 1) mapear os sentidos associados a Dilma Rousseff e 2) identificar as temáticas que receberam maior destaque nos portais de notícias. Utilizamos como referenciais teóricos fundamentais a teoria da representação, conforme trabalhada por Stuart Hall (1997), e a análise de discurso de linha francesa. Também tecemos considerações a respeito das particularidades do jornalismo online. Seguindo o ponto de vista teórico-metodológico da Análise do Discurso para o estudo de sentidos no jornalismo, selecionamos 182 sequências discursivas (SDs) nos três portais, chegando a quatro formações discursivas (FDs) que retratam Dilma Rousseff de formas particulares: 'Liderança Feminina' (FD1); 'Criada por Lula' (FD2); 'Radical e Autoritária' (FD3); e 'Sensível e Feminina' (FD4). Identificamos um total de 76 SDs com presença da FD1 (41,76%); 71 SDs com presença da FD2 (39,01%); 28 SDs com presença da FD3 (15,4%); e 25 SDs com presença da FD4 (13,7%). Concluímos que as diferentes formações discursivas estão ligadas a uma ideologia profissional e às coerções que o jornalista sofre em sua rotina, como o tempo limitado e a disputa pela audiência, fatores que o levam a lançar mão de diversas representações culturalmente compartilhadas sobre a realidade.

Palavras-chave: Jornalismo; Representação; Análise do Discurso; Dilma Rousseff; Portais de notícias brasileiros (G1, Uol, Terra).

ABSTRACT

This monograph is about Dilma Rousseff's representations in Brazilian news websites G1, Uol and Terra during the presidential inauguration ceremony on January 1st, 2011. Based on the constructionist paradigm, we aimed to analyse Dilma Rousseff's representations in the aforementioned websites during the journalistic coverage of the inauguration ceremony from 9:30a.m. to 23p.m. - considering headlines, images and news texts. In order to carry out such analysis, we pursued the specific objectives of 1) mapping the meanings associated with Dilma Rousseff and 2) identifying the most emphasized subjects in the news websites. Our theoretical grounding is comprised of the representation theory, as worked out by Stuart Hall (1997), and the French Discourse Analysis. We also considered the singularities of online journalism. Following the theoretical-methodological viewpoint of the Discourse Analysis for the study of meanings in journalism, we selected 182 discursive sequences (DSs) in the three websites, which led us to encounter four discursive formations (DFs). These DFs portray Dilma Rousseff in particular ways: 'Female Leadership' (DF1); 'Created by Lula' (DF2); 'Radical and Authoritarian' (DF3); and 'Sensitive and Feminine' (DF4). We identified a total of 76 DSs linked to DF1 (41,76%); 71 DSs linked to DF2 (39.01%); 28 DSs linked to DF3 (15,4%); and 25 DSs linked to DF4 (13,7%). We have come to the conclusion that the presence of such diverse discursive formations is connected with a professional ideology and constraints that journalists are subject to in their routine, such as a limited amount of time and competition for the public. Such factors lead journalists into making use of various socially shared representations of reality.

Key-words: Journalism; Representation; Discourse Analysis; Dilma Rousseff; Brazilian news websites (G1, Uol, Terra).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Dilma à frente dos homens do Congresso – G1, capa	62
FIGURA 2 – Dilma chega ao Congresso – Uol, capa	62
FIGURA 3 – Dilma aplaudida quando candidata – Terra, capa	63
FIGURA 4 – Dilma envolvida e beijada na testa por Lula – G1, texto 02	67
FIGURA 5 – Dilma é instruída por Lula – G1, texto 02	68
FIGURA 6 – Dilma toma posse como presidente hoje – UOL, capa	73
FIGURA 7 – Imagem de notícia do portal G1 – Texto 09	77
FIGURA 8 – Mulheres da escolta de Dilma Rousseff – G1, Texto 09	77
FIGURA 9 – Entregador com arranjo de flores endereçado a Dilma – Terra, Texto	70
FIGURA 10 – Dilma abraça Lula – G1, capa	78

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. Justificativa	10
1.2. Problema, objetivo geral e objetivos específicos	13
1.3. Metodologia	13
1.4. Estrutura do Trabalho	14
2. REPRESENTAÇÃO, DISCURSO E JORNALISMO	16
2.1. Representação	18
2.2. Análise de Discurso	21
2.3. Jornalismo e Representação	27
3. WEBJORNALISMO	37
3.1. Os portais G1, UOL e Terra	45
4. A TRAJETÓRIA DE DILMA ROUSSEFF	51
4.1. O dia da cerimônia de posse	54
5. ANÁLISE DE DISCURSO COMO PONTO DE VISTA METODOLÓGICO	56
5.1. Coleta de dados	59
5.2. A análise propriamente dita	60
5.3. Formações discursivas	60
5.3.1. Liderança feminina (FD1)	60
5.3.2. Criada por Lula (FD2)	66
5.3.3. Radical e Autoritária (FD3)	72
5.3.4. Sensível e Feminina (FD4)	76
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	87
A PÊNDICES.	95

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão aborda as representações de Dilma Rousseff nos portais G1, Uol e Terra¹, na cobertura da cerimônia de posse presidencial ocorrida no dia 1º de janeiro de 2011. O estudo é feito à luz das teorias que consideram a construção social da realidade, as quais compreendem que os símbolos empregados na comunicação humana não traduzem uma realidade transparente – mas, antes, é no próprio ato de produção e reprodução de significados e sentidos que a realidade, ou o conhecimento sobre ela, é socialmente construído de uma maneira particular a cada cultura.

A posse de Dilma Rousseff mobilizou os principais veículos de comunicação do país, que realizaram intensa cobertura, com acompanhamento ao vivo do desfile, da posse oficial no Congresso e da transmissão da faixa presidencial no Palácio do Planalto, com os discursos subsequentes a cada um desses dois eventos e, por fim, a recepção aos chefes de Estado no Itamaraty.

Além da transmissão ao vivo e da cobertura de cada momento da posse, os meios de comunicação abordaram questões paralelas - os *fait divers*, ou fatos diversos – como as mulheres da guarda pessoal de Dilma, as pessoas que vieram de lugares distantes para acompanhar a posse etc. Ainda, houve matérias a respeito do presidente Lula deixando o cargo e matérias e comentários sobre a biografía de Dilma Rousseff e do vice Michel Temer, além dos chefes de estado que compareceram à cerimônia (G1, 2011a, 2011b; UOL, 2011a, 2011b; TERRA, 2011a, 2011b).

É importante considerar a particularidade da internet na questão da diversidade e quantidade de matérias em um dia e com relação a um mesmo acontecimento. Ao contrário do jornalismo impresso, de rádio e televisivo, os portais não têm limitação de espaço ou tempo, podendo veicular de forma simultânea os diferentes conteúdos (EDO, 2007).

1.1. Justificativa

A noção do jornalismo como atividade neutra, que surgiu a partir da profissionalização do jornalismo no século XIX (FRANCISCATO, 2005) – com a técnica da pirâmide invertida, a partir das limitações técnicas na Guerra de Secessão dos EUA (CANAVILHAS, 2007) e das perguntas básicas a serem respondidas (o que, quem, quando, onde, como, por quê) – ainda

¹ Os portais, sempre que mencionados em conjunto, serão apresentados na ordem G1, Uol e Terra porque foi nessa ordem que cada portal foi analisado.

sustenta o imaginário sobre o que é bom jornalismo, mas já foram amplamente superadas nos estudos sobre jornalismo. Para Eduardo Meditsch (1997), o jornalismo é uma forma de produzir conhecimento que pode ser tão válida quanto a Ciência, mas com característica diferente. Enquanto a Ciência aplica o rigor do método, o jornalismo parte de noções culturalmente compartilhadas, o senso comum, e fala sobre o que ocorre de incomum ou singular em relação ao que pressupõe como socialmente considerado normal. O autor afirma que o jornalismo fornece conteúdo para uma compreensão geral a respeito da sociedade e possibilita manter a comunicabilidade entre os diferentes setores especializados de produção de conhecimento; o jornalismo não poderia retratar uma verdade objetiva, ao contrário do que está no imaginário tradicional, mas pode realizar *enunciados verdadeiros*, assim como o fazem as outras formas de conhecimento: são maneiras particulares de retratar e interpretar a realidade.

A análise de texto e imagem é por isso importante, já que ajuda a identificar representações nas construções simbólicas inerentes à atividade jornalística, de modo a compreender o que está sendo dito nos meios, e que isso são construções aliadas a formações ideológicas particulares.

Por sua importância, mobilizando as atenções de toda a mídia nacional, a cerimônia de posse de Dilma Rousseff é um objeto adequado de análise. Nesse evento, há uma forte carga de significação — a primeira mulher presidente, a sucessão a um presidente popular, uma presidente que não ocupou cargos eletivos anteriormente, uma ex-integrante de grupo armado de oposição à ditadura. Análises de representações como essa se tornaram comuns no meio acadêmico, como é o caso da dissertação de Débora Gadret, a qual analisa o enquadramento jornalístico de Dilma Rousseff no Jornal Nacional (GADRET, 2011), os modos de representar a candidata. O próprio enquadramento jornalístico da posse de Dilma Rousseff é analisado em outro trabalho, sob a ótica do acontecimento. (GADRET; PORCELLO, 2011).

Em paralelo, os estudos de mídia on-line também têm crescido nos últimos anos, conforme o próprio crescimento dessas mídias. A questão mais ressaltada em relação ao jornalismo on-line em pesquisas, no entanto, é o seu diferencial técnico – seja a questão do *hiperlink*, da instantaneidade, da capacidade de arquivamento de informação e rápido acesso de qualquer parte do mundo, o compartilhamento, a convergência, a interatividade, o maior espaço para informações, enfim – e como isso influencia os conteúdos (BARBOSA, 2007).

O que o presente estudo propõe é uma análise sobre a construção de representações dentro desse contexto on-line. Pretende-se avaliar como o discurso em cada portal carrega em si diferentes (ou semelhantes) sentidos e como cada portal utilizou-se da linguagem on-line

onde o discurso se materializa. Pensando o jornalismo on-line como atividade de registro instantâneo, uma característica peculiar e decisiva dessa modalidade é o arquivamento imediato (EDO, 2007): é a possibilidade de o usuário acessar autonomamente o discurso sobre fatos que ocorreram minutos antes, seja sobre o próprio evento ou sobre acontecimentos paralelos. Tal fator é decisivo em coberturas que ocorrem ao longo de um dia e que possibilitam o aparecimento de diversas construções simbólicas referentes ao tema.

Através de um levantamento geral sobre o estado da arte desses temas, pode-se afirmar que representação e jornalismo on-line figuram juntos em algumas pesquisas. No entanto, a maioria das análises on-line se faz em relação à interatividade do público, por exemplo, em períodos eleitorais. Uma monografia desenvolvida na UFRGS em 2011, por Carolina Maia de Aguiar (2011), com orientação da professora Virgínia Fonseca, tratou da representação de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros em um portal segmentado, o Mix Brasil – portanto, um estudo de representação na internet, mas em apenas um portal ao longo de um período (LUME, 2012). Outros trabalhos abordam a questão dos blogs e a participação do público na produção de conteúdo jornalístico on-line (GASTAL, 2009; JANOVIK, 2010; MAIA, 2012, SPANHOL, 2012).

Trabalhos comparativos foram realizados, também na UFRGS, no âmbito do jornalismo semanal impresso, como os casos da dissertação de Janaíne Santos (2009), com a orientação da professora Marcia Benetti, sobre estratégias discursivas nas quatro revistas semanais informativas de maior circulação nacional, e a monografia de Alexandre Haubrich (2009), com orientação da professora Virgínia Fonseca, sobre a abordagem da renúncia de Fidel Castro nas mesmas quatro revistas; o trabalho de conclusão de curso que mais se aproxima desta monografia é o de Daniela de Bem (2011), com orientação de Daiane Bertasso Ribeiro, que adota o método da análise de discurso para identificar os sentidos atribuídos a Barack Obama ao longo do ano eleitoral de 2008 nos EUA nas Revistas Veja e Época.

A pesquisa que mais se aproxima à proposta deste trabalho é a dissertação de Débora Gadret (2011), com orientação do professor Flavio Porcello, sobre o enquadramento de Dilma Rousseff e sua representação no Jornal Nacional, enquanto ela era ministra, entre 2009 e 2010. A principal diferença é que tal dissertação adota o método da análise de conteúdo, enquanto a proposta aqui é de análise de discurso, como será mostrado no item sobre metodologia, além da diferença temporal, a qual possibilita algumas variantes quanto às representações da Dilma. No entanto, como já referido acima, a autora, juntamente com Flavio Porcello, também fala sobre o enquadramento da posse de Dilma Rousseff, em um artigo publicado no livro "Jornalismo em acontecimento", intitulado "O acontecimento

político programado: os enquadramentos políticos da posse de Dilma Rousseff' (GADRET; PORCELLO, 2011)².

Dessa forma, o trabalho de conclusão aqui proposto insere-se no contexto das pesquisas que consideram a presença de sentidos construídos no discurso jornalístico; discurso que, em sua materialidade nos meios de comunicação, remete à construção da realidade pelo jornalismo. O tema proposto neste trabalho, portanto, soma-se ao conjunto de pesquisas na área, ao mesmo tempo em que oferece uma abordagem particular ao considerar a representação de uma pessoa na cobertura de um evento específico em diferentes meios online, com as particularidades que o suporte internet apresenta.

1.2. Problema, objetivo geral e objetivos específicos

A pergunta de pesquisa é "Quais representações de Dilma Rousseff são apresentadas na cobertura dos portais de notícias brasileiros G1, Uol e Terra, no dia 1º de janeiro de 2011, durante a cerimônia de posse presidencial?"

O **objetivo geral** do trabalho, portanto, é analisar as representações de Dilma Rousseff na cobertura dos portais de notícias brasileiros G1, Uol e Terra no dia 1º de janeiro de 2011, durante a cerimônia de posse presidencial. Para isso, os **objetivos específicos** do trabalho são 1) Mapear os sentidos associados à presidente Dilma Rousseff e 2) Identificar as temáticas que receberam maior destaque nos portais de notícias que contribuem para a produção de sentidos.

1.3. Metodologia

Analisamos as notícias produzidas nos três portais e as respectivas capas desde as 9h30min até às 23h do dia 1º de janeiro, selecionando os textos relevantes para o objetivo da análise. Através de um estudo de sentidos, por meio da análise do discurso aplicada ao *corpus* de pesquisa, foram identificadas 182 sequências discursivas (SDs) vinculadas a quatro

-

² Nesse artigo, o objeto de estudo dos autores é a posse de Dilma como acontecimento midiático, e não Dilma Rousseff em si. Gadret e Porcello estudam como o acontecimento foi interpretado nos principais telejornais, jornais e revistas do país, e também nas versões on-line de jornais estrangeiros. Os autores tecem considerações a respeito da representatividade do evento relacionada à história da democracia na memória social, e identificam enquadramentos tanto de dúvida quanto de confiança em relação ao novo governo. Assim como este trabalho, o capítulo destaca a abordagem da questão de gênero. Gadret e Porcello concluem que a chegada da primeira mulher à presidência no Brasil recebeu enquadramento positivo - pressupondo um consenso social em relação a essa interpretação. Os autores sustentam que não só os acontecimentos imprevisíveis têm valor de noticiabilidade para os jornalistas, como também acontecimentos programados, a exemplo da posse de Dilma. No entanto, para serem noticiáveis, os acontecimentos programados precisam ter certas características, como a dimensão da repercussão e a dimensão temporal (a qual ocorre, por exemplo, quando o acontecimento em questão marca o fim de um período e o início de outro).

Formações Discursivas (FDs) a respeito de Dilma Rousseff: Líder Feminina (FD1), Criada por Lula (FD2), Radical e Autoritária (FD3) e Sensível e Feminina (FD4), que são interpretações particulares e frequentemente dadas como fatos; cada uma dessas formações é posteriormente comentada na análise.

1.4. Estrutura do Trabalho

As bases teóricas são apresentadas no Capítulo 2 — Representação, Discurso e Jornalismo, e são fundamentalmente as considerações de Peter Berger e Thomas Luckmann sobre a produção social do conhecimento, a noção de representação trabalhada por Stuart Hall, e a Análise de Discurso de linha francesa segundo as considerações de Eni Orlandi e Michel Foucault e, no caso específico de sua aplicação ao jornalismo, de Marcia Benetti, que também fornece os procedimentos metodológicos para análise do objeto em questão. Em relação a essas bases teóricas fundamentais, outros autores do campo do jornalismo também dão suporte, entre eles Gaye Tuchman, que fala sobre o ritual estratégico da objetividade que cria um efeito de verdade em relação ao jornalismo, Christa Berger, Carlos Eduardo Franciscato e João Correia, que também trabalham a noção de discurso e representação em jornalismo, Patrick Charaudeau e suas considerações sobre o discurso das mídias, Luiz Gonzaga Motta, que aborda a narratividade na produção de sentidos, e Eduardo Meditsch, que tece considerações a respeito do jornalismo como forma de conhecimento, entre outros autores, além dos próprios estudos de Stuart Hall *et. al.* a respeito da reprodução de ideologias na atividade jornalística.

Bases teóricas sobre o jornalismo on-line são apresentadas no Capítulo 3 — Webjornalismo, e contam com as considerações de Zélia Leal Adghirni sobre o fetiche do tempo real, contextualizando a evolução histórica desse tipo de jornalismo no Brasil, e os aspectos que diferenciam o jornalismo on-line dos demais meios, com as contribuições de Concha Edo, João Canavilhas e Luciana Mielniczuk, que também faz considerações a respeito das nomenclaturas de jornalismo on-line e webjornalismo. Também nesse capítulo são apresentados os portais analisados: G1, Uol e Terra, escolhidos por serem os de maior número de leitores no país.

O Capítulo 4 – A Trajetória de Dilma Rousseff – fornece o contexto, apresentando uma biografía resumida da presidente com destaque a eventos relevantes para a análise em questão, seguida de uma retrospectiva sobre o que aconteceu no dia da cerimônia de posse presidencial.

No Capítulo 5 – Análise de Discurso como ponto de vista metodológico – se detalha os procedimentos para análise e explica-se como foi constituído o *corpus* de pesquisa para, em seguida, passar à análise propriamente dita das quatro formações discursivas encontradas nos três portais estudados. Ao longo da análise, são feitos comentários a respeito de como as formações discursivas ocorrem em cada um dos três portais e de que forma os sentidos se manifestam, seja em textos, manchetes, linhas de apoio, fotos ou legendas. Também são feitas considerações a respeito de como as diferentes representações de Dilma Rousseff relacionam-se entre si.

Por fim, nas considerações finais é feita uma apreciação geral dos resultados da análise, com observações sobre as formações ideológicas que regem as formações discursivas encontradas e uma avaliação final sobre as representações de Dilma Rousseff durante a cerimônia de posse presidencial nos portais de notícias on-line G1, Uol e Terra.

2. REPRESENTAÇÃO, DISCURSO E JORNALISMO

O panorama teórico sobre o qual este trabalho de conclusão de curso se fundamenta é o dos estudos que consideram a construção social da realidade – isto é, que a compreensão da realidade não é objetiva, transparente ou igual para todos os seres humanos, ou ao menos não é a única possível. Nesse sentido, a língua não traduz significados únicos que já existiam anteriormente a ela na natureza. Antes, o próprio "significado" pressupõe uma mediação entre o mundo natural (ou mesmo social) e a sua interpretação particular por meio de signos socialmente construídos. A língua, instrumento fundamental de interpretação da realidade dentro de um contexto social, é ela mesma uma construção – pressuposto essencial da variabilidade cultural das sociedades humanas. Este trabalho de conclusão leva em conta a construção social da realidade particularmente na sua aplicação ao campo do jornalismo e da produção de sentidos dentro desse campo.

Stuart Hall (1997) ilustra a relação da língua com a noção de variabilidade cultural ao comparar a compreensão da cor branca entre ingleses e inuits, povo indígena do Alaska. Aquilo que os ingleses reconhecem como apenas "white" para os inuits abarca dezenas de cores diferentes — o que pode ser explicado pela necessidade de sobrevivência dos inuits em um meio em que o gelo é predominante e precisam *diferenciar* os locais onde podem pisar daqueles que podem quebrar com seu peso.

O destaque em "diferenciar" remete a duas questões fundamentais para o desenvolvimento do quadro teórico neste trabalho. A primeira é a necessidade de diferenciação de matizes de branco por parte dos inuits: a língua é construção motivada pela atividade prática de uma sociedade, ou seja, tem um desenvolvimento histórico. A segunda é que a identidade atribuída através da língua se dá em um sistema de diferenciações – algo o é porque todas as outras coisas não o são. O branco é branco porque não é preto, azul, vermelho etc. O inuit é inuit porque não é inglês e vice-versa. Determinada cor dentro do conjunto branco para o inuit tem uma identidade porque se diferencia de todas as outras cores dentro do que para nós é branco e também dentre todas as outras cores. Já para nós, as cores que existem para o inuit com identidade própria são apenas tomadas como branco e por isso é até mesmo como se não existissem para nós – dificultando inclusive nossa habilidade em diferenciar "tons de branco" simplesmente porque essas definições *não existem* no sistema lingüístico passado para nós pelo meio em que fomos primeiramente socializados.

Ao considerar que há elementos que *existem* em uma língua e *não existem* em outra, estamos considerando o caráter não-absoluto da compreensão da realidade e, portanto, sua construção social.

Os sociólogos alemães Peter Berger e Thomas Luckmann condensam diversos conceitos em relação à construção social do conhecimento na obra "A Construção Social da Realidade" (2009). Eles tomam da teoria de Karl Marx o conceito central de *reificação*. A reificação ocorre quando o sujeito perde de vista a sua própria autoria do mundo social, passando a considerá-lo como um fato da natureza.

No desenvolvimento da teoria, Berger e Luckmann retratam a passagem de conhecimento de uma geração para a outra. Digamos que a primeira contenha inuits que perderam um amigo que pisou em gelo quebradiço e se obrigaram a desenvolver designações específicas para diferentes tons de branco, as quais eles não possuíam anteriormente. Para seus filhos, esses inuits transmitem essas designações. A segunda geração, então, tende a tomar essa forma de interpretar o mundo como sendo *o mundo*, como se não houvesse alternativa. A reificação é uma tendência nas gerações posteriores àquela em que o conceito surgiu. Ao empregarem as denominações que aprenderam com seus pais, os inuits das gerações seguintes utilizam uma língua construída ao mesmo tempo em que a constroem novamente, num *processo* constantemente dual. Processo porque a língua e os significados são uma produção histórica. Além de histórica, a produção é social porque resulta da motivação de comunicação entre seres humanos, sendo necessário desenvolver significados partilhados que podem ser expressos por determinado signo, por exemplo, uma palavra. O processo de reificação completa-se caso os inuits percam de vista que há alternativas à sua maneira de compreender a realidade.

Trazendo esse conceito para o jornalismo, um exemplo de reificação seria interpretar um texto como se ele só pudesse ter sido escrito daquela forma e que ele traduz de forma transparente uma realidade que é objetiva. É importante frisar que a construção de significados não ocorre apenas na expressão, mas também na leitura.

Sobre a questão da objetividade, Gaye Tuchman (1993), em seu texto "A objetividade como ritual estratégico", discorre sobre como os jornalistas trabalham essa noção, de modo a se defenderem de possíveis críticas de superiores ou leitores e evitarem processos de difamação. Os repórteres se dizem objetivos para ocultar a presença de opiniões próprias nas notícias que se pretendem *factuais*, para comprovar os fatos que afirmam e para não serem tidos como politicamente tendenciosos ao colocar o que disse uma fonte e não outra com posicionamento diverso. Ouvir os diferentes lados a respeito de um tema, providenciar provas

suplementares, ouvir uma fonte oficial que tenha domínio sobre as informações desejadas, utilizar aspas naquilo que foi dito por outra pessoa e conseguir que as fontes expressem aquilo que é a opinião do repórter são maneiras de fazer as informações passarem-se por factuais, ou então de o jornalista se defender caso seu artigo seja acusado de leviano ou tendencioso. Essas estratégias são empregadas para provocar efeito de verdade sobre o que é publicado como sendo factual.

Há diversas teorias e métodos de pesquisa vinculados ao paradigma construcionista (BENETTI, 2007; HALL, 1993; FRANCISCATO, 2005; entre outros). Neste trabalho, os fundamentos teóricos essenciais são a análise de discurso, que também é um método, e o conceito de representação.

2.1 Representação

O conceito de representação é introduzido por Stuart Hall (1997) no livro "Representações Culturais e Práticas de Significação". Tendo em vista que a compreensão da realidade, conforme já exposto, não é absoluta, o que faz com que a linguagem (Hall amplia o conceito para signos compartilhados em geral, não apenas a língua) sustente o diálogo entre participantes de uma sociedade e possibilite que eles construam uma cultura de entendimentos partilhados é porque ela

funciona como sistema de representação. Na linguagem, utilizamos sinais e símbolos – podendo ser sons, palavras escritas, imagens produzidas eletronicamente, notas musicais, até objetos – que significam ou representam para outras pessoas nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um dos meios através dos quais pensamentos, ideias e sentimentos são representados em uma cultura. A representação através da linguagem, portanto, é central para os processos através dos quais é produzido o significado (HALL, 1997, p. 1).

Disso depreende-se que a representação é a interpretação da realidade – ideias, pensamentos e sentimentos – manifestada ou comunicada através de um meio; a linguagem é a produção sistêmica de representações partilhadas. Isso não quer dizer, conforme esclarece o próprio Hall, que a cultura seja unitária: "em qualquer cultura há sempre uma grande diversidade de significados acerca de todo e qualquer tópico e mais de uma forma de interpretar ou representá-lo" (HALL, 1997, p. 3).

A variabilidade cultural e a variabilidade de interpretações, aliás, é um dos pressupostos da representação e do próprio paradigma construcionista: "até algo tão óbvio quanto a palavra *stone* (no inglês, pedra) pode ser uma pedra, um marco, uma divisa ou uma escultura, dependendo de *o que significa*" (HALL, 1997, p. 3, grifos do autor).

Apesar da variabilidade de interpretações, a cultura depende de que os indivíduos interpretem o mundo de forma geral semelhante, ou a própria comunicação e a sociedade não seriam possíveis. Existe, portanto, uma condição de compartilhamento de significados, mas também de possibilidade de desentendimento dentro de um sistema de representações. O significado é um diálogo porque produzido socialmente – mas "sempre apenas parcialmente compreendido, sempre um intercâmbio desigual" (HALL, 1997, p. 4).

Representar é significar algo através de um meio. Resultado de um processo histórico, a representação não é a indicação de coisas que já tenham seu significado estabelecido. Uma visão convencional de representação, segundo Hall, compreendia que as coisas teriam

um significado perfeitamente claro, fora do qual são representadas. A representação (...) é um processo de importância secundária que só é levado em consideração depois que as coisas tenham sido inteiramente formadas e seu significado constituído (HALL, 1997, p. 5)

Na realidade, com o paradigma construcionista que surge, como explica Hall, a partir dos anos 60 do século XX,

a representação é concebida como importante para a própria constituição das coisas; e assim a cultura é conceituada como processo primário ou "constitutivo", tão importante quanto a "base" econômica ou material da padronização dos sujeitos sociais e dos eventos históricos – não meramente uma reflexão sobre o mundo após o evento (HALL, 1997, p. 5)

A primeira definição da representação apresentada acima por Hall, considerando o que foi exposto até aqui, é uma definição reificada, que considera os significados como estabelecidos, perdendo de vista a construção social contínua dos mesmos.

Hall prossegue expondo as duas grandes abordagens acadêmicas do funcionamento da cultura e da representação: a abordagem semiótica e a abordagem discursiva.

Enquanto a semiótica estuda como a linguagem funciona em sua estrutura sistêmica, a abordagem discursiva questiona a produção de significados pela sua *historicidade* e sua associação ao poder. A análise de discurso leva em consideração os locais de fala na sociedade que são ocupados pelos sujeitos em diferentes momentos. O discurso, segundo essa perspectiva, sofre coerções de várias ordens, preconizando quem pode dizer o que na sociedade, e como o discurso deve ou não deve ser dito.

A ênfase na abordagem discursiva reside sempre na especificidade histórica de determinada forma ou regime de representação: não na linguagem como preocupação geral, mas em linguagens ou significados específicos, e como são dispostos num tempo e espaço determinados. Assinala uma especificidade histórica maior — a forma como as práticas de representação funcionam em situações concretas, na prática real (HALL, 1997, p.6).

Além de conceitos aparentemente simples como uma pedra, há também as representações de coisas que não podem ser percebidas no mundo natural – como "anjos dançando na cabeça de um alfinete" (HALL, 1997, p. 13)

Há ainda, pensando na constituição da sociedade e seus grupos, as representações sobre a identidade cultural e nacional, relacionadas ao pertencimento. Essas representações podem, em alguns casos, ser construídas a partir de conflitos políticos, como ocorre com as propagandas que nações em guerra fazem uma da outra.

A representação pode, portanto, ser a atribuição de *sentido* a uma pessoa ou grupo em um universo social, pressupondo diferenciação entre indivíduos de uma sociedade e a própria definição de sociedade, com a definição associada de quem pertence a ela e de quem está fora dela. Não raro, essa diferenciação está associada à disputa por poder (CORREIA, 2009).

Um caso exemplar desse tipo de representação é a generalização, ou a "tipificação" na terminologia de Berger e Luckmann (2009) – os alemães, digamos, *são* "frios e eficientes", ou "frios e assassinos". Além da raiz histórica de conflitos implícita, destaque-se a dupla representação – por um lado, uma pessoa alemã torna-se automaticamente "fria e eficiente" *por ser alemã*. Por outro lado se, digamos, essa pessoa gosta de poesia e pintura renascentista, ao viver em outro país, a partir dela as pessoas desse outro país podem chegar à conclusão de que "é coisa de alemão" gostar de poesia e pintura renascentista.

Se em relação a isso ainda considerarmos o conceito de reificação, é possível que se perca de vista o processo histórico de construção dessas representações acerca da identidade de um indivíduo relacionada à identidade de um grupo. Assim, pode passar a ser considerado como dado, um fato da natureza, que existe um grupo particular de seres humanos com as mesmas características, em que todos são frios e eficientes (ou assassinos), poetas e frequentadores de galerias de arte, e que uma pessoa identificada como oriunda desse grupo possui naturalmente essas características *a priori*. Isso pode chegar ao ponto de se inverter a ordem – de uma pessoa considerada fria, passa-se a dizer que tem uma "frieza germânica"; já não só uma pessoa é fria *por ser alemã* como também "é alemã" por ser fria.

No exemplo acima, a representação parece ser de certo modo explícita, mas no mundo social a reificação nem sempre é *ictu oculi*. Um caso que pode ser destacado nesse sentido é a

questão da desigualdade social no Brasil. Reificar a desigualdade social é considerá-la como sendo natural e estanque, como se não fosse resultado de um processo histórico e não dependesse da ação contínua das pessoas. Ou ainda, perder de vista a própria construção histórica de conceitos como "desigualdade" e "prestígio social".

No caso de se falar em uma presidente (ou *presidenta*) ex-guerrilheira e braço direito do seu antecessor, a própria escolha de se referir a ela com essas representações já é uma representação a seu respeito, acompanhada de vários outros conceitos associados à história e à política de sua sociedade.

2.2. Análise de Discurso

A análise de discurso é uma corrente teórica originada nos anos 60 do século XX na França. Essa área de estudos reúne conceitos da Lingüística, do Marxismo e da Psicanálise, mas não se vincula a nenhuma delas e mesmo as critica. Essa consideração é feita de forma introdutória por Eni Orlandi (2012) em "Análise de Discurso: princípios e procedimentos"

Interroga a Lingüística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2012, p.20).

A Lingüística trabalha com os conceitos de forma e conteúdo. A forma é um trecho de fala em que se produzem palavras, signos. O conteúdo é o conjunto de conceitos aos quais essa fala remete. A forma é passageira e o conteúdo é sistêmico, constante. Já na análise de discurso,

não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história (ORLANDI, 2012, p.19).

Considerando a contribuição do Marxismo, há a noção de construção da língua e dos significados a partir da prática diária dos homens, incluindo sua associação para trabalhar na utilização e gerenciamento dos recursos naturais e os possíveis conflitos decorrentes, mas também se considera a prática dos homens a partir do simbólico. A análise de discurso, afirma

Orlandi, conjuga a língua com a história na produção de sentidos; nos estudos do discurso, a forma material é "encarnada na história para produzir sentidos (...), portanto, lingüístico-histórica" (ORLANDI, 2012, p. 19). Para a análise de discurso:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Lingüística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos)
- c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redunda em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2012, p. 19).

São conceitos centrais para a análise de discurso, portanto, a *historicidade*, que é a construção histórica dos significados presentes no discurso, ou ainda, a construção de sentidos que vai sendo feita através da língua em um texto – considerando o contexto ligado à história e à situação em que os sentidos "acontecem" no discurso (CHARAUDEAU, 2007)³; a noção de *sujeito*, determinado através de significados construídos historicamente e que ocupa locais na sociedade onde o discurso se manifesta de determinada forma; *sentido*, que é o significado, a interpretação particular atribuída a algo, afetada pela historicidade e que pressupõe outras formas de interpretar; e a *ideologia*, efeito de relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido, para que enfim haja realidade.

As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós (ORLANDI, 2012, p.20).

A ideologia é condição para a existência de sujeitos. Ela está ligada à memória histórica de um grupo social e, assim como o inconsciente, dissimula sua existência dentro de seu próprio funcionamento. Pêcheux define que a ideologia produz um tecido de evidências subjetivas "nas quais se constitui o sujeito" (PÊCHEUX, 1975 *apud* ORLANDI, 2012, p.46). É a partir da ideologia que ocorre a interpretação das coisas como se o sentido fosse uma evidência, como se já estivesse naturalmente ali.

-

³ "A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de *discurso*, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido" (CHARAUDEAU, 2007, p. 33, grifo do autor).

O conceito fundamental na análise de discurso – o discurso – é a sua definição como um "efeito de sentidos entre locutores" (ORLANDI, 2012, p. 21). Essa definição pressupõe interação social em que tanto o sujeito que enuncia como o que lê estão produzindo constantemente esse efeito, afetados pela língua e pela história, pela memória inconsciente dos significados construídos nas práticas diárias de sua sociedade ao longo do tempo.

Outra diferença em relação à Lingüística é que a análise de discurso não considera a língua como um sistema fechado e sem falhas. A sistematicidade da língua não existe como bloco homogêneo de regras. A língua, conforme Orlandi, é condição de possibilidade do discurso.

Em todo o discurso, sustenta Orlandi, está presente o interdiscurso. Os significados presentes no discurso já foram ditos por alguém em outro momento e mesmo em lugares muito distantes. Os sentidos presentes no discurso podem inclusive ser contrários à intenção do enunciador. Eni Orlandi dá o exemplo de eleições no campus, envolvendo chapas que se dizem, todas, de esquerda. Uma faixa no local de votação diz *Vote sem medo!* em letras brancas sobre fundo negro. Na análise da autora, é uma acusação implícita de uma chapa sobre outra que estaria intimidando os eleitores. Orlandi destaca que a alusão ao medo e intimidação e a própria cor negra remetem a sentidos historicamente ligados à direita, ao fascismo. Para perceber isso, ela explica, basta fazer uma *paráfrase*: uma faixa com os dizeres *Vote com coragem!*, com letras vermelhas em fundo branco, remetendo a sentidos de revolução, à esquerda. Mesmo que não tenha sido a intenção de quem fez a faixa negra, os sentidos ligados à direita estão presentes nela.

Ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos mas não aprendemos como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente. Por que somos afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles. Mas certamente o fazemos determinados por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia (ORLANDI, 2012, p. 34).

Ao enunciar o conceito de *esquecimento* elaborado por Michel Pêcheux, Orlandi retoma conceito semelhante ao de reificação, aquele tomado de Marx por Berger e Luckmann. Na realidade, os autores alemães aplicam o conceito mais à construção do mundo social material; o esquecimento de Pêcheux é como se fosse a reificação dos alemães aplicada ao simbólico, que não deixa de estar associado à materialidade.

Há dois tipos de esquecimento. O esquecimento "número dois" (Orlandi apresenta primeiro o número dois) está na própria enunciação: ao falarmos ou escrevermos um texto, o fazemos de uma maneira e não outra. Um exemplo é dizer "sem medo" em vez de "com coragem" e vice-versa; ou ainda, os manifestantes "invadiram" em vez de "ocuparam" etc.

Esse esquecimento produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras (ORLANDI, 2012, p.35).

A autora chama atenção para a questão de como o não-dito informa o significado do que é dito. São os chamados *efeitos metafóricos*. É o efeito de algo ser dito de uma maneira e não de outra – o dito está no lugar do que não é dito. Em Linguística, já fizemos alusão à noção de que o significado de algo se dá em um sistema de oposições (o branco é branco porque não é azul, vermelho etc.). Na análise de discurso,

consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz "x", o não-dito "y" permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de "x". Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra: "terra" significa pela sua diferença com "Terra", "com coragem" significa pela sua relação com "sem medo" etc. (ORLANDI, 2012, p.82).

Já o esquecimento número um se dá no plano da ideologia, é da instância do inconsciente e relacionado ao interdiscurso:

Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos. Na realidade, embora se realizem em nós os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade (ORLANDI, 2012, p. 35).

O esquecimento tem como consequência no campo do jornalismo o que pode ser chamado de *efeito de literalidade* (BENETTI, 2007) como veremos logo adiante.

Antes de introduzirmos os conceitos de formações discursivas e ideológicas, vamos falar brevemente sobre as coerções relacionadas à enunciação conforme estudo de Michel

Foucault (2001) exposto em sua aula inaugural no Collège de France em 1970 sob o título "A Ordem do Discurso".

De acordo com Foucault, na sociedade o discurso sofre restrições relacionadas à situação em que é enunciado, a quem está autorizado a enunciar determinado discurso e os critérios para enunciação que tornam o discurso válido.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada, e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2001, p. 9).

Nos termos do autor, teríamos a *interdição*, que diz respeito a três situações – o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito privilegiado do sujeito que fala (a rarefação do discurso); teríamos também a *rejeição*, cujo exemplo seria a separação entre razão e loucura; e ainda outro tipo de exclusão, a separação entre o que é considerado verdadeiro e o que é considerado falso. Foucault discorre sobre a questão do conhecimento considerado válido na ciência; ele comenta as formulações de Mendel sobre a hereditariedade, cuja veracidade foi contestada inicialmente pela biologia porque os procedimentos usados por ele não se enquadravam naquilo que a disciplina preconizava como métodos: "Mendel dizia a verdade, mas não estava 'no verdadeiro' do discurso biológico de sua época" (FOUCAULT, 2001, p.35).

O autor ressalta que a sexualidade e a política exercem no discurso "alguns de seus mais temíveis poderes" (FOUCAULT, 2001, p. 10) e que o discurso liga-se com o desejo e com o poder.

O discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2001, p. 10).

Em relação a isso, Orlandi (2012) traz o conceito de *relação de forças*, segundo o qual "podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz" (p. 39). Ela dá o exemplo de que se o sujeito fala do lugar de professor suas palavras significam diferentemente do que se falasse do lugar do aluno – e afirma: "não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade [...] que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções" (p.40). Os sujeitos

ocupam posições no discurso: "A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno" (ORLANDI, 2012, p. 40).

Tendo isso em vista, destaca a autora, há a noção de *formações imaginárias*, cujo mecanismo produz imagens dos sujeitos dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Disso resultam as posições sujeito locutor ("quem sou eu para lhe falar assim?"), sujeito interlocutor ("quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?") e também a do objeto do discurso ("do que estou lhe falando, do que ele me fala?"). A partir disso, pode-se falar sobre a questão da antecipação – "a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante" (ORLANDI, 2012, p. 40).

Tais considerações são importantes pela sua aplicação ao campo do jornalismo, onde a produção de notícias é marcada por diversas coerções (BENETTI, 2007) e por uma *ideologia profissional* (HALL *et. al.*, 1993) que marca a noção do pessoal e da organização de um jornal a respeito do que são boas notícias e do que interessaria ao leitor. A noção de coerção está presente no conceito de *contrato de comunicação*⁴ elaborado por Patrick Charaudeau (2007) em "O Discurso das Mídias" e também no conceito de *definidores primários* de Hall *et. al.* (1993), que retomaremos adiante.

Fazemos aqui uma breve consideração sobre coerções intra-organizacionais tendo por base os estudos de Warren Breed (1993), que identifica seis coerções a que o pessoal das redações, os *staffers* (de repórteres a editores intermediários), estão sujeitos dentro do contexto organizacional de um jornal: 1) autoridade institucional e sanções – embora a política do veículo muitas vezes não seja declarada, os *staffers* a aprendem pela experiência, através do conhecimento do que os superiores pensam em reuniões de rotina e de quais pautas caem ou não recebem tanto destaque por determinados motivos. Os casos de demissão são muito raros segundo o autor; é o medo de sanções por atitudes contrárias a uma política não escrita da organização que faz com que os *staffers* se auto-censurem; 2) sentimentos de obrigação e estima para com os superiores – seja pelo emprego e oportunidade que o *staffer* ganha, seja por admirar o trabalho dos superiores, ou por ter sido defendido diante de outras instituições etc.; 3) aspirações de mobilidade – o desejo de galgar postos na carreira e, portanto, não ir de encontro à política do jornal; 4) ausência de grupos de lealdade em conflito

-

⁴ O contrato de comunicação está relacionado ao quadro de referência cultural em que se encontram enunciador e receptor para que a comunicação humana seja possível, através de convenções e normas de comportamentos linguageiros. O contrato consiste do reconhecimento de enunciador e receptor das restrições que regem a comunicação, as quais dizem respeito à situação particular em que a comunicação ocorre, com a associada intencionalidade dos sujeitos, o tema do qual se fala e as posições sociais dos sujeitos envolvidos, o que dá sentido à linguagem utilizada naquela situação com determinados objetivos.

– não há prova, segundo Breed, de que um grupo de *staffers* alguma vez tenha se organizado para protestar dentro de uma redação; 5) o prazer da atividade – a cooperação na redação entre *staffers* e superiores/executivos no cumprimento das tarefas, como troca de ideias; o fato de os jornalistas gostarem de seu trabalho, como entrevistar, descobrir, escrever sobre acontecimentos; e as gratificações não-financeiras, como conhecer pessoas interessantes ou em posição de autoridade, ser o primeiro a saber, variedade de experiências, etc.; 6) a notícia torna-se um valor – notícias são um desafio constante e o jornalista está sempre atrás delas, num contexto de competição em que *a velocidade é realçada*. Dessa forma, quaisquer outras questões, incluindo possíveis conflitos, são deixados de lado diante de uma notícia. A notícia é um valor positivo e, para persegui-la, a solidariedade na redação é reforçada.

Ainda em relação à Análise de Discurso, abordamos a questão da regularidade do discurso. Segundo Orlandi (2012) é possível detectar essa regularidade tendo em vista a noção de *formação discursiva*, a qual "se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito" (p.43). A partir disso, prossegue Orlandi, dois pontos podem ser compreendidos: que o "discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro" (p. 43) – são os *efeitos metafóricos* mencionados anteriormente – e que "É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos" (p. 44). Sobre isso, Orlandi pondera que as mesmas palavras têm sentidos diferentes de acordo com as formações discursivas em que estão inscritas, e dá o exemplo de que "a palavra 'terra' não significa o mesmo para um índio, um agricultor sem terra e um grande fazendeiro" (ORLANDI, 2012, p. 45).

Daí que a noção de *formação discursiva* é crucial para a análise por possibilitar a detecção de uma regularidade no discurso e a compreensão dos sentidos ali envolvidos, como veremos no capítulo 5, "Análise de discurso como ponto de vista metodológico", em que trazemos os procedimentos metodológicos da Análise do Discurso.

2.3 Jornalismo e Representação

A noção de *definidores primários* elaborada por Stuart Hall *et. al.* (1993) leva em conta as diversas condições de produção que afetam o discurso noticioso, entre elas a corrida contra o tempo nas redações e o objetivo de ser o primeiro a dar uma notícia. Com isso, os repórteres acabam recorrendo a fontes oficiais, por vezes as de mais rápido acesso (muito

porque se fazem acessíveis) e que têm frequentemente o domínio das informações sobre determinado assunto. Se levarmos em conta a noção de *formação imaginária* (ORLANDI, 2012), tais fontes têm credibilidade e prestígio social – ou ao menos é isso que, num gesto de antecipação, os jornalistas imaginam que seja a imagem que o público faz dessas fontes; e ainda, nesse processo, tal imagem de credibilidade é construída pelo jornalista, a respeito da posição de sujeito locutor que tais fontes ocupariam naquele contexto e naquela conjuntura sócio-histórica dada. Esse é o caso, segundo Hall *et. al.* (1993), principalmente das notícias policiais em que a polícia é a única fonte à qual geralmente o jornalista recorre. Com isso, a definição sobre determinada ocorrência policial veiculada através dos *media* é uma versão da autoridade policial – que se torna a *definidora primária* da notícia.

Não só em casos policiais, mas em outros em que mais de uma voz está presente, a definição primária é aquela da fonte oficial, que estabelece os termos a partir dos quais determinado assunto será abordado, como veremos adiante.

A notícia não é naturalmente encontrada no mundo. Ela é uma construção feita dentro de um processo de produção, processo que envolve a produção regular de notícias e o fato de que o jornal é um negócio em um contexto de concorrência com outros jornais. Não só a notícia não é algo natural, como tampouco os acontecimentos "são por si só 'naturalmente' noticiáveis" (HALL *et. al.*, 1993, p. 224). No mundo há uma infinidade de acontecimentos simultâneos que poderiam ser notícia; mas só o são quando alguém que fornece notícias relata esses acontecimentos (HALL *et. al.*, 1993).

De acordo com os autores, há diversos fatores que são adotados pelos jornalistas para considerar o que é digno de ser noticiado e o que pode ser descartado. Dentre esses fatores que afetam a seleção de acontecimentos está a organização dos jornais em áreas noticiosas – as editorias de política, economia, mundo etc. ou o correspondente de guerra, o repórter setorista e outros especializados.

Outro fator de seleção são os *valores-notícia*. Aqui pode ser feita uma referência às *formações imaginárias* novamente, pelo que os jornalistas imaginam ser boas notícias. Entre esses valores (TRAQUINA, 2002), estão a proximidade de um acontecimento com seu público (um homicídio em um subúrbio da Cidade do Cabo não tem o mesmo valor, para um jornal de Porto Alegre, do que um homicídio na Vila Planetário, a menos que o homicídio na Cidade do Cabo envolva um porto-alegrense); a morte (e aí se incluem os desastres de avião, por exemplo); a notoriedade dos envolvidos; a inversão do esperado (um cão morder um homem não é notícia, mas um homem morder um cão é notícia); entre outros valores.

Conforme Hall *et. al.* (1993), esses valores, ao nível mais geral, estão orientados "para itens que são 'fora do comum', o que de certo modo vai contra as nossas expectativas 'normais' acerca da vida social, o inesperado terremoto ou a alunagem, por exemplo" (HALL *et. al.*, 1993, p. 225). A isso, os autores chamam de *singularidade*, que seria o valor-notícia fundamental.

Relacionando-se a singularidade com os efeitos metafóricos, é possível concluir que, ao transformar determinado acontecimento (aliás, ler o acontecimento como sendo um acontecimento já é uma representação inscrita em uma formação ideológica) em notícia, o jornalista não só diz que aquele acontecimento foge ao esperado. Ao fazê-lo, ele também define o que é esperado na sociedade: o que é "socialmente desejável, normal ou adequado" (BENETTI, 2007, p. 110).

Isso remete ao conceito de *consenso* (HALL *et. al.*, 1993). Não só a estrutura de organização do jornal e as categorias de valores-notícia afetam a produção social das notícias, mas também a construção que os jornalistas delas fazem. Se o mundo não é representado como uma série caótica de acontecimentos desordenados, prosseguem os autores, para apresentá-los ao público é necessário que sejam identificados em relação a outros acontecimentos de conhecimento público e "inseridos num contexto social (isto é, colocados num quadro de significados familiares ao público)" (HALL *et. al.*, 1993, p. 226). É desse modo que um acontecimento faz sentido: ele precisa estar localizado em um quadro de identificações sociais e culturais.

Se os jornalistas não dispusessem – mesmo de forma rotineira – de tais "mapas" culturais do mundo social, não poderiam dar sentido aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é "noticiável". As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo da "desordem" – devem ser trazidos aos horizontes do "significativo". Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os "mapas de significado" que já constituem a base do nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social já está "traçado". (HALL et. al., 1993, p. 226, grifos meus).

Esses mapas culturais ou mapas de significado que servem de referência para a classificação dos acontecimentos, tornando-os inteligíveis, contêm "suposições cruciais sobre o que é a sociedade e como ela funciona" (HALL *et. al.*, 1993, p. 226). Disso resulta a noção de *consenso*. Esse fundo de referência pressupõe uma *natureza consensual* da sociedade, e dar

significados sociais aos acontecimentos "não só pressupõe como ajuda a construir a sociedade como um 'consenso'" (HALL *et. al.*, 1993, p. 226).

O compartilhamento de significados acerca da sociedade, o seu lado consensual em certa medida, é necessário porque senão a própria sociedade não seria possível. Os autores pontuam que essa questão, no entanto, tem sido levada a um extremo ideológico: "porque ocupamos a mesma sociedade e pertencemos mais ou menos à mesma 'cultura' supõe-se que haja, basicamente, uma única perspectiva dos acontecimentos" (HALL *et. al.*, 1993, p. 226).

Na análise dos autores, essa perspectiva nega discrepâncias internas à sociedade, nega a possibilidade de mapas de significado muito diferentes. Tal perspectiva consensual tem conseqüências políticas importantes. Um assunto veiculado em um meio de comunicação pode ser representado como consensual quando é dado como adquirido, podendo suprimir perspectivas diferentes.

O mesmo ponto de vista parte da assunção de que todos temos, mais ou menos, os mesmos interesses na sociedade, e aproximadamente a mesma quota-parte de poder [...]. Os pontos de vista consensuais da sociedade representam-na como se não existissem importantes rupturas culturais ou econômicas, nem importantes conflitos de interesses entre classes e grupos. Se existirem algumas divergências, diz-se, existirão meios legítimos e institucionalizados para as expressar e reconciliar. (HALL *et al.*, 1993, p. 226).

Outra importante questão é que os meios de comunicação jornalística retratam acontecimentos que não fazem parte da experiência direta da maioria das pessoas. Voltando à questão dos definidores primários, para Hall *et. al.* (1993), os *media* não apenas mostram ao público os acontecimentos significativos que se passam na sociedade e fogem à expectativa de consenso, ordem e rotina, como também "oferecem interpretações poderosas acerca da forma de compreender esses acontecimentos" (HALL *et. al.*, 1993, p. 228).

A divisão entre fatos e opiniões entra na questão. Se existe essa distinção na imprensa, é porque há uma suposição de que as notícias sejam orientadas pela imparcialidade, equilíbrio e objetividade (HALL *et. al.*, 1993).

A noção de notícias imparciais surge com o início da atividade jornalística como negócio, no século XIX, e a profissionalização dos repórteres (FRANCISCATO, 2005). Os jornais deixam de ser um veículo de manifestação política. Essa profissionalização ocorre a partir de novas tecnologias que surgem na época (o telégrafo), permitindo uma transmissão mais veloz de dados – a informação passa, portanto, a ser produto, que precisa ser entregue da forma mais rápida possível (CANAVILHAS, 2007) e, por isso, precisa ser a mais sucinta e

"objetiva" possível. As notícias passam a ser construídas segundo uma técnica conhecida como pirâmide invertida – o que é "mais importante" vem primeiro, respondendo às questões "o que, quem, onde, quando, como, por que".

Conforme Canavilhas (2007), a pirâmide surge na Guerra de Secessão dos EUA. Naquele contexto, os fios da rede de telégrafos eram constantemente tomados pelas tropas para sua própria comunicação. Por isso, os repórteres, em combinação com os operadores de telégrafo, adotaram o método de enviar um parágrafo de cada vez. Assim, eles alteraram sua técnica de redação, que até então consistia em relatar os fatos por sua ordem cronológica. Os jornalistas passaram a enviar as informações mais importantes primeiro, de modo a assegurar que as informações essenciais chegassem aos jornais.

Também naquele século ganhava força o paradigma positivista, o qual se desenvolve juntamente com as disciplinas científicas (CORREIA, 2009). É a esse paradigma que se filiam as visões "segundo as quais o jornalismo seria capaz de refletir a realidade tal como ela é" (BENETTI, 2007, p. 110). Tais visões estão permeadas pelo *efeito de literalidade*: "a impressão de algo que 'natural, óbvia e evidentemente só poderia significar isto', como se o sentido existisse de forma independente e pudesse ser simplesmente acessado ou não" (BENETTI, 2007, p. 108). Conforme mencionado anteriormente, os jornalistas buscam formas de gerar uma impressão de que o que dizem é verdadeiro, ao ouvirem os diferentes lados de uma questão ou usar aspas para colocarem em dúvida determinada informação, retirando de si a responsabilidade sobre sua veracidade, entre outros recursos (CORREIA, 2009; TUCHMAN, 1993).

Com a crença de imparcialidade estabelecida na ideologia profissional, as regras a ela associadas dão conta de que a notícia precisa ser fundamentada em "afirmações 'objetivas' e 'autorizadas' de fontes 'dignas de crédito" (HALL *et. al.*, 1993, p. 229). Isso significa, segundo os autores, o "recurso constante a representantes dignos de crédito de instituições sociais importantes – membros do parlamento para assuntos políticos, patrões e dirigentes sindicais para questões industriais etc." (HALL *et. al.*, 1993, p. 229).

Daí que, concluem os autores, as pressões do relógio e as exigências de imparcialidade e objetividade levam a um acesso exagerado e sistemático de fontes em posições institucionais privilegiadas aos *media* (HALL *et. al.*, 1993). Tais fontes tornam-se os definidores primários, conforme citado anteriormente, justamente porque definem como determinado assunto ou problema deve ser abordado: o seu *enquadramento*.

Mesmo que o jornalista tenha que observar a questão do *equilíbrio*, o que significa ouvir as definições alternativas sobre determinado tema, a primeira definição é a das fontes

que têm uma relação estruturada com os meios de comunicação. São essas fontes que fornecem a interpretação primária a partir da qual se desenvolvem as outras manifestações. No exemplo de Hall *et. al.* (1993):

Dado que as relações raciais na Grã-Bretanha têm sido definidas como um "problema de números", então mesmo os porta-vozes liberais, ao provarem que os números atribuídos a emigrantes negros foram exagerados, estão, todavia, obrigados a subscrever, implicitamente, o ponto de vista de que a discussão é "essencialmente" sobre números (p. 230).

Consequência disso é que, concluem os autores, a prática profissional leva os meios de comunicação a reproduzirem a "vertente preponderante das ideologias dominantes" (HALL et. al., 1993, p. 231). Tendo em conta a visão desses autores, seria possível afirmar que a formação ideológica materializada nos textos dos *media* é frequentemente relacionada à formação ideológica dominante na sociedade. As práticas de produção seriam então associadas a uma ideologia profissional que faz uma imagem daquilo que é a imagem que o público faz do que seriam boas notícias e de quem estaria autorizado a falar sobre os acontecimentos; a formação ideológica dominante passa-se por consensual.

Assim, os meios de comunicação têm um *papel ideológico* (HALL *et. al.*, 1993) na medida em que detêm na sociedade a legitimidade de produzir uma "reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas" (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

Nesse sentido, o jornalismo funciona como uma forma de conhecimento (MEDITSCH, 1997), através da qual se veiculam representações muitas vezes tidas por consensuais. O jornalismo "tanto produz um conhecimento particular sobre os fatos do mundo quanto reproduz os conhecimentos gerados por outros atores" (BENETTI, 2007, p.110). Vale ressaltar, no entanto, como afirma Meditsch (1997, p.1), que "muito pouco se sabe sobre os efeitos do Jornalismo sobre os indivíduos ou as sociedades". E não se pode descartar a possibilidade de contra-definição no próprio discurso jornalístico.

A respeito do jornalismo como forma de conhecimento, assim como Meditsch, Christa Berger (1998, p.19) observa que a sua premissa ao enunciar não é o rigor científico, mas a "ética e a estética" – seguindo determinadas exigências profissionais e determinada forma de enunciar.

Em sua análise, a autora chega à conclusão de que o campo do jornalismo (tomando o conceito de campo emprestado de Pierre Bourdieu) é detentor de um capital, assim como

outros campos da vida social detêm seus capitais (o político, por exemplo, detém o poder) – no caso do jornalismo, esse capital é o simbólico. E o poder vinculado ao capital simbólico é o de "incluir ou excluir, de qualificar ou desqualificar, de legitimar ou não, de dar voz, publicizar e tornar público" (BERGER, 1998, p.22). Ou ainda, é "um poder de fazer coisas com palavras" (BOURDIEU, 1990 *apud* BERGER, 1998, p. 22).

Efeito disso são as lutas de diferentes grupos na sociedade para terem suas perspectivas veiculadas pelos meios jornalísticos; e também as lutas internas das redações para ver quem escolhe o que será manchete e com qual destaque. Daí que os grupos não-dominantes adotem estratégias para chamar a atenção dos meios, por exemplo, através de atos espetaculares como as manifestações. Dado que existe uma concorrência pela audiência entre empresas jornalísticas, a dramatização e a espetacularização ganham espaço nos *media* (CHARAUDEAU, 2007).

No estudo de Christa Berger (1998), sobre o Movimento dos Sem-Terra, o governo e os proprietários rurais adotam estratégias para terem seus pontos de vista ganhando espaço nos meios. Digamos que o MST organize um protesto; embora isso chame atenção dos meios por seu valor-notícia de causar um distúrbio à ordem esperada da sociedade (HALL *et. al.*, 1993), não há garantias de que o enquadramento do tema a ganhar espaço na imprensa seja o promovido pelo movimento; pelo menos segundo a análise de Hall *et. al.* (1993), esse enquadramento tende a ser o das fontes oficiais, vinculadas a uma formação ideológica dominante. De qualquer forma, há espaço para definições e contra-definições no texto jornalístico, que pode ser atravessado por sentidos vinculados a mais de uma formação discursiva.

Ainda para Berger (1998), é importante ter em conta a subjetividade do jornalista e do próprio jornal pela maneira como se refere aos seus leitores e seus profissionais, além do sujeito a que o jornal se refere. Nesse processo, tal como Patrick Charaudeau (2007), Christa Berger (1998) faz alusão ao princípio destacado por Orlandi (2012), e já mencionado anteriormente – de que o jornalista imagina um receptor e essa imagem está presente no discurso jornalístico.

Berger acaba por comparar o jornalista ao contador de histórias da idade média, o contador de histórias contemporâneo - uma espécie de sacerdote assalariado. A autora, utilizando a tipologia de discursos elaborada por Eni Orlandi (2012)⁵, caracteriza o discurso

.

⁵ Eni Orlandi elabora uma tipologia de discursos, de acordo com critérios que envolvem a situação em que o discurso ocorre e a maneira como interagem os sujeitos envolvidos. São três tipos básicos. 1) Autoritário: a pluralidade de sentidos é menor e o referente é apagado; o locutor é exclusivo e apaga sua relação com o

jornalístico como *informativo autoritário*, colocando-o na mesma tipificação (autoritário) que o sermão religioso.

Em todo esse quadro teórico que vem sendo desenvolvido até aqui, estamos destacando a maneira como o jornalismo constrói representações. Estamos considerando o discurso jornalístico como uma categoria particular pelas coerções a que está submetido e pela posição que ocupa na sociedade. Entre os fatores que pontuamos a esse respeito, mencionamos a questão de que a tendência no discurso jornalístico é adotar o *enquadramento* vinculado a uma formação ideológica dominante (HALL *et. al.*, 1993); e que, não obstante, há espaço para contra-definições (BERGER, 1998). No entanto, o discurso jornalístico é dotado de uma legitimidade própria na sociedade (FRANCISCATO, 2005) e, sendo uma forma de conhecimento (BERGER, 1998, MEDITSCH, 1997), tende a construir uma visão consensual sobre o que é a sociedade e como ela funciona (HALL *et. al.*, 1993) através dos efeitos metafóricos (ORLANDI, 2012) suscitados pela utilização de valores-notícias baseados na singularidade (HALL *et. al.*, 1993).

Ainda a respeito de representações, é importante mencionar o trabalho de João Correia (2009). O autor estuda o processo de construção de significados a respeito de temas e grupos sociais através dos *media*. Filiado às noções elaboradas por Hall *et. al.* (1993) sobre a tendência dos meios de veicular vertentes ideológicas dominantes, Correia estuda como as representações são objetivadas. Segundo o autor, tais objetivações decorrem de tipificações (BERGER e LUCKMANN, 1996) necessárias para conferir estabilidade à vida social – a cristalização da experiência (CORREIA, 2009, p.62). O autor pontua que os repórteres lançam mão, em sua rotina de restrição do tempo, dessas representações objetivadas pela experiência social compartilhada.

Correia (2009) dá um exemplo em que as representações feitas em jornais portugueses sobre o que teria sido um arrastão em uma praia de Portugal chegam ao ponto de incluir a noção de "frequentes arrastões em praias do Rio de Janeiro". No fim das contas, no caso estudado por Correia verifica-se que na verdade o arrastão que teria envolvido 500 adolescentes organizados, de bairros problemáticos, não passava de um pequeno grupo que de forma aleatória atacou alguns banhistas na praia.

Sobre a questão do discurso e jornalismo, é necessário ter em conta que os sentidos estão sempre aquém e além do texto, sendo constituídos por fatores externos que se

interlocutor. 2) Polêmico: os sujeitos envolvidos estão em um espaço de disputa pelos sentidos. 3) Lúdico: a possibilidade de múltiplos sentidos é aberta e o referente está presente como tal; os interlocutores expõem-se aos efeitos dessa presença não regulando sua relação com os sentidos.

encontram na história e na ideologia – ao mesmo tempo, o discurso está materializado no texto.

Patrick Charaudeau (2007), utilizando-se do procedimento da *paráfrase*, ilustra métodos que podem ser aplicados à compreensão de sentidos no jornalismo. Ele substitui as manchetes encontradas em jornais pelas declarações de origem (por exemplo, despachos de uma agência de notícias):

Do [Despacho de Agência] "O ex-ministro deixou a França" > Dr [Manchete de jornal] "O ex-ministro escapa da justiça francesa"; Do [Na ONU, o representante do Irã] "Podemos provar que o Iraque utiliza armas químicas" > Dr: [Jornal] "Irã acusa Iraque de utilizar armas químicas" (CHARAUDEAU, 2007, p. 173).

Sobre análise de discurso, os métodos serão abordados adiante. Por ora, são relevantes as observações de Marcia Benetti (2007) condensando as características do discurso jornalístico: ele é "a) dialógico; b) polifônico; c) opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e) elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares" (BENETTI, 2007, p. 107).

Conforme exposto anteriormente, toda língua é dialógica, e o discurso jornalístico é marcado pelas características da interdiscursividade, conceito também já apresentado, e a intersubjetividade, porque o discurso só existe como espaço entre sujeitos. É necessário, portanto, levar em conta a exterioridade do texto para compreender os sentidos que nele se encontram.

O discurso se mostra polifônico (ou monofônico) pela presença de vozes ou diferentes posições de sujeitos. Pressupõe-se que o discurso jornalístico seja plural, mas muitas vezes isso não ocorre. Benetti (2007) adota a teoria polifônica de enunciação de Ducrot. Segundo essa teoria, há enunciadores e locutores. O locutor é o que assina; o enunciador é "a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos" (DUCROT, 1987, p. 15 *apud* BENETTI, 2007, p. 119). O enunciador é a perspectiva a partir da qual ele enuncia – perspectiva associada à *posição* de sujeito: "conformada também por inscrições culturais, sociais e históricas, que podemos – na estrutura da AD – reunir nas formações ideológicas" (BENETTI, 2007, p. 119).

Uma das linhas de pesquisa em Análise de Discurso aplicada ao jornalismo que vale ser mencionada é a dos estudos sobre a narratividade: a narratologia. Luiz Gonzaga Motta (2007) sustenta que os sentidos são produzidos através de uma sucessão de estados de

transformação, em expressões narrativas ficcionais ou factuais. O sentido está vinculado a um relato, um ato de narração com início, meio e fim. Quem narra tem um propósito ao narrar, e as narrativas nunca são aleatórias, mesmo que sejam espontâneas ou intuitivas, produzindo significados consciente ou inconscientemente desejados. O aspecto narrativo pode ser verificado na construção de sentidos a respeito de Dilma Rousseff, principalmente quando há referências à sua trajetória, explicando como ela chegou à presidência. Segundo o autor, as mídias "utilizam a narrativa para conquistar a adesão do leitor, ouvinte ou telespectador, envolvê-lo e provocar certos efeitos de sentido" (MOTTA, 2007, p. 144).

A constituição do discurso jornalístico se dá em um sistema (não estanque) de representações da realidade social. A realidade tal como é interpretada e significada pelo enunciador (o jornalista ou a organização jornalística) na sua leitura do mundo; a realidade tal como é interpretada por ele ao enunciar; e a interpretação que o receptor constrói nesse contexto discursivo. O jornalista, conforme Correia (2009), lança mão de representações construídas em sua sociedade para desenvolver seu trabalho diário, e o faz em uma rotina marcada por coerções, que o levam a veicular um discurso frequentemente ligado à formação ideológica dominante na sua sociedade (HALL *et. al.*, 1993). Esse discurso aparece marcado pelo efeito de literalidade e pressupondo consenso. Assim, ocorre uma reificação de representações da realidade social presentes no discurso jornalístico.

Se Hall *et.al.* (1993) citam uma das coerções que marcam o trabalho do jornalista como sendo o tempo, no webjornalismo esse tempo aparece ainda mais tirano, como veremos a seguir.

3. WEBJORNALISMO

Sete características fundamentais podem ser observadas como demarcando das demais mídias o jornalismo on-line⁶ - falando do jornalismo produzido em portais de notícias⁷: arquivamento imediato, espaço ilimitado, hipertextualidade, convergência, interatividade, personalização e memória (ADGHIRNI, 2001; MIELNICZUK, 2003; SCHWINGEL, 2005; CANAVILHAS, 2007).

A primeira característica, a do arquivamento imediato, relacionada à instantaneidade, é a das notícias de última hora, como se convencionou chamá-las aqui no Brasil (ADGHIRNI, 2001, p. 137): a internet é o único meio em que é possível manter um arquivo imediato (do dia, das últimas horas e dos últimos minutos) e de fácil acesso (EDO, 2007). Nesse sentido, a coerção do tempo que oprime o jornalista na redação de um jornal diário como destacado por Hall *et. al.* (1993) é muito mais limitante no on-line. O furo jornalístico é determinado pelo minuto ou até mesmo as frações de segundo em que a notícia foi publicada - tanto que Adghirni (2001) aponta esse aspecto ao falar sobre a Agência Senado, cujo diretor se orgulhava de ser a primeira a veicular notícias, superando até mesmo os portais privados.

Com cerca de cem jornalistas recrutados por concurso público, a agência do Senado Federal divulga com rapidez e rigor os atos e decisões dos senadores. Ela serve também de fonte gratuita para todas as mídias do país, principalmente as do interior que não dispõem de recursos para manter correspondentes na capital. É com orgulho que o diretor da agência online, o jornalista Flavio Mattos, conta que 'hoje furamos a Broadcast, com três minutos na frente'. Com isso ele quer provar a eficiência da agência oficial diante da concorrência das mídias privadas onde a competição se mede por frações de segundos. (ADGHIRNI, 2001, p. 143).

Tendo em vista o contrato de comunicação analisado por Charaudeau (2007) e reiterado por Franciscato (2005), há uma expectativa entre os sujeitos em relação ao discurso no caso do jornalismo, há uma expectativa entre o enunciador e o leitor e, ainda, sobre o que o enunciador pensa ser a expectativa do leitor - a *antecipação* em Análise de Discurso (ORLANDI, 2012). Com isso, a pressão do tempo torna-se ainda maior: *é necessário* publicar uma informação da maneira mais rápida possível e *é necessário* abastecer o portal de notícias

⁶ Utilizamos as expressões "jornalismo online" e "webjornalismo" indiscriminadamente ao longo deste trabalho, mas explicamos neste capítulo que a noção de que partimos e expressamos através das duas denominações é o que Mielniczuk (2003) definiu estritamente como "webjornalismo"; a autora possui conceito levemente diverso para "jornalismo online"; a terminologia de Mielniczuk é abordada neste capítulo.

⁷ "Websites de notícias online de referência que oferecem conteúdos editoriais semelhantes aos da imprensa, incluindo boletins de esportes e trânsito, assim como seções e links categorizados por temas, áreas para batepapo, e-mails, dicas, e uma variedade de serviços e produtos. Esses portais realizam uma importante função de *gatekeeping* já que eles filtram o excesso de informação disponível na internet e fornecem um pouco de sentido e direção gratuitamente para os leitores (HERSCOVITZ, 2009, p.3).

com informações *minuto a minuto* (como é denominada a sessão das notícias de última hora no UOL): porque o meio permite tecnicamente isso e, portanto, é de se esperar que o leitor espere essa atualização constante do portal.

Chega-se a um consenso (tomando emprestado o termo de Hall *et. al.* (1993), mas aplicando-o a outro aspecto) de caráter profissional no que diz respeito à *ideologia profissional* – este sim empregado tal como em Hall *et. al.* (1993). Compartilhada socialmente dentro da categoria profissional dos jornalistas está a imagem desse valor de atualidade (TRAQUINA, 2002) que leva a esse proceder dos jornalistas e ao orgulho sentido pelo diretor da Agência Senado com relação aos furos de 3 minutos (180 segundos!). Mas esse consenso profissional também é uma imagem projetada (construída) pelos jornalistas.

A essas considerações, acrescente-se uma importante questão peculiar ao Brasil, como alude Adghirni (2001, p.147): "Estudos revelam também que o internauta brasileiro tem algo de peculiar: ao acessar a Internet, ele busca, em primeiro lugar, a informação. Ele quer se atualizar, estar em dia com o mundo contemporâneo".

Esse imediatismo reflete-se em outros aspectos dos portais de notícias. Um deles é a maneira como os textos das notícias são construídos. Conforme é recomendado por estudiosos da área (CANAVILHAS, 2007; EDO, 2007), o texto de webjornalismo deve iniciar com frases curtas em ordem direta que colocam as informações mais básicas sobre a notícia. Os parágrafos também devem ser curtos – isso para capturar rapidamente a atenção do internauta, que pode ser muito dispersivo ao navegar (CANAVILHAS, 2007); mas também pelo próprio mecanismo da produção de notícias on-line.

Adghirni (2001) ressalta que esse fetiche pelo "Tempo Real" (TR) tem suas raízes nos anos 80, quando os jornais começaram a trocar o termo *notícia* por *informação*. No Brasil, segundo Adghirni, a febre do TR começa em um contexto de instabilidade econômica "quando era preciso saber rapidamente tudo que se passava na área financeira para evitar ou ao menos limitar as perdas tanto para o setor privado como para as contas de governo" (ADGHIRNI, 2001, p. 140/1).

Aprofundando um pouco mais a análise, João Correia (2009) destaca a questão quanto à raiz do fetiche da velocidade – não o TR, mas a velocidade de forma geral, independentemente da noção de sua frequência – se diária, horária ou instantânea. Essa origem está no início da modernidade:

o jornalismo do período moderno inicia os seus passos com o alvor das cidades, da civilização mercantil e da expansão monetária. Nas suas configurações mais recentes, atingiu a sua maturidade na altura em que surgia uma mentalidade cultural

favorável à velocidade: a era da reprodutibilidade técnica foi associada à imagem primordial da chegada de um comboio à gare de Lyon. Estava-se numa época de industrialismo acentuado, de generalização e expansão dos negócios e da economia monetária. A escrita breve que o jornalismo reclama, produz e reflecte a aceleração das formas culturais em que foram incubadas as suas manifestações contemporâneas (CORREIA, 2009, p. 16).

Como exemplificado também por Correia (2009), os jornalistas lançam mão de representações sociais na produção das notícias, entre outros motivos, pela coerção do tempo. O autor parte do princípio de que há um conhecimento social compartilhado das representações.

É a existência da tipificação que permite transcender momentos particulares da ação [...] auxiliando o jornalista na construção de uma narrativa estandardizada e padronizada pensada de modo a superar os constrangimentos espaciais e temporais e conquistar o agrado por parte das audiências (CORREIA, 2009, p. 63).

No entanto, não se pode descartar representações que pressuponham falso consenso. No exemplo do autor:

"Parlamento Palestiniano exige a Arafat que combata a corrupção" Apesar da negação de A "O Parlamento Palestiniano não pede a Arafat que combata a corrupção" – o pressuposto B – "existe corrupção" – na Palestina" mantém-se. Deste modo, ao introduzir a ideia sob a forma de um pressuposto, eu faço como se o meu interlocutor e eu não tivéssemos outra solução senão aceitá-la (CORREIA, 2009, p. 98).

Com a pressão que ocorre no jornalismo on-line (tanto mais em portais de abrangência nacional – altamente competitivos) por esse imediatismo, tanto maior a tendência a utilizar essas representações; quanto mais não seja porque, se existe consenso, então não é necessário buscar definições alternativas sobre determinado tema, simplificando o já pressionado trabalho do jornalista.

Sobre o fetiche da velocidade, Sylvia Moretzsohn (2002), também considera que ele acompanha a história do jornalismo desde o início, o que gera um paradoxo quanto à pretensa característica de bem informar o público. A tendência, com o tempo muito restrito para desenvolver as pautas, é de o jornalista, por exemplo, publicar versões de fontes oficiais sem questioná-las — isso porque, se ele não publicar, pode ser que o concorrente publique primeiro; e ser o primeiro a dar a notícia é um valor essencial no meio jornalístico e na ideologia profissional, ou seja, trabalha-se muito em função dos concorrentes, que chegam a ser usados como fontes em alguns casos. No meio on-line, isso se torna radical: o jornalista

praticamente passa a transpor as declarações de fontes diretamente para a publicação, sem questionamento algum: "se o valor principal da informação é a instantaneidade, o próprio sentido do trabalho do jornalista se modifica, a ponto de se tornar desnecessário" (MORETZSOHN, 2002, p. 169). A autora refere-se a um termo cunhado pelo sociólogo francês Ignacio Ramonet, que em vez de jornalista sugere as designações *instantaneista* ou *imediatista* para esse novo profissional das redações on-line.

O fetichismo da velocidade, conforme a autora, funciona de modo que:

entre as práticas incorporadas pelos jornalistas para tomar o seu mundo familiar como evidente, está a de que o ritmo de produção precisa ser cada vez mais veloz. Na verdade, esse "não pensar" revela uma forma muito particular de pensar por estereótipos, que se traduz em inúmeros exemplos observáveis sem qualquer esforço todos os dias, em todas as editorias de todos os grandes jornais (MORETZSOHN, 2002, p. 165).

A segunda característica do texto de webjornalismo que o demarca dos demais meios é, não obstante a tendência à simplificação devido ao tempo real, o espaço teoricamente ilimitado (SCHWINGEL, 2005; CANAVILHAS, 2007). Aí se coloca um interessante paradoxo. A informação precisa ser ágil, mas ao mesmo tempo ela pode ser ampliada devido à característica do meio. O texto, tecnicamente, pode ser infinito... Além desse aspecto, também a página principal pode conter diversas manchetes, constantemente atualizadas. Não há a limitação de espaço como nos impressos ou de tempo como no rádio e na TV. Com isso, uma pauta não cai por falta de espaço e nem uma notícia precisa ser cortada, a não ser por razões estilísticas.

Um texto gigante tem a tendência a levar a uma dispersão, além de que o público diverso tem interesses diferentes ao ler um texto. Por isso, ao espaço ilimitado alia-se a terceira característica particular do webjornalismo na produção das notícias: o hipertexto (MIELNICZUK, 2003; SCHWINGEL, 2005; CANAVILHAS 2007). É a possibilidade de criar *links* em uma notícia curta que levam a um desdobramento particular da matéria principal em outra notícia curta e então *links* que desdobram mais ou retornam à matéria inicial, geralmente com um menu auxiliar de temas relacionados ao texto que se está lendo. Em sua análise, Canavilhas (2007) sustenta que tal característica exigiria uma mudança no paradigma da redação de notícias através da pirâmide invertida.

Nas edições online o espaço é tendencialmente infinito. Podem fazer-se cortes por razões estilísticas, mas não por questões espaciais. Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de

leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação.

Esta proposta não é inovadora, nem se aplica exclusivamente ao jornalismo. Autores como Robert Darnton (1999)⁸ salientam a importância do hipertexto nas publicações académicas, por exemplo. Este investigador salienta as potencialidades do ambiente web como alternativa para as publicações que não encontram espaço no papel. Porém, Darnton avisa que publicar na web implica uma nova arquitectura e propõe uma estrutura piramidal por camadas. A arquitectura sugerida pelo autor evolui em seis camadas de informação: uma primeira com o resumo do assunto; uma segunda com versões alargadas de alguns dos elementos dominantes, mas organizadas como elementos autónomos; um terceiro nível de informação com mais documentação de vários tipos sobre o assunto em análise; um quarto nível de enquadramento, com referências a outras investigações no campo de investigação; um quinto nível pedagógico, com propostas para discussão do tema nas aulas; por fim, a sexta e última camada com as reacções dos leitores e suas discussões com o autor (CANAVILHAS, 2007, p. 30).

Canavilhas (2007) afirma que essa característica sugerida para textos acadêmicos por Darnton pode ser aplicada aos textos jornalísticos. O autor conclui que uma característica adequada para os textos on-line, e que é verificada nos portais de notícias estudados aqui, é a pirâmide deitada. A pirâmide deitada é na realidade uma pirâmide "de lado", com o topo à esquerda e a base à direita, para efeito de ilustração. Nessa pirâmide, a notícia inicial que pode ser acessada através do destaque na página inicial do portal é a que está no topo da pirâmide, à esquerda, e as demais notícias encontram-se nas camadas subsequentes que gradualmente aprofundam o assunto inicial ou enfocam outras características. Vale a observação de que, dependendo da notícia, há mais ou menos camadas ou, ainda, há apenas a notícia inicial sem camadas subsequentes – que, nesse caso, seria notícia única.

As principais observações de Canavilhas (2007) dão-se, portanto, quanto à forma no webjornalismo: pequenas quantidades de informação por texto ou parágrafo e maior segmentação dos conteúdos em diferentes textos devido à diversidade de interesse dos leitores em um meio que é navegável, ao contrário dos outros meios.

Aliando essa tendência de produção de textos sucintos às representações das quais o jornalismo lança mão devido às restrições de tempo e espaço, o que é frequente em manchetes, como também é destacado por Correia (2009), é possível esperar uma tendência de que em portais de notícias haja uma riqueza de representações nos diversos textos, manchetes e fotos, em um espaço ilimitado. E é uma riqueza arquivada em um "catálogo" imediato de notícias (as de última hora, por exemplo), em um meio ainda mais cercado pela

-

⁸ DARNTON, Robert (1999). The New Age of the Book. In: **The New York Review of Books.** Disponível em http://www.nybooks.com/articles/546. Acesso em 28 de outubro de 2012.

imagem de objetividade – o que pode ser percebido pela substituição do termo "notícia" pelo termo "informação" que ocorre a partir da década de 80 (ADGHIRNI, 2001).

Outro ponto para o qual cabe um breve destaque é a sugestão de Luciana Mielniczuk (2003) de categorias para definição de jornalismo produzido através de meios eletrônicos. Ela sugere essa categorização em um esquema de camadas ou conjuntos que estão um dentro do outro, como as bonecas russas⁹. A série de conjuntos parte do maior – jornalismo eletrônico – passando na sequência para jornalismo digital, ciberjornalismo, jornalismo on-line e, por fim, o conjunto menor, que é o que viemos tratando neste texto: o webjornalismo.

De forma resumida, o jornalismo eletrônico é o veiculado em rádio, TV, ou computadores (internet), ou ainda, produzido com auxílio de meios eletrônicos; o jornalismo digital é o produzido com sistemas em que a informação é armazenada em bits (o que pode incluir a redação, tratamento de fotos e diagramação de um jornal, por exemplo); o ciberjornalismo faz uso de redes de computadores (internet ou bancos de dados compartilhados em redes locais); o jornalismo on-line é um conceito vasto, incluindo a produção pela transmissão de dados em tempo real, utilizando-se da internet para um fluxo contínuo de informações; e o webjornalismo, que utiliza-se de uma parte específica da rede mundial de computadores — a web (MIELNICZUK, 2003), que permite a utilização de páginas que conjugam texto, imagem e som — esse é o jornalismo dos portais de notícias considerado aqui.

E então chegamos à quarta característica do webjornalismo – agora utilizando a terminologia de Mielniczuk (2003) – que é a convergência das mídias, como costuma ser chamada. É a possibilidade de utilizar diferentes meios – vídeos, áudios ambientais, fotos compondo uma linha do tempo – associados ao texto. Isso permite explorar diferentes ângulos do acontecimento com diferentes estratégias de comunicação com o leitor. Pensando na hipertextualidade e a divisão em camadas das notícias, o vídeo de um trecho do discurso do presidente das Filipinas pode ser uma camada secundária em relação ao texto inicial que fala de confrontos violentos entre manifestantes e a polícia em decorrência de falta de empregos no país.

Recursos como animação, vídeos, e galerias de fotos podem ser empregados nos chamados "especiais", que são sessões sobre um assunto determinado desenvolvidas com maior tempo de produção (MIELNICZUK, 2003b). No dia da cerimônia de posse de Dilma

⁹ A boneca russa, ou Matrioshka (Матрешка), é um conjunto de bonecas ocas, de tamanhos decrescentes colocadas umas dentro das outras. É característica da cultura russa e vendida como souvenir para turistas. Teriam surgido nos anos 90 no século XIX (KOLDAYEVA, 2012).

Rousseff, os portais G1 (2011c) e UOL (2011c) possuíam especiais sobre o tema. Não obstante, o recurso de convergência é bem explorado nos três portais estudados mesmo nas capas de cada portal.

O meio on-line permite ainda uma quinta característica do webjornalismo, que é a interatividade entre enunciador e leitor. Isso pode ocorrer tanto através de fóruns de debates subjacentes à notícia quanto através de e-mail (MIELNICZUK, 2003) quando o contato do próprio jornalista é disponibilizado na notícia ou em um blog temático. Também há a possibilidade de *chats* entre leitores e jornalista. Outro recurso bastante comum são as enquetes. A interatividade também pode ser compreendida no âmbito da própria notícia, pela maneira como o usuário navega através da hipertextualidade. A autora distingue três categorias de interatividade: "a) com a máquina; b) com a própria publicação, através do hipertexto e c) com outras pessoas – seja autor ou outros leitores – através da máquina" (MIELNICZUK, 2003b, p. 42).

A sexta característica, a personalização, segundo Mielniczuk,

consiste na existência de produtos jornalísticos configurados de acordo com os interesses individuais do usuário. Há sites noticiosos que permitem a pré-seleção dos assuntos de interesse, de maneira que, quando o site é acessado, o mesmo já é carregado na máquina do usuário, atendendo à demanda noticiosa previamente estabelecida (2003b, p.44).

Como exemplo, a autora aponta o recurso da *Newsletter*. O leitor pode solicitar o recebimento de *e-mails* periodicamente, caso o portal ofereça este recurso, sobre assuntos que ele escolheu; através de links na mensagem eletrônica, o usuário pode acessar diretamente as notícias de seu interesse. Outro exemplo apontado por Mielniczuk são as notícias com base na localização geográfica que o leitor pode selecionar em um portal. Ainda na questão da personalização está o conceito de que o usuário pode percorrer o seu próprio caminho de leitura através do hipertexto.

A memória é a sétima característica do webjornalismo. Assim como o arquivamento imediato permite o acesso às últimas notícias, a internet possibilita acesso mais fácil que em outras mídias a materiais que foram publicados há anos atrás. O usuário comum, sem sair de casa, consegue acessar boa parte desse material. O "acúmulo de informações na *web* é mais viável técnica e economicamente do que em outras mídias" (MIELNICZUK, 2003b, p. 50). O arquivo do jornal pode ser disponibilizado mediante pagamento ou não, e trazer as matérias relacionadas ao mesmo assunto da busca.

A utilização de todas essas características pelas organizações de mídia apresenta graus relacionados à evolução das técnicas de webjornalismo, conforme Mielniczuk (2003). A autora cita três etapas, ou graus, divididos em primeira, segunda e terceira geração. A primeira geração seria simplesmente transpor o conteúdo de um jornal impresso, arquivos de áudio de uma rádio ou reportagem da TV para um portal on-line. Mas isso ocorre, sobretudo, em relação à transposição de notícias dos jornais diários. A segunda geração parte do jornalismo impresso para aproveitar algumas das características do meio on-line já citadas: a interatividade através dos fóruns, a junção de texto com vídeos e áudios, a estruturação com o recurso do hipertexto. Mas a base ainda é o jornalismo impresso.

A terceira geração consiste de "iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas exclusivamente para a Internet. São sites jornalísticos que extrapolam a ideia de uma versão para a web de um jornal impresso já existente" (MIELNICZUK, 2003, p. 9). A autora cita como uma das características a atualização contínua do webjornal e não apenas na seção "últimas notícias". Ela cita também o exemplo da fusão da Microsoft com a NBC para criação do portal www.msnbc.com.

Carla Schwingel (2005) propõe uma classificação que envolve as três gerações identificadas por Mielniczuk (2003), e identifica também uma quarta geração, que seria a consolidação do jornalismo desenvolvido na web. Nessa quarta geração, os jornalistas de redações on-line dispõem de bases de dados estruturadas, planejadas por um profissional que chamou de arquiteto da informação¹⁰. Os jornalistas têm acesso a todas as informações relacionadas a determinada pessoa ou assunto de forma ágil, e na hora da publicação fazem uso de uma estrutura pré-fabricada, um template, local para foto da notícia, extensão do título, textos etc.; inclusive a capa tem esse recurso, possibilitando a industrialização do processo de produção de notícias. No caso dos portais de notícias que analisamos neste trabalho de conclusão, eles já são todos desenvolvidos nesse estágio que Schwningel define como quarta geração.

Uma última observação quanto às categorizações propostas por Mielniczuk (2003) consiste nos tipos de conteúdo jornalístico veiculados nos portais. Ela sugere três classificações: as notícias de "última hora"; a "cobertura cotidiana" e os "especiais".

geralmente ocorre nos grandes portais brasileiros, que seja um jornalista a assumir essa função" (SCHWINGEL, 2005, p.7).

_

Esse profissional tem conhecimentos de marketing, informática, jornalismo, programação visual e ciências da informação, por exemplo, e "constitui-se no mais completo profissional de uma equipe multidisciplinar de desenvolvimento web. Sua formação pode ser em quaisquer das áreas acima citadas, porém para produtos jornalísticos com vistas ao desenvolvimento de roteiros multimidiáticos talvez seja interessante, como de fato

As notícias de última hora, também chamadas no Brasil de "plantão", são estruturadas com frases curtas, em formato de pílula, e geralmente são oriundas de agências de notícias. Elas são apresentadas com o título e o horário da publicação. As notícias de cobertura cotidiana, segundo a autora, são aquelas que geralmente ocupam o espaço de uma página para evitar a necessidade do uso da barra de rolamento. Fazem parte da rotina da cobertura do veículo e podem conter links para vídeos ou áudios. E os especiais, conforme Mielniczuk (2003), podem ou não estar entre os destaques do portal; o conteúdo informativo é mais extenso, com uso de hipertexto e recursos multimídia e frequentemente ocupam uma seção específica do portal, por período mais longo que os demais conteúdos. Os especiais utilizamse de uma característica de memória e arquivamento. Na cerimônia de posse de Dilma Rousseff, os tipos mais comuns encontrados ao longo do dia nas capas dos portais são as notícias de cobertura cotidiana e os especiais (aqui incluindo as biografías e a trajetória da campanha eleitoral), mas é possível dizer que tudo é parte de um grande especial que ocorre em um período de 24 horas, tanto é que em cada um dos três portais há um logotipo da cobertura da cerimônia de posse.

3.1. Os portais G1, UOL e Terra

Mais de um ano após a cerimônia de posse presidencial de Dilma Rousseff (realizada em 1º de janeiro de 2011), os três portais de notícias — G1, UOL e Terra — foram os que tiveram maior número de acessos no Brasil no mês de março de 2012, do qual temos os últimos dados através de uma pesquisa do Portal Meio e Mensagem (2012). Só naquele mês, foram 34 milhões e 324 mil visitantes no UOL, o líder. O G1, segundo colocado, recebeu 29 milhões e 619 mil visitantes no mesmo período e o portal Terra, o terceiro, teve 29 milhões e 508 mil acessos.

Como termo de comparação, realizamos ainda na etapa da coleta de dados uma pesquisa na internet sobre o ranking do número de acessos quando da época da cerimônia de posse presidencial de Dilma Rousseff, o evento em questão neste Trabalho de Conclusão. Encontramos naquele período uma pesquisa divulgada no dia 05/11/2010 pela empresa norte-americana ComScore, de pesquisas sobre marketing on-line (WEBBOOM, 2010). A pesquisa mostrou que 75% da população brasileira acessou portais de notícias em setembro de 2010. O mais acessado foi o G1, com cerca de 12 milhões de visitantes, seguido respectivamente de Uol e Terra, com cerca de 11 milhões cada. Nesse período de um ano e meio, portanto, entre setembro de 2010 e março de 2012, o UOL mais do que triplicou o número de visitantes e

suplantou o G1 na liderança. O G1, por sua vez, aumentou os acessos em duas vezes e meio, e o Terra um pouco mais do que isso.

Os três portais são concorrentes entre si e pertencem a empresas privadas; são veículos especializados em webjornalismo, ou seja, são de quarta geração, seguindo a categorização proposta por Schwingel (2005) a partir de Mielniczuk (2003), conforme mencionado acima. Isso significa que os três exploram a característica do hipertexto e das camadas ou variações de informação a respeito de um assunto. Os portais exploram também a junção de formatos – texto escrito, vídeos (cobertura em tempo real) e fotos. Mas principalmente são explorados textos e fotos.

Interessante observar que o UOL pertence ao grupo que detém a Folha de S. Paulo¹¹; por isso, algumas das manchetes do portal conduzem a textos produzidos pela redação da Folha. O UOL tem um estilo de texto diferente dos outros portais, com maior valorização de texto e das fotos, mais do que os vídeos, embora haja também uma cobertura em vídeo do evento. Isso talvez remeta, em termos de origem histórica do portal, a uma relação maior com o jornalismo impresso devido à tradição do grupo de comunicação que o detém. Não se pode descartar que os textos um pouco mais desenvolvidos possam funcionar como um diferencial do UOL em relação aos demais portais.

Em relação ao G1, veículo pertencente às Organizações Globo¹², é possível notar uma ligação com o formato televisivo, até porque esse é o meio de maior vulto de todos os da empresa. Isso fica claro quando se observa o design do portal. As cores são as mesmas do canal de notícias televisivo Globo News. Mas até mesmo o "brilho" na imagem do portal, ou o gradiente no fundo prata, remete ao reflexo de uma fonte externa de luz na tela de um aparelho de televisão. A cobertura filmada é valorizada no G1, com as imagens em tempo real podendo ser acessadas diretamente através da capa; ao contrário do UOL, durante a cerimônia o principal destaque na capa do G1 é dado para o vídeo em TR e não para uma manchete que remete a um texto escrito. Até hoje, o G1 faz muitas ligações com reportagens veiculadas no canal de televisão da Globo e tem grande parte de seu próprio conteúdo em formato de vídeorreportagem.

_

¹¹ Um dos jornais diários de maior prestígio no Brasil, o segundo em circulação do país (286.398 exemplares por dia), situado em São Paulo, SP, conforme números da Associação Nacional de Jornais (ANJ, 2012).

¹² Globo Comunicação e Participações S.A., o maior conglomerado de mídia do Brasil, detentor de 340 veículos em todo o território nacional, entre emissoras de TV – incluindo o canal Globo, líder de audiência na TV aberta – jornais, revistas, rádios e canais de TV paga; também atua como provedor de Internet e possui conteúdo online, incluindo o portal G1, participação em serviços de TV a cabo e por satélite, e um estúdio musical. (DONOS DA MÍDIA, 2012; GLOBOPAR, 2012).

Já o Terra surge como portal de notícias a partir de uma empresa que já era especializada em internet desde o início. Essa empresa na sua origem chamava-se Nutec (TERRA, 2009) e depois, em 1996, passou a se chamar Zaz, quando foi por fim comprada pela Telefônica da Espanha em 1999 e rebatizada Terra. Nesse portal, é possível notar uma espécie de ponto médio entre G1 e UOL no que diz respeito ao uso de textos, fotos e vídeos. Há uma maior quantidade de manchetes na capa com pequenos textos de destaque, as chamadas. A convergência de mídias é mais equilibrada no Terra do que nos outros portais. Sobre o Terra, é interessante notar que já em 1996, quando foi criado o ZAZ, havia a disponibilização de conteúdos de diversos jornais do país (primeira geração) e posteriormente começou a ter conteúdos próprios (terceira geração).

O UOL também começa como portal em abril de 1996 (UOL, 2012) somente reproduzindo reportagens dos impressos Folha de S. Paulo e também do New York Times¹³. É no ano seguinte, em 1997, que o UOL passa a contar com o conteúdo do extinto portal BOL (Brasil On-line) que mais tarde fundiu-se ao UOL.

Na sessão das últimas notícias, é possível no UOL optar pela classificação por textos, álbuns de fotos, infográficos (característica de jornal impresso), vídeos ou blogs. No geral, a maior parte do conteúdo é de notícias textuais. No UOL é ainda possível filtrar a lista por notícias provenientes de agências ou de diversos jornais. No Terra, a classificação é por 'notícias' (textos), 'fotos; e 'vídeos'. No G1 não há essas opções de filtragem por tipos de suporte de informação.

Na capa, o Terra tem como característica exibir uma foto pertencente a um álbum sobre determinado assunto associada a um título escrito como o destaque maior; o G1 utiliza mais os vídeos ou fotos dos programas televisivos da Globo. E o UOL utiliza fotos dando destaque às manchetes escritas. Mas há que se considerar diferenças entre os atuais formatos dos portais de notícias e os portais à época da cerimônia de posse, em janeiro de 2011.

O UOL, por exemplo, mudou muito. De 2010 para 2011, o portal UOL Notícias tinha uma apresentação quase tão poluída com publicidade quanto a capa geral do UOL. A grande quantidade de publicidade em diversas cores na direita e no topo distraía bastante o olhar nesse portal. Hoje, o portal de notícias tem apresentação sóbria, com a barra superior azul e letras brancas, com pouca publicidade, ao contrário da capa geral do UOL, ainda muito

¹³ Um dos maiores e mais respeitados jornais diários do mundo, situado na cidade de Nova York (EUA), com tiragem média, no ano de 2011, de 1.317.100 exemplares por dia, de segunda a sexta-feira, e de 1.781.100 por domingo; o jornal é impresso em 26 cidades dos EUA, tem 6 escritórios em Nova York, 14 em outras cidades do país e 24 escritórios estrangeiros (NYTCO, 2012).

poluída. Ainda, à época da cerimônia de posse, a cor do UOL era vermelha escura assim como a capa geral, e não azul como hoje (azul que também é a cor da Folha Online).

O G1 não mudou muito desde a cerimônia de posse. Ele mantém uma apresentação sóbria, com letras em vermelho escuro e, como barra superior, um gradiente em prata. As manchetes são divididas por assunto em quadrados na página inicial, com "submanchetes" – que levam a noticias de segunda camada, adotando a visão da pirâmide deitada proposta por Canavilhas (2007).

O Terra também não mudou muito desde o dia da cerimônia de posse. A capa das notícias é apenas um pouco mais discreta que a capa geral em termos de publicidade. Ainda assim, o portal é um pouco mais organizado e com pouco menos de publicidade que a capa geral do UOL. O Terra tem as manchetes ocupando pouco mais da metade esquerda da tela, com peças publicitárias à direita e acima. As cores do Terra são o laranja, a principal cor que define a barra superior e a imagem de marca, com os textos escritos em cinza sobre fundo branco, também com a estrutura de manchete principal seguida de manchetes secundárias sobre o mesmo assunto em áreas organizadas em quadrados na capa.

Ainda sobre as capas dos portais, esse esquema de diagramação em quadrados, com o destaque no quadrado superior esquerdo, logo abaixo do logotipo do portal, é típico do G1 e do Terra, enquanto o UOL tem uma diagramação "horizontal" ou em linhas, com o destaque centralizado no topo e as demais chamadas de capa abaixo em quadrados lado a lado. Durante a cerimônia de posse, os portais mantiveram uma área ainda maior de destaque para a transmissão em vídeo em TR do evento. Importa dizer que o ponto comum entre os portais é ter uma imagem (foto ou vídeo) associada a um título escrito como destaque principal.

Sobre os portais ainda é possível destacar a apresentação visual das notícias em si, após o clique no link de manchete na capa. É característica comum uma foto apenas por notícia, centralizada e acima, com a respectiva legenda e o texto escrito abaixo. O texto vem em formato de poucas frases por parágrafo conforme as observações de Edo (2007); esse texto é geralmente mais sucinto no Terra, que tem a tendência a abrir um leque maior de notícias mais segmentadas a partir da primeira. Isso pode ser relacionado ao fato de que o Terra é um portal cuja empresa é voltada para a internet desde a origem; nele, a pirâmide deitada proposta por Canavilhas (2007) é mais desenvolvida. No G1, observa-se os grifos no texto em vermelho escuro, mesma cor dos títulos, o que não ocorre nos outros dois portais; e o G1 destaca melhor os links das notícias associadas, que aparecem no meio do texto. No Terra e no UOL, esses links aparecem abaixo. No UOL, por fim, os textos são, em geral, mais desenvolvidos – justamente por sua ligação com a Folha Online, que se origina a partir de um

jornal impresso. Os textos incluem por vezes mais de um subtítulo e são mais extensos, o que não é a característica do G1 e do Terra.

A atualização constante é característica dos portais, que ofereceram com frequência novos textos sobre a cerimônia de posse ou relacionados ao contexto político em que ocorria, incluindo manifestações da oposição (UOL, 2011). No dia 1º de janeiro de 2011, o G1, por exemplo, teve atualizações de 30 em 30 minutos, desde as 9h30min, mas deu ênfase às posses dos governadores até o início da cerimônia de posse presidencial, a partir das 14h; depois do início do evento, as atualizações foram mais frequentes, em questão de minutos, na etapa dos discursos na Câmara Federal e no Parlatório do Palácio do Planalto. No UOL, a manchete de capa se manteve por mais tempo, desde as 9h30 até por volta das 13h, uma hora antes da saída de Dilma da Granja do Torto; a partir daí, começou a cobertura por vídeo ao vivo, além da atualização das manchetes. No Terra, as atualizações foram frequentes desde as 9h30min, mas deram mais ênfase aos governadores até por volta de 14h, assim como o G1; e uma particularidade é que no Terra houve mais manchetes sobre assuntos diversos na capa, "competindo" com a cerimônia de posse: posses dos governadores, tremor de terra na Argentina¹⁴, atentado no Egito¹⁵ etc. No Terra, a cobertura em vídeo ao vivo começou quando Dilma deixou a Granja do Torto. Mais uma particularidade do Terra é que ele manteve atualizações em TR ("acompanhe a cerimônia minuto a minuto") ao longo do dia, enquanto que o G1 fez uma retrospectiva após o fim da cerimônia sobre o que ocorreu, num formato de cronologia. Tanto o G1 (2011c) quanto o UOL (2011c) utilizaram o recurso de um especial a respeito da cerimônia, nos termos descritos por Mielniczuk (2003) e já expostos acima, concentrando todas as notícias relacionadas que foram publicadas no dia.

Os portais de notícias, como já dito, são veículos pertencentes a empresas privadas que dependem dos anúncios para sustentar o negócio e concorrem entre si pela audiência dos internautas. Assim, a eles se aplicam as considerações sobre representação no jornalismo e discurso jornalístico conforme já exposto, a saber: a de que o profissional de imprensa sofre a coerção do tempo e a sombra da concorrência, o que interfere na sua produção; e o ideal de objetividade que os meios buscam passar sobre si, o que faz o jornalista a recorrer a métodos de expressar essa objetividade, como recorrer a fontes acreditadas ou registrar os "dois lados" de uma questão, ou mais.

14

¹⁴ Terremoto de magnitude 7 que atingiu o norte da Argentina, na zona rural de Santiago del Estero, a 960 quilômetros de Buenos Aires, na manhã de 1º de janeiro de 2011. Tremores decorrentes chegaram a ser levemente sentidos no sul e no sudeste do Brasil. Ninguém ficou ferido (CORREIO DO ESTADO, 2011; G1, 2012a).

¹⁵ Explosão terrorista no dia 1º de janeiro de 2011 que matou 21 pessoas em frente a uma Igreja cristã em Alexandria, no norte do Egito, após missa de celebração do Ano Novo (FOLHA, 2011).

Ainda sobre a cobertura dos portais, os três lançaram mão de repórteres no local, incluindo enviados especiais para a cerimônia. O G1, a partir das informações de autoria nas notícias veiculadas, enviou quatro repórteres a campo (o portal não especifica se algum foi enviado especial); outra parcela das notícias era feita da redação em Brasília. O UOL mandou seis repórteres a campo, incluindo o enviado especial Rodrigo Flores (UOL, 2011d), e também utilizou-se de notícias das Agências Brasil e Senado, além de sua redação em São Paulo; das notícias da Folha possíveis de ser acessadas a partir do portal UOL, havia uma enviada especial, mais duas repórteres de Brasília e uma de São Paulo. O Terra dispunha de três repórteres em Brasília e um em São Paulo, Vagner Magalhães – que posteriormente deslocou-se a Brasília; o Terra também utilizou-se de despachos de agências, como a Agência Estado e a EFE (TERRA, 2011c).

4. A TRAJETÓRIA DE DILMA ROUSSEFF

Neste capítulo, é apresentada uma biografia sucinta de Dilma Rousseff com base no que os três portais veicularam sobre o tema no dia. O motivo pelo qual as fontes são o próprio objeto de estudo é o objetivo do trabalho: analisar as representações de Dilma nos portais. Como fonte complementar, foi utilizada principalmente a biografia elaborada pelo portal do Palácio do Planalto na internet (PLANALTO, 2011).

No início da manhã do dia 1º de janeiro de 2011, os três portais traziam como matérias principais informações sobre a cerimônia de posse que iniciaria à tarde, acompanhadas de biografías resumidas da então presidente eleita. O texto produzido pelo portal UOL (2011b), dentro do que pode ser chamado de "especial" – tendo em conta as classificações de Mielniczuk (2003) – aborda de forma um pouco mais extensa a biografía de Dilma. Também no Terra (2011b) há um texto específico sobre ela; o G1 (2011b) faz uma breve referência biográfica em sua notícia principal, que fala mais sobre como será o desenrolar da cerimônia e sobre a segurança de Dilma. As informações que seguem são compiladas a partir dessas biografías resumidas e também da biografía oficial do Planalto (2011).

Dilma Rousseff nasceu em Belo Horizonte no dia 14 de dezembro de 1947, filha de um imigrante búlgaro, o poeta e empresário (UOL, 2011b) Petar Rusev, aqui no Brasil chamado Pedro Rousseff, e da professora fluminense Dilma Jane da Silva. Ela é a filha do meio; o casal teve ainda os filhos Igor, o mais velho, e Zana, a mais nova (PLANALTO, 2011).

A família era de classe média (PLANALTO, 2011) e Dilma iniciou os estudos em um colégio tradicional, o Nossa Senhora de Sion, onde falava em francês com suas professoras (TERRA, 2011b). Aos 14 anos, perdeu o pai, mas continuou crescendo "confortavelmente" em termos materiais sob a criação de sua mãe (TERRA, 2011b). No ensino médio, transferiuse para o Colégio Estadual Central, "então centro de efervescência cultural da capital mineira" (PLANALTO, 2011). Foi lá que teve contato e, aos 16 anos, passou a integrar grupos de resistência à ditadura militar no mesmo ano em que ocorreu o golpe, em 1964. O primeiro grupo do qual fez parte foi o Polop (Organização Revolucionária Marxista — Política Operária) (UOL, 2011b; TERRA, 2011b). Depois disso, ingressou na Colina (Comando de Libertação Nacional), movimento adepto da luta armada (UOL, 2011b). Em 1967, iniciou o curso de economia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No mesmo ano, casouse com o jornalista Cláudio Galeno Linhares. Vivendo na clandestinidade, teve de abandonar em 1969 o curso na UFMG (UOL, 2011b).

Ainda em 1969, separou-se de Galeno¹⁶. Anos mais tarde, casou-se com o advogado gaúcho Carlos Franklin Paixão de Araújo, com quem foi perseguida pelo regime militar (PLANALTO, 2011). É dele a única filha de Dilma, Paula Rousseff Araújo. Em julho de 1969, a Colina fundiu-se com a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), criando a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) (UOL, 2011b), onde Dilma nunca teria participado de ações armadas (TERRA, 2011b). Entre os codinomes que ela usou estão: Estela, Luiza, Maria Lúcia, Marina, Patrícia e Wanda (UOL, 2011b; TERRA, 2011b).

Presa em janeiro de 1970 em São Paulo, ficou detida na Oban (Operação Bandeirantes) onde foi torturada (UOL, 2011b) com palmatória, pau-de-arara e choques (TERRA, 2011b). Condenada pela Justiça Militar por subversão (PLANALTO, 2011) a dois anos e um mês de prisão, ficou presa por um total de quase três anos após ser transferida para cumprir a pena no presídio de Tiradentes, em São Paulo, até o final de 1972. (PLANALTO, 2011; TERRA, 2011b).

Após cumprir a pena, voltou para Porto Alegre em 1973, onde fez novamente o vestibular de economia e passou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PLANALTO, 2011). Entrou para a Fundação de Economia e Estatística do Governo do RS – FEE, em 1975, como estagiária (UOL, 2011b). Em 1976, nasceu sua filha Paula (PLANALTO, 2011) e, em 1977, formou-se na UFRGS e no mesmo ano foi demitida da FEE porque seu nome foi encontrado em uma lista de subversivos (UOL, 2011b).

A partir de 1979, dedicou-se à campanha pela Anistia e ajudou a fundar o Partido Democrático Trabalhista (PDT) no Rio Grande do Sul, junto com o marido Carlos Araújo. De 1980 até 1985, foi assessora da bancada estadual do partido e, em 1986, assumiu a Secretaria da Fazenda de Porto Alegre na gestão de Alceu Collares (PLANALTO, 2011). Após isso, Dilma ocupou o cargo de diretora-geral da Câmara Municipal de Porto Alegre quando, em 1989, após o retorno da democracia (PLANALTO, 2011), dedicou-se à campanha presidencial de Leonel Brizola, do PDT. Era o primeiro ano de eleições presidenciais diretas após a ditadura. No segundo turno, Dilma apoiou o candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva.

No início dos anos 1990, Dilma retornou à FEE, dessa vez como presidente da instituição e, com a eleição de Alceu Collares para o Governo do Estado, em 1993, passou a

_

¹⁶ Esse fato não está na biografia do Palácio do Planalto e também não é aprofundado pelos portais. No ano de 1969, uma foto de Galeno foi publicada em um jornal de Belo Horizonte, e ele e Dilma fugiram para o Rio de Janeiro. Galeno foi então transferido pelo movimento para Porto Alegre. No Rio de Janeiro, Dilma conheceu Carlos Araújo, chefe da dissidência do PCB que hospedou Galeno no Rio Grande do Sul (CARVALHO, abr. 2009 *apud* GADRET, 2011).

ocupar o cargo de Secretária Estadual de Energia, Minas e Comunicação (PLANALTO, 2011). Em 1998, Olívio Dutra elegeu-se governador do Rio Grande do Sul em uma aliança entre PDT e PT, e Dilma ocupou novamente a Secretaria de Energia, Minas e Comunicação (PLANALTO, 2011). No ano de 2001, ela deixou o PDT e se filiou ao PT¹⁷ (UOL, 2011b).

Em 2002, Dilma Rousseff foi convidada pelo então presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva para participar da equipe de transição entre os governos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Lula (PT), assumindo em 2003 o Ministério de Minas e Energia (PLANALTO, 2011). Entre 2003 e 2005, de acordo com o site do Planalto (2011), Dilma comandou a elaboração do marco regulatório para o setor de Minas e Energia e presidiu o Conselho de Administração da Petrobrás. Destaca-se nesse período a criação do programa Luz para Todos (UOL, 2011b).

Em 2005, com a exoneração de José Dirceu da Casa Civil, após denúncias de corrupção em um esquema de compra de votos de parlamentares que ficou conhecido como "mensalão", Dilma Rousseff foi convidada por Lula para assumir o Ministério (TERRA, 2011b), segundo cargo mais importante do Poder Executivo. Nesse período, ela seguiu à frente do 'Luz para Todos' e comandou os programas Minha Casa Minha Vida, destinado à construção de moradias populares, e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), um conjunto de obras de infraestrutura (TERRA, 2011b). A habilidade na mediação entre o Governo e o setor privado foi tida pelo UOL (2011b) como uma característica positiva. Dilma Rousseff também coordenou a Comissão Interministerial encarregada de definir as regras de exploração de petróleo na recém-descoberta camada do pré-sal em águas profundas (PLANALTO, 2011).

De acordo com o UOL (2011b), Dilma sempre teve um perfil "centralizador" e "técnico", sendo bastante exigente para com os ministros e assessores nos cargos que ocupou. Deixou a Casa Civil em 2010 para se candidatar à presidência da República pelo PT. Na corrida da campanha eleitoral, nasceu o seu único neto, Gabriel (TERRA, 2011b). No dia 31 de outubro de 2010, Dilma Rousseff derrotou José Serra (PSDB) e foi eleita a primeira mulher presidente do Brasil, obtendo 56,05% dos votos válidos no segundo turno, o que correspondeu a cerca de 55,7 milhões de votos (TERRA, 2011b).

PT (CARVALHO, jul. 2009 apud GADRET, 2011).

_

¹⁷ Esta passagem de um partido a outro também não é explicada nas biografías dos portais e do Planalto. No ano de 2000, PDT e PT, até então aliados, tiveram um desentendimento. O PDT não queria que Tarso Genro concorresse à prefeitura de Porto Alegre contra Collares. Dilma era a favor de manter o acordo com o PT, que elegera Olívio Dutra governador em 1998. Ela apoiou Tarso Genro e, quando ele venceu a eleição, filiou-se ao

Nos discursos que proferiu, lembrou-se dos companheiros de resistência à ditadura e se emocionou ao se referir aqueles que não puderam estar ali para compartilhar aquele momento. Ela recebeu a visita de ex-companheiras de cela no dia da cerimônia.

4.1. O dia da cerimônia de posse

A presidente iniciou o dia 1º de janeiro de 2011 na residência oficial da Granja do Torto na companhia de familiares, depois saiu em carro fechado devido à chuva para as diversas etapas da cerimônia: culto ecumênico na Catedral de Brasília, posse oficial no Congresso Nacional seguida do primeiro discurso, transmissão da faixa presidencial no Palácio do Planalto seguida do segundo discurso, posse dos ministros e recepção aos chefes de estado no Palácio do Itamaraty.

Além da transmissão ao vivo e da cobertura de cada momento da posse, os meios de comunicação abordaram questões paralelas - os fait divers, ou fatos diversos – como as mulheres da guarda pessoal de Dilma (G1, 2011d), as pessoas que vieram de lugares distantes para acompanhar a posse (G1, 2011e) etc. Ainda, houve matérias a respeito do presidente Lula deixando o cargo (G1, 2011f; TERRA, 2011d), e matérias e comentários sobre a biografía de Dilma Rousseff (G1, 2011b; UOL, 2011b, TERRA, 2011b) e do vice Michel Temer (UOL, 2011e; TERRA, 2011e), além dos chefes de estado que compareceram à cerimônia (TERRA, 2011c, 2011f, 2011g).

A cerimônia, conforme cronologia elaborada pelo Portal G1 (2011h), começou às 14 horas do dia 1º de janeiro de 2011, um sábado, com a saída de Dilma da Granja do Torto em carro fechado, sob chuva. A presidente eleita foi primeiramente à Catedral de Brasília e em seguida ao Congresso, onde fez o juramento de posse, seguida pelo vice Michel Temer. O presidente do Senado José Sarney declarou ambos empossados às 14h52min e, após assinatura do termo de posse, Dilma fez seu primeiro pronunciamento como presidente às 15h06min. Na sequência, discursou José Sarney, que encerrou a sessão de posse no Congresso às 16h. Às 16h27min, Dilma saiu do Congresso, passou em revista às tropas, beijou a bandeira e iniciou o desfile em carro fechado, devido à chuva, às 16h36min. Às 16h49, Dilma recebeu a faixa presidencial de Lula na chegada ao Palácio do Planalto e iniciou o seu segundo discurso, desta vez no Parlatório. Às 17h06min, Dilma encerrou o discurso e recebeu os cumprimentos dos chefes de estado no Planalto. Às 17h39, a presidente começou a empossar os ministros e na sequência recebeu os cumprimentos de autoridades do Legislativo

e do Judiciário. Por fim, às 18h45, Dilma saiu do Planalto em direção ao Itamaraty, onde ocorreu um coquetel com a presença dos Chefes de Estado que presenciaram a cerimônia.

Como afirmado anteriormente, embora esse período de cerca de cinco horas tenha sido o da cerimônia de posse em si, a cobertura relativa ao evento pelos portais de notícias evidentemente já havia começado no dia anterior e se estendeu nos dias subsequentes. O material coletado para a presente pesquisa considera o que estava nos três portais estudados no dia 1º de janeiro, das 9h30min até às 23h.

5. ANÁLISE DE DISCURSO COMO PONTO DE VISTA METODOLÓGICO

Nosso ponto de vista parte dos pressupostos teórico-metodológicos de Eni Orlandi (2012), que define procedimentos para análise do discurso em termos mais gerais, e de Marcia Benetti (2007), a qual elabora procedimentos específicos para análises discursivas no campo do jornalismo.

Orlandi (2012) descreve a situação de análise em três etapas distintas, partindo de um primeiro olhar sobre o texto até a compreensão da formação ideológica à qual se filiam os sentidos presentes no discurso. É a observação do método que assegura a validade da análise.

De acordo com a autora, "há uma passagem inicial fundamental que é a que se faz entre a superfície linguística e o objeto discursivo, este sendo definido pelo fato de que o corpus já recebeu um primeiro tratamento de análise superfícial" (ORLANDI, 2012, p. 65). Ela chama esse processo inicial de 'de-superficialização', que se trata da análise do contexto discursivo ou "materialidade linguística: o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias". Isso pode ser observado, segundo a autora, através das formações imaginárias relativas ao enunciador do discurso (se é professor, aluno ou jornalista, por exemplo) e do lugar de onde os sujeitos falam.

Nesse primeiro movimento de análise, de acordo com Orlandi (2012), o que se faz é trabalhar o esquecimento "número dois", afastando a ilusão de que o que foi dito só poderia ter sido dito daquela maneira e não de outra. Isso pode ser feito através do procedimento de paráfrase – por exemplo, pegar a manchete do UOL (2011a, 2011f) "Dilma toma posse hoje ofuscada pela saída de Lula" e, partindo do princípio de que há sentidos nessa manchete que não são naturais, mas que se tratam de representações particulares, formular o seguinte contraponto: "Dilma assume hoje a presidência da República prestigiada por seu antecessor".

Através da *de-superficialização*, prossegue Orlandi (2012), "começa a aparecer o modo de funcionamento do discurso [...] Com isto detectamos a relação do discurso com as formações discursivas" (p. 66). Esse procedimento inicial de análise, enfim, trata de

converter a superfície linguística (o corpus bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico [...] por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de "realidade" do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas (ORLANDI, 2012, p. 66).

A partir daí, sustenta Orlandi (2012), entra-se no processo discursivo, saindo do produto acabado que afeta o analista linguística e ideologicamente. Nessa segunda passagem,

do objeto para o processo discursivo, "passamos ao mesmo tempo do delineamento das formações discursivas para sua relação com a ideologia, o que nos permite compreender como se constituem os sentidos" (ORLANDI, 2012, p. 67).

O que ocorre, portanto, é uma primeira passagem da superfície linguística para o objeto discursivo e, após, uma passagem do objeto para o processo discursivo, através de uma observação dos modos de construção e estruturação que constituem os sentidos no texto em análise. Nessa etapa, chega-se à compreensão da formação ideológica que rege a construção de sentidos no texto; com processos como a paráfrase e a metáfora, verificando que os sujeitos dizem "x" e não "y". "As palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. É desse modo que a história se faz presente na língua." (ORLANDI, 2012, p. 67).

Apesar de a análise de discurso ater-se ao texto objeto de pesquisa em questão, estudando como os sentidos nele se constituem, é necessário perceber a exterioridade do texto para se compreender esses sentidos.

A própria delimitação do *corpus* é uma construção do pesquisador que faz parte do processo de análise. Não há uma regra que diga qual deve ser a extensão do texto que se analisa. Mas o corpus precisa corresponder ao objetivo da análise em questão.

Sobre isso, Benetti (2007), destaca que, nos estudos sobre o discurso jornalístico, a tendência atual é realizar uma pesquisa mais exaustiva para compreender os mecanismos de construção; o *corpus* tende a ser mais abrangente, ao contrário dos estudos iniciais em Análise de Discurso:

Sendo a AD um gesto de interpretação do pesquisador, a representatividade do *corpus* em análise é um dos mecanismos de vigilância epistemológica que podem permitir conclusões mais contundentes a respeito do discurso (BENETTI, 2007, p. 121).

Benetti (2007) preconiza uma estruturação da análise seguindo também um mecanismo que começa pelo texto bruto, indo de fragmentos até a compreensão do contexto daquele discurso para então compreender os sentidos presentes.

A análise, de acordo com Benetti (2007), possibilita diferentes tipos de estudo. Podem ser realizados estudos de sentidos ou estudos de vozes. Em qualquer caso, a análise é sistematizada. No caso do estudo dos sentidos, começa-se com a identificação de Sequências Discursivas (SDs), que é um primeiro nível de interpretação dos textos em análise. Tanto os textos como as SDs são numeradas (Texto 1, 2, SD 1, SD 2 etc.). As sequências contêm

núcleos de sentido, que são palavras ou signos que centralizam o sentido do discurso. As SDs com sentidos semelhantes são agrupadas em formações discursivas (FDs) que também são numeradas. Como explica Benetti, "existem tantas formações discursivas quantos sentidos nucleares pudermos encontrar em um texto" (BENETTI, 2007, p. 112).

A autora reforça que os discursos são regidos por forças interiores e exteriores a ele e que, portanto, o contexto deve ser também levado em conta: "o texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em outro lugar: na sociedade, na ideologia, na cultura, no imaginário" (BENETTI, 2007, p. 111).

A etapa de identificação dos núcleos de sentido constitui a parte "operacional e pragmática" (BENETTI, 2007, p. 111) da análise. As FDs ocorrem por um conjunto de sentidos que remetem às formações ideológicas (FIs) presentes no discurso; a estrutura do discurso pode ser identificada com a compreensão da FI dominante naquele discurso.

Essa configuração ideológica constitui a segunda camada do discurso. "A lógica da AD nos diz que um sentido sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra" (BENETTI, 2007, p. 112). A análise completa-se, portanto, com a interpretação, ou a compreensão (ORLANDI, 2012), da FI que rege o discurso em análise.

Para que o texto seja científico – e aqui entramos novamente em uma coerção, dessa vez à própria condição de validade deste TCC – Benetti (2007) pontua que é necessário rigor na análise. "Não são aceitáveis as intepretações – talvez fosse melhor dizer 'comentários'? – com base em impressões do analista. É preciso construir um quadro de FDs [...] justificadas pelos textos em análise" (BENETTI, 2007, p. 112).

A autora também chama atenção para o fato de que, com o objetivo de compreender a conjuntura sócio-histórica em que o discurso está inserido, é geralmente necessário recorrer a outros campos de estudo para concluir a análise.

O discurso jornalístico quase nunca se basta. Se nosso objeto de interesse trata de notícias sobre comportamento, vamos buscar as formações ideológicas nas áreas da psicologia e filosofia; se analisamos resenhas literárias, vamos buscá-las nos estudos da literatura e história, e assim por diante (BENETTI, 2007, p. 115).

Vale ressaltar que na Análise de Discurso não há uma fórmula única a ser aplicada; o que é necessário é um método a ser seguido com rigor para que a análise empírica seja válida. Também sobre a AD, pode-se dizer que é um método subjetivo, e que as conclusões variam

de análise para análise porque os resultados dependem do recorte que se faz do processo discursivo mais amplo tendo em vista o objetivo do estudo; o que se procura fazer é manter um procedimento para que a análise seja o menos subjetiva possível, para que o analista consiga manter uma posição de distanciamento para com o objeto em análise, num movimento de idas e vindas constantes entre *corpus*, análise e teoria (ORLANDI, 2012).

5.1. Coleta de dados

Foi realizada uma coleta dos dados da cobertura da posse da presidente Dilma Rousseff a partir das 9h30min do dia 01/01/2011, com verificação de atualização dos portais a cada meia hora; a cerimônia foi acompanhada em tempo real a partir das 14h, através da transmissão ao vivo nos portais. A cada meia hora até a transmissão, e conforme a mudança das manchetes durante, foram capturadas as capas dos três portais através do recurso "Print Screen"; nessa parte, cada capa era verificada com intervalo máximo de 5 minutos – entre as 14h e as 17h06. Foram verificados também os desdobramentos do evento nas três horas seguintes ao encerramento do pronunciamento de posse, com atualização das capas a cada quinze minutos até às 22h e, após, mais duas atualizações – às 22h30min e 23h.

O mecanismo de coleta consistiu em copiar o conteúdo textual de cada notícia destacada – a saber, as manchetes principais e outras selecionadas – e o respectivo link direto, além de registrar a imagem das páginas iniciais de cada portal e das páginas de cada notícia através do recurso "Print Screen". Os textos escritos foram salvos em formato de arquivo de texto e numerados. As notícias foram acessadas a partir das manchetes nas capas dos portais por serem as que primeiro aparecem para o leitor.

Após a coleta bruta dos dados, procedeu-se inicialmente a uma seleção maior das manchetes, imagens e textos, de modo a delimitar a pesquisa nos elementos mais pertinentes ao objetivo do trabalho, que é o de analisar as representações de Dilma Rousseff na cobertura da cerimônia de posse nos portais.

Foram selecionados, numa etapa inicial de 'de-superficialização' (ORLANDI, 2012), além das imagens de capa, 74 textos¹⁸ de matérias e comentários separados da cobertura ao longo do dia – 15 do G1, 26 do Uol e 36 do Terra – a menor participação do G1 explica-se pela sua maior ênfase na cobertura ao vivo com imagens do que na produção de textos. Por "textos" indicam-se as matérias, legendas de fotos, manchetes e imagens.

_

¹⁸ Os vídeos nos portais foram ignorados, bem como a cobertura ao vivo, para restringir a extensão do *corpus* de modo que a qualidade da análise não fosse prejudicada pelo excesso de material a ser estudado.

5.2. A análise propriamente dita

Seguindo os passos sugeridos por Benetti (2007) para o estudo de sentidos, optamos por começar a análise pela identificação de sequências discursivas (SDs) nos textos selecionados. Fizemos uma análise separada para cada portal e, depois, os resultados foram analisados para identificar as formações discursivas (FDs) presentes em todos os textos.

Tanto os textos como as SDs são numerados em ordem corrida; pela ordem de análise de cada portal e pela ordem cronológica em que ocorreram no dia. A análise inicial das SDs foi separada por portais. Optamos por começar pelo G1 pelo critério de ser o portal com a menor quantidade de textos selecionados para análise, seguidos da análise do UOL e do Terra.

Elaboramos quadros regidos pelas sequências discursivas encontradas nos portais G1 (Apêndice B); UOL (Apêndice C) e Terra (Apêndice D), associando-as aos textos nas quais estão localizadas (incluindo o tipo de texto: manchete, notícia, foto etc.) e, por fim, a formação discursiva (sentido nuclear) em que se insere cada sequência discursiva. As FDs foram numeradas *a posteriori*, de acordo com a sua incidência na análise; a FD1 é a que ocorreu mais vezes, a FD2 teve o segundo maior número de ocorrências e assim por diante.

5.3. Formações discursivas

Foram encontrados no *corpus* quatro núcleos de sentidos, correspondendo a quatro Formações Discursivas – FD's (Apêndice A): Liderança Feminina (FD1 – 41,76%); Criada por Lula (FD2 – 39,01%); Radical e Autoritária (FD3 – 15,4%) e Sensível e Feminina (FD4 – 13,7%). A FD1 e a FD4 são formações que representam Dilma Rousseff de forma positiva e se contrapõem à FD2 e FD3, respectivamente. É interessante notar que, levando em consideração a totalidade do *corpus*, tanto a incidência da FD1 é equilibrada em relação ao seu contraponto, a FD2, como a incidência da FD3 é equilibrada com a da FD4. Essas formações ocorrem com incidências diferentes nos três portais analisados e sentidos contraditórios podem, em alguns casos, ser encontrados no mesmo texto. Detalhamos abaixo o que expressa cada FD e a forma como ocorrem em cada portal.

5.3.1. Liderança Feminina (FD1)

Esta formação é a que apresenta maior incidência na análise (76 sequências discursivas de um total de 182). A FD1 é uma representação positiva de Dilma Rousseff e reúne os sentidos de "pioneira de gênero"; "renovação"; "superação e volta por cima"; "representante das mulheres e dos grupos minoritários ou excluídos" e "líder conciliadora e internacional".

As 76 SDs com presença da FD1 de um total de 182 SDs nos três portais correspondem a uma incidência de 41,76%. Os números para cada portal foram os seguintes: G1 – 16 ocorrências (de 38 SDs) = 42,1% / UOL – 23 ocorrências (de 65 SDs) = 35,4% / Terra – 37 ocorrências (de 79 SDs) = 46,8%.

Nesta formação discursiva, uma das seqüências mais comuns é a apresentação de Dilma Rousseff como 'primeira mulher presidente do Brasil':

Primeira Presidente do Brasil receberá a faixa de Lula no Palácio do Planalto (SD1, Texto 01, destaque de capa – G1, 2011a).

Posse da **primeira presidente da história do Brasil** terá cobertura... (SD39, Texto 23, destaque de capa – UOL, 2011a).

A imagem de Dilma está associada a um protagonismo histórico¹⁹. Ela é representada como a personificação de uma simbólica subida de um degrau na sociedade brasileira, quebrando uma barreira para todas as mulheres em direção ao ideal de igualdade, sendo, portanto, pioneira e líder. Nesse sentido, Dilma é retratada pelos três portais como dona de sua própria história e fazendo a sua história e a de seu país. Ela aparece nos textos escritos como sujeito agente, em orações diretas, indicando tomada de decisões e liderança – em contraposição às orações passivas como veremos posteriormente na FD2.

A interlocução com o capital e o comando do programa Luz para Todos foram decisivos para que Dilma <u>se tornasse</u>, em 2005, ministra-chefe da Casa Civil no lugar de José Dirceu (SD49, Texto 27 – UOL, 2011b).

...o jornal argentino El Clarín disse²⁰ que **Dilma foi peça fundamental do governo** de Luiz Inácio Lula da Silva e <u>se tornou</u> a primeira mulher presidente no País... (SD168, Texto 83 – TERRA, 2011h).

¹⁹ Nas sociedades democráticas ocidentais, baseadas em princípios de liberdade, igualdade e fraternidade trabalhados por diversos filósofos iluministas e evocados na Revolução Francesa de 1789, os sistemas começaram altamente desiguais, com o voto valendo apenas para homens brancos de razoável poder aquisitivo e com instrução (McNAIR, 2011). A igualdade como ideal vem sendo gradualmente conquistada (McNAIR, 2011) na prática, com maior ou menor demora dependendo do país, por grupos historicamente discriminados (negros, mulheres, analfabetos, índios e diversas minorias) primeiramente através do voto – as mulheres conquistaram o direito ao voto no Brasil no ano de 1932 (CBJE, 2012), enquanto que os homens já votavam desde 1532 (BRASIL, 2012). A primeira mulher a assumir cargo legislativo no Brasil foi a Deputada Federal Carlota Pereira de Queiroz, em 1933 – única mulher entre os 254 deputados daquela legislatura. A Constituição de 1988 vem corroborar os valores de igualdade já acentuados no Artigo 2º da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Em 2011, 122 anos após o início da República no Brasil, uma mulher assume o cargo máximo do poder executivo.

Embora as afirmações sejam uma declaração indireta a partir do texto de outro veículo de comunicação, o fato de o portal Terra tê-las publicado significa que é atribuído prestígio ao jornal em questão, o Clarín. O Texto 83 no Terra traz o que foi dito na imprensa internacional sobre a posse de Dilma; portanto, o Clarín (juntamente com alguns outros jornais) é a imprensa internacional. Por mais que o Terra divulgue trechos de um discurso que apresenta como não sendo o seu, não deixa de atuar como veículo para os sentidos produzidos naquele discurso —

As imagens da presidente inseridas na FD1 mostram-na confiante, à frente de outros líderes políticos (Figuras 1, 2 e 3). As figuras abaixo exemplificam a manifestação dessa FD:



Figura 1: Dilma à frente dos homens do Congresso (SD19, Texto 10, imagem de capa - G1, 2011a).



Figura 2: Dilma chega ao Congresso (SD70, Texto 40, imagem de capa – UOL, 2011a).

e mais, ajuda a reforçar esses sentidos. Houve um processo de seleção de textos da mídia internacional pelo portal e o trecho acima foi um dos escolhidos quando outros trechos ou jornais poderiam ter sido escolhidos e não foram. Como mencionado anteriormente, a autoria de um discurso é apenas uma ilusão – o esquecimento "número um" (ORLANDI, 2012), segundo o qual o ser humano acredita estar na inicial absoluta do significado. No caso acima, a única diferença é que há uma referência explícita a outra fonte, ou seja, a indicação de que aqueles sentidos não foram originalmente produzidos pelo portal (o que não quer dizer que o Clarín seja "a única fonte desse dizer"). Da mesma forma, os outros sentidos encontrados nos três portais aos quais não foi atribuída uma fonte externa também não são originais de G1, Uol e Terra. Eles estão nas formações imaginárias, na ideologia (ORLANDI, 2012) e, quando veiculados pela mídia, por vezes podem se passar por consenso (HALL et. al., 1993).



Figura 3: Dilma aplaudida quando candidata (SD105, Texto 60, imagem de capa – Terra, 2011a).

Os portais enfatizam nos discursos de posse de Dilma a menção ao auxílio aos menos favorecidos e proteção às mulheres. Há uma grande ênfase no sentido de *representante das mulheres* e modelo (*líder*) – através de referências como, por exemplo, à sua guarda composta de mulheres que também são pioneiras em uma profissão tipicamente de homens.

ela não será a única em sua comitiva em uma posição ocupada por um homem em posses passadas. Ao lado dela, na sua guarda pessoal, estarão seis mulheres em uma profissão tipicamente masculina. Policiais federais, elas são a última linha de defesa da mulher que governará o país pelos próximos quatro anos (SD12, Texto 06 – G1, 2011d).

Outro exemplo é o do encontro de Dilma com ex-companheiras de cela no período da ditadura; ela *representa* essas lutadoras.

...afirmou ela, que ficou presa por três anos na década de 70 e que foi torturada na prisão. Colegas de cela daquele período estiveram presentes na cerimônia no Palácio do Planalto, assim como a mãe e a tia da petista. (SD 89, Texto 52 – UOL, 2011g).

Companheira de cela da presidente Dilma Rousseff no presídio Tiradentes, em São Paulo, a ex-guerrilheira Ieda Akselrud de Seixas, que acompanha, neste sábado, a posse da primeira presidente do Brasil, disse estar muito emocionada e sente como se todos aqueles que lutaram e morreram nos anos de chumbo também tivessem chegado ao poder neste 1º de janeiro (SD164, Texto 81 – TERRA, 2011i).

São mulheres que estiveram à margem da sociedade (no caso, com respeito à política), assim como estão à margem todos aqueles em posição frágil – por exemplo, os pobres e os jovens sem emprego. Por isso a imagem de *representante dos excluídos*.

Presidente disse ter compromisso de honrar as mulheres e proteger os frágeis. (SD23 Texto 12, - G1, 2011h).

O item 5 [do plano de governo de Dilma publicado no site do Planalto] trata de **'erradicar a pobreza absoluta e prosseguir reduzindo as desigualdades'.** Esse deve um *(sic)* dos **pontos centrais** do discurso de Dilma em seu mandato. (SD64, Texto 35 – UOL, 2011h).

Os portais UOL e Terra trazem uma biografía da presidente, que é trabalhada de forma a representá-la como alguém que superou diversas dificuldades e atingiu o seu objetivo: superou a condição de clandestinidade na luta contra o poder da ditadura para assumir o poder 41 anos depois. Superou um câncer para continuar na disputa das eleições presidenciais. Superou desconfianças em relação à sua candidatura e se elegeu.

No início de 2009, **foi acometida por um câncer** no sistema linfático e submetida a tratamento; a ex-ministra **foi considerada curada** por sua equipe médica em setembro do ano passado (SD52, Texto 27 – UOL, 2011b).

Depois de uma campanha eleitoral que se estendeu ao segundo turno, **é eleita**, em outubro de 2010, a **primeira mulher presidente do Brasil** (SD53, Texto 27 – UOL, 2011b).

Dilma Vana Rousseff, 63 anos, que será empossada neste sábado como a primeira mulher presidente da República do Brasil, ainda aplica, quase 40 anos depois, o mote do grupo extremista Var-Palmares -"Ousar Lutar, Ousar Vencer" - para enfrentar o câncer linfático que a acometeu em 2009, driblar a desconfiança de uma candidatura em 2010 e colocar em prática as principais promessas de campanha (SD110, Texto 60 – TERRA, 2011b).

É a imagem da heroína; aqui, o discurso revela-se funcionando como uma narrativa (MOTTA, 2007). Existe um processo com início, meio e fim, significado através dos sentidos reproduzidos nos portais. Uma mulher que luta contra a opressão por um país melhor, passando pelas piores adversidades como prisão e tortura, mas não desistindo dos seus ideais. Esse paradigma é explicitado no primeiro destaque de capa sobre o assunto no dia no Portal Terra (Figura 3):

Dilma Rousseff: **de Joana D'Arc²¹ subversiva a presidente do Brasil** (SD104, Texto 59, destaque de capa – TERRA, 2011a).

_

²¹ Joana D'Arc (1412-1431). Camponesa francesa que viu membros de sua família mortos com a invasão de ingleses a grande parte do território da França durante a Guerra dos Cem Anos (1337-1453). A partir dos 17 anos de idade, liderou um exército de milhares de homens, libertando diversas cidades. Ferida e capturada em uma batalha, foi condenada por bruxaria e queimada viva na cidade de Rouen. Uma versão diz que sua influência junto aos camponeses não era bem vista pelo rei Carlos VII, que colaborou para que ela caísse em mãos inimigas. É considerada heroína na França e santa pela Igreja Católica (CARVALHO, 2012).

Ao contrário de Joana D'Arc, porém, Dilma dá a volta por cima e vence, chegando ao poder. A narrativa ajuda a dar sentido, transformando uma série de acontecimentos em algo palpável e coeso, referenciado nos *mapas culturais* (HALL *et. al.*, 1993). São as representações de que o jornalista, em sua apertada rotina, lança mão como forma de buscar a aceitação do público (CORREIA, 2009). Uma complexa biografia é tratada de uma determinada maneira, moldada para constituir uma narrativa dotada de sentido – isso pode ocorrer mesmo que não haja intenção por parte de quem enuncia o discurso. Além disso, ajuda a alcançar o efeito de dramatização a que os meios apelam para conquistar a audiência (CHARAUDEAU, 2007).

Não esquecendo que para todo dito "x" há um não-dito "y" que informa o sentido de "x" (ORLANDI, 2012) e que um dos métodos de desconstrução da ilusão de literalidade de um texto é a formulação de um contraponto – como no exemplo da autora, *Vote com coragem* para *Vote sem medo* – é possível adotar o mesmo método para os excertos já expostos acima. Na realidade, alguns dos possíveis contrapontos ocorrem nos três portais e são expostos a seguir na FD2, que tira de Dilma a responsabilidade pela sua chegada à presidência e coloca em cheque sua capacidade de governar.

Como exemplos de contrapontos para a FD1 que não se inserem na FD2, estariam sentidos que constituiriam uma imagem "neutra" de Dilma, omitindo a representação de 'primeira presidente da história do Brasil' como destaque de capa, por exemplo, e enunciariam a cerimônia de posse como uma mera formalidade. A foto poderia ser de José Sarney declarando empossados Dilma Rousseff e Michel Temer, com os três lado a lado. As manchetes de capa poderiam ser "Dilma Rousseff assume presidência hoje"; "Dilma Rousseff apresenta metas de governo em discurso de posse". É possível dizer que tais representações não teriam o mesmo apelo que as que ocorrem na FD1; por isso, é difícil imaginá-las, em termos jornalísticos, sendo realmente empregadas pelos portais que, especialmente nesse dia e com esse evento, disputam ferrenhamente a atenção do público. Elas não têm o apelo da imagem de heroína de Dilma e da narrativa implícita nessa representação, o que é pelo menos instintivamente percebido pelo jornalista.

É justamente por ser difícil imaginar essas representações mais frias a respeito de Dilma sendo veiculadas pelos portais que se pode observar uma ideologia profissional (HALL et. al., 1993) operando nesse discurso. É a dramatização de que as mídias privadas fazem uso em um contexto de disputa de audiência; é uma das características do discurso das mídias observada por Patrick Charaudeau (2007). Não se está decretando aqui que essa característica determina a FD1 em particular (até porque essa ideologia profissional que leva a uma

tendência de dramatização não pode operar sozinha, ela depende de outros sentidos dos quais lança mão), mas que ela *também* opera nesse discurso, lembrando que o discurso é a língua em contexto comunicativo (CHARAUDEAU, 2007), um acontecimento envolvendo sujeitos numa dada situação com determinados objetivos e que tem um efeito de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2012).

Esses sentidos, na FD1, combinam-se na nomeação do conteúdo relativo à cerimônia de posse como "**Nova Presidente**" no caso do G1 (SD9, Texto 03, cartola de capa – 2011a), sugerindo *renovação*. Entre as ações atribuídas a Dilma, estão a articulação com membros da oposição para colocar em prática determinadas políticas e a respeitabilidade de sua posse pelo grande número de líderes internacionais presentes, representando-a como *conciliadora*, capaz de articular políticas com grupos divergentes.

A presidente Dilma Rousseff deverá fazer uma reunião com todos os governadores do país logo no início do governo para discutir um pacto nacional de segurança (SD 37, Texto 21 – G1, 2011i).

A presidente Dilma Rousseff poderá contar com o apoio dos governadores de partidos de oposição, afirmou hoje (1°) o governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB) (SD 91, Texto 53 – UOL, 2011i).

Confirmaram presença pelo menos 30 dirigentes estrangeiros [...] mais do que a de qualquer presidente desde a redemocratização. (SD 47, Texto 26 – UOL, 2011f).

A cerimônia, com início previsto para as 14h30, tem confirmada a **presença de representantes de mais de 130 países.** (SD 135, Texto 64, legenda de foto da notícia – TERRA, 2011f).

O importante é que na FD1 essas qualidades são atribuídas diretamente a Dilma, ao contrário da FD2. Como uma formação discursiva é percebida por ser uma maneira particular de interpretar a realidade, e não uma constatação transparente do que a realidade é de forma natural, o contraponto é importante para compreender os processos discursivos que ocorrem em uma ou outra formação. A seguir, expomos a FD2, cujo contraponto é a própria FD1.

5.3.2. Criada por Lula (FD2)

Contraponto à FD1, esta formação apresenta a segunda maior incidência na análise (71 sequências discursivas de um total de 182). A FD2 representa Dilma Rousseff negativamente e reúne os sentidos de "produto passivo"; "criação de Lula"; "inferior a Lula"; "coadjuvante"; "apenas técnica e não política", "despreparada para governar" e "impopular".

As 71 SDs com presença da FD2, de um total de 182 SDs nos três portais, correspondem a uma incidência de 39,01%. Os números para cada portal foram os seguintes:

G1 - 14 ocorrências (de 38 SDs) = 36,84% / UOL - 32 ocorrências (de 65 SDs) = 49,23% / Terra - 25 ocorrências (de 79 SDs) = 31,65%. O Portal UOL foi o único que teve uma incidência maior da FD2 do que a FD1 (32 a 23). No geral, as incidências das duas formações foram equilibradas (76 a 71).

A imagem paradigmática da FD2 é a que apresenta Lula à frente de Dilma em sua chegada à presidência (Figura 5). Ela é representada como uma criação do seu antecessor Luiz Inácio Lula da Silva, e só chegou à presidência porque ele quis. Ele é o "mentor" de Dilma. A principal notícia do G1 no início do dia ilustra muito bem os sentidos ligados à FD2:



Figura 4: Dilma envolvida e beijada na testa por Lula (SD4, Texto 02, foto da notícia – G1, 2011b).

A primeira imagem é muito significativa, mostrando Lula beijando a testa de Dilma numa atitude paternalista (Figura 4); a própria expressão de Dilma parece inerte. O título é uma sequência igualmente importante no texto, destacando-se a passividade de Dilma.

Posse neste sábado no Congresso **faz de Dilma** primeira mulher presidente (SD2, Texto 02, título da notícia – G1, 2011b).

Ainda mais significativa, no entanto, é a imagem emblemática que vem na continuidade da notícia (Figura 5):

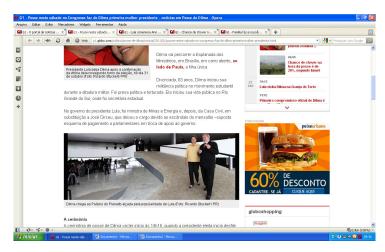


Figura 5: Dilma é instruída por Lula (SD6, Texto 02, foto da notícia – G1, 2011b).

Dilma é apresentada como *sombra* de Lula nessa imagem, que se torna ainda mais significativa com a legenda subjacente:

Dilma chega ao Palácio do Planalto **alçada pela popularidade de Lula** (SD7, Texto 02, legenda de foto da notícia – G1, 2011b).

A presidente é retratada como sujeito de orações passivas, não só na notícia acima, mas de forma recorrente ao longo do dia pelos três portais. Observe-se a quantidade de ações que Dilma sofre nesta seqüência:

Dilma **será levada** em carro aberto até o Congresso, onde **será empossada** [...] **será conduzida** ao Palácio do Planalto **e posicionada** diante da rampa. **Ladeada** pelos Dragões da Independência... (SD 65, Texto 36 – UOL, 2011f).

Nesta formação, ela é vista como apenas sofrendo a ação de outros personagens. A representação que aqui se faz de Dilma é como de um fantoche, alguém que não é de fato líder. A referência à sua biografia, no contexto da FD2, é de uma pessoa puramente técnica, sem habilidades de articulação política nem carisma junto à população, conclusão que é construída tendo por base o fato de que ela nunca havia atuado anteriormente em nenhum cargo eletivo, nunca havia sido eleita para nenhuma posição.

Num café da manhã com o chefe do gabinete pessoal da Presidência da República, Gilberto Carvalho, ela chegou a lamentar que a vida pública a tivesse tornado **uma mulher de gabinetes e com pouca ligação popular.** (SD124, Texto 62 – TERRA, 2011j).

Dilma se lançou na campanha como um **enigma** até para alguns círculos políticos em Brasília. O **nome era reconhecido por menos de 10% dos eleitores**, e a

indicação não foi bem recebida por alguns membros do PT, que **desejavam um candidato mais conhecido e experiente** (SD 130, Texto 62 – TERRA, 2011j).

Assim, lançam-se desconfianças quanto à sua capacidade de conquistar o apoio político necessário para governar. Essa desconfiança chega a ser diretamente mencionada:

O editorial conclui afirmando que ela **deve se esforçar para não decepcionar** os quatro em cada cinco brasileiros que, segundo as pesquisas, acreditam que ela fará um governo tão bom ou melhor do que o de Lula. (SD35, Texto 9 – G1, 2011j).

Eleita graças à festa de Baco que Lula proporcionou ao naco da sociedade que não estava habituada à degustação de vinho, Dilma terá de dizer de que uva é feita. (SD99, Texto 54 – UOL, 2011j).

Dilma Rousseff dará à Presidência da República um **caráter mais gerencial.** Essa é uma **avaliação geral** de aliados e analistas políticos sobre a gestão da petista, que também **precisará desenvolver habilidade política** para cumprir suas promessas e **suceder o presidente mais popular** do País. (SD 119, Texto 62 – TERRA, 2011j).

A manchete de capa encontrada no início do dia 1º de janeiro de 2011 no Portal UOL explicita o paradigma:

Dilma tomará posse **ofuscada** pela despedida de Lula (SD40, Texto 24, chamada de capa – UOL, 2011a).

Nesse exemplo está presente a voz passiva, com Dilma *sofrendo* uma ação, e a comparação com Lula. Trata-se de pessoas com "brilhos" diferentes – Lula brilha mais que Dilma, ele é mais popular e tem mais talento, enfim, ele é superior. Se o brilho é associado em nossa cultura à popularidade, dizer que Dilma fica ofuscada traz implícito o sentido de que ela é *impopular*. A representação da impopularidade fica evidente nos seguintes trechos:

Coro, só para Lula: Por pelo menos um minuto, os convidados entoaram o nome do agora ex-presidente. A nova ocupante do cargo não teve o nome gritado dentro do palácio nenhuma vez. (SD 90, Texto 52 – UOL, 2011g).

De Brasília: **público confessa paixão por Lula** na platéia da **posse de Dilma** (SD151, Texto 73, destaque de capa – TERRA, 2011a).

Todas essas representações corroboram o sentido de que ela por si não teria força para chegar à presidência; isso só ocorreu porque Lula quis. Ela é sujeito passivo da ação de Lula, e não foi a protagonista de sua própria história. Dilma, mesmo sendo em teoria o personagem principal na cerimônia de *sua* posse presidencial, é retratada como *coadjuvante*.

Após ganhar a confiança do **homem que a fez ministra**, tornar-se a **sombra dele** no governo e eleger-se sua sucessora, ela **receberá do mentor** a faixa presidencial neste sábado (1°), mas **sem afastar completamente o papel de coadjuvante.** (SD43 a SD46, Texto 25 – UOL, 2011f).

Uma das sequências discursivas mais interessantes da FD2, do ponto de vista teórico, articula-se com um dos aspectos da vinculação histórica entre a Psicanálise e a Análise do Discurso. A relação entre as disciplinas foi explicada anteriormente no Capítulo 2. É possível mencionar o "ato falho" (BASTOS; CALAZANS, 2012), conceito da Psicanálise que se refere a atitudes reveladoras do inconsciente do sujeito, de seu desejo, que "escapam" e se fazem perceptíveis através de uma fala ou ação não-intencionais. No que diz respeito à Análise do Discurso, esse conceito pode ser relacionado à noção de que a memória histórica, carregada de sentido, se materializa na língua – sendo que os sentidos proferidos podem nem mesmo ter sido intencionais, como é o caso do exemplo *Vote sem medo* trazido por Eni Orlandi (2012) e mencionado anteriormente. Esses sentidos podem ser acompanhados de um "esquecimento" (ORLANDI, 2012), que dá a ilusão de literalidade e de originalidade para o enunciador, desses sentidos que estão no seu inconsciente. É possível perceber o esquecimento (praticamente um ato falho) operando na seguinte sequência:

Após colocar **faixa de Lula,** Dilma recebe líderes mundiais (SD 156, Texto 78, Legenda da foto de capa – TERRA, 2011a).

Essa SD materializa de forma nítida a representação da inferioridade de Dilma e de sua imagem como criação de Lula, de sujeito passivo e até de fantoche. Numa primeira leitura, e por estar em destaque, o trecho "faixa de Lula" chama atenção – afinal, a faixa não é "de Lula", ela é a faixa presidencial, e não está mais em posse dele. Da maneira como está escrita a legenda, indo mais a fundo, é possível ver que a ação de Dilma, de receber líderes mundiais (o que a princípio indicaria prestígio à presidente), ocorre *após* ela colocar a "faixa de Lula" – como se a faixa fosse um amuleto que fizesse de Dilma automaticamente uma líder internacional. Ela é tão criação de Lula e tão inferior a ele que a própria faixa "dele" é capaz de fazer por ela algo que ela não teria capacidade de fazer por si mesma.

A complexidade da imagem não para por aí. A representação da faixa como sendo "de Lula", mesmo após ela não estar mais em posse dele, indica que a sua influência continua no Planalto. Dilma é uma *continuidade* da gestão de Lula, ela continua sendo um braço direito seu – ela está na presidência, mas com a faixa (chancela) "de Lula", representando o expresidente ali. Isso tira dela totalmente o sentido de *líder*, o qual é substituído pelo sentido de *produto passivo*. Ela apenas reproduz a linha de Lula; a aprendiz levando adiante o legado de

seu mentor, que *a criou e colocou* no poder, mas sem ter adquirido as mesmas qualidades desse mentor. Novamente, há um processo narrativo de constituição dos sentidos, até pela ideia de cronologia intrínseca à narração (*após* "x", "y").

Seguindo essa linha de interpretação, é possível compreender que tanto na FD1 quanto na FD2 opera a narratividade. A divergência entre as duas formações está na reconstituição da chegada de Dilma ao poder – fundamentalmente, na explicação de por que ela chegou até ali, de qual fator foi preponderante: se suas ações e sua trajetória ou se as ações e a trajetória de seu antecessor. Se tanto FD1 e FD2 ocorrem nos três portais de forma mais ou menos equilibrada, permanece uma questão fundamental: por que sentidos tão contraditórios entre si aparecem de forma reiterada em todos os portais analisados?

A reposta não é simples. Um aspecto importante a ser considerado, no entanto, é o de que é de se esperar que o discurso jornalístico seja polifônico (BENETTI, 2007), ou seja, permita enunciados vinculados a diferentes formações ideológicas porque sentidos diversos estão nos mapas culturais (HALL et. al., 1993, BERGER, 1998) que são representados por meio do discurso jornalístico. Também é possível imaginar uma combinação dos dois sentidos (por exemplo, que o apoio de Lula foi decisivo para a chegada de Dilma ao poder, mas que ela foi a responsável por construir uma trajetória que a levou até ali e não lhe falta habilidade para governar); de qualquer forma, o que está em jogo é, dentre força própria e força de Lula, qual foi o fator preponderante para a chegada de Dilma à presidência. O trecho sugerido em parênteses logo acima não deixa de estar inclinado à FD1. O que está em questão não é procurar uma resposta a essa pergunta, porque isso seria pressupor que há um motivo natural principal que pode ser descoberto; mas sim em identificar qual representação é dominante em cada caso.

Os dois sentidos inserem-se em discursos igualmente significativos em nossa cultura. Um deles está na ação, na capacidade individual de alterar o mundo; e também em noções de igualdade e democracia como ideais a serem atingidos – por isso, Dilma como heroína e líder: é a "Joana D'Arc" (TERRA, 2011b) brasileira. O outro sentido está do lado de que o indivíduo não tem muita autonomia para alterar sua realidade, sendo mais um passageiro da realidade em que vive – o contexto é muito determinante e, com isso, a noção de mudança na realidade social através da chegada de uma mulher ao poder perde força – afinal, ela foi criada por um homem e a sua posse já estava sob controle, no *script* ("será conduzida", "será ladeada" etc.). Note-se, porém, que aqui a passividade de Dilma está ligada à capacidade de liderança de outra pessoa: Lula.

Além dessa conotação de passividade, a FD2 traz pressupostos (CORREIA, 2009) que se passam por consensuais. Um exemplo: Dilma é inexperiente politicamente porque tem uma carreira exclusivamente em cargos gerenciais. Mesmo em um contraponto que diz que Dilma é subestimada e que, na verdade, ela é experiente, o sentido de que a carreira técnica se opõe à habilidade para governar é reforçado: afinal, ela é experiente *apesar* de nunca ter ocupado cargo eletivo. Assim, essa noção produz uma representação de Dilma, e essa representação, num movimento recíproco, reforça o sentido de que técnicos rigorosos são politicamente deficientes – esse é o pressuposto que se passa por natural.

Outra observação com relação à narratividade é que a construção de um texto não se dá apenas no passado que explica como o presente se constitui. Ela também aponta para o futuro – aliás, é assim que o discurso opera, com a possibilidade de consequências práticas, com a possibilidade de "fazer coisas com palavras" (BOURDIEU, 1990 *apud* BERGER, 1998). Na FD1, há o sentido de esperança e otimismo e, na FD2, estão os sentidos de desconfiança e temor sobre o futuro governo, incluindo a relação de "temor" com o que é "novo" ou "desconhecido". O sentido de temor é reforçado na próxima formação discursiva a ser apresentada.

5.3.3. Radical e Autoritária (FD3)

A FD3 representa Dilma Rousseff negativamente e é a terceira em incidência, com número de ocorrências bem menor que as duas primeiras FDs. Na análise, a FD3 ocorreu em 28 SDs de um total de 182 nos três portais, com um índice de 15,4%. Ela reúne os sentidos de "áspera"; "rigorosa"; "exigente"; "personalidade forte"; "autoritária".

A incidência em cada portal foi a seguinte: G1 - 3 ocorrências (de 38 SDs) = 7,9% / UOL - 10 ocorrências (de 65 SDs) = 15,4% / Terra – 15 ocorrências (de 79 SDs) = 19%. Esta formação discursiva tem como um dos contrapontos a FD4, que será detalhada a seguir.

Por um lado, pode-se pensar que a FD3 associa-se à FD1, já que personalidade forte e postura enérgica são características de liderança. Na FD3, porém, há uma exacerbação dessas características, o que sugere extrapolação de um limite entre liderança e autoritarismo. Nessa perspectiva, "liderança" é uma característica positiva, que atrai e aglutina as pessoas. O "autoritarismo" afasta, é algo negativo – é nessa região de sentidos que se situa a FD3. Assim, a FD1 seria um ponto de equilíbrio (liderança) situado em uma região entre a FD2 (passividade) e a FD3 (autoritarismo). Dilma é representada na FD3 como extremamente rigorosa. O exemplo a seguir é do G1:

Sobre a fama de "durona" da nova presidente, ela diz que Dilma é "exigente, sim. Mas nunca mal educada". Jane concorda. "É o jeito dela. É o nosso também", brinca. (SD14, Texto 06 – G1, 2011d).

A exigência com seus assessores e a minúcia técnica e administrativa são combinadas, nos seguintes trechos dos portais UOL e Terra, com sentidos de "áspera" e "difícil de lidar"; ela é apresentada como alguém que causa medo em quem trabalha com ela.

...tornou-se conhecida por ter um **perfil** tido como **centralizador e técnico**, bem como por suas **fortes cobranças** a ministros e assessores (SD50, Texto 27 – UOL, 2011b).

A fama de dura que gira em torno da futura presidente foi ironizada por ela num discurso de 2009. "Eu sou uma mulher dura, cercada de homens meigos", disse em um evento para mulheres. Mesmo com a ironia, durante a campanha eleitoral sempre que um assessor ou um aliado não queria levar a ela um pedido, com medo de ser repreendido, o interlocutor usava uma saída que se tornou uma espécie de bordão: "Você sabe como é a Dilma". (SD125, Texto 62 – TERRA, 2011j).

A imagem de Dilma na capa do UOL (Figura 6) no início do dia da posse ilustra o sentido de *áspera*:



Figura 6: Dilma toma posse como presidente hoje (SD56, Texto 29, foto na capa – UOL, 2011a).

A representação de *aspereza* também pode ser verificada no seguinte trecho, que traz implícita a apreciação de que Dilma não tem uma família numerosa o suficiente ou que não está suficientemente acompanhada. Aqui, a aspereza está ligada, levando em conta o conjunto de sentidos na FD3, a uma sugestão de vida afetiva que não é completa.

Desta vez, Dilma deverá fazer um percurso menor, acompanhada **apenas da filha** Paula – a petista **é divorciada** (SD66, Texto 36 – UOL, 2011f).

Considerando a noção de 'mapas culturais' de Hall *et. al.* (1993), existe um pressuposto (CORREIA, 2009) quando se usa o qualificativo 'apenas' seguido da informação de que ela é divorciada: o de que existe um número ideal de familiares e que uma filha não é suficiente; e mais, que o ideal seria se estivesse casada.

Novamente observando o discurso funcionando como processo, levando em conta a narratividade, é possível notar uma ligação da aspereza de Dilma com sua biografia. Em seu passado sofrido, Dilma é associada a grupos de guerrilha, mas com sentidos negativos, com representação de "extremista", "radical", algo diferente do que ocorre na FD1.

Quando subiu a rampa do Palácio do Planalto há oito anos, Dilma Rousseff era uma desconhecida técnica que tinha começado a vida política nos anos 60 numa guerrilha marxista. (SD41, Texto 25 – UOL, 2011b).

Parte da **personalidade firme de Dilma** foi construída durante os **anos de chumbo**, quando ela ingressou em **organizações clandestinas** para combater a ditadura militar... (SD122, Texto 62 – TERRA, 2011j).

Filha de um próspero imigrante búlgaro que fugira da opressão política no seu país, a **militante rebelde** foi **presa e torturada por três anos**, entre 1970 e 1973. (SD122, Texto 62 – TERRA, 2011j).

Dilma Vana Rousseff, 63 anos, que será empossada neste sábado como a primeira mulher presidente da República do Brasil, **ainda aplica, quase 40 anos depois, o mote do grupo extremista Var-Palmares** -"Ousar Lutar, Ousar Vencer" (SD108, Texto 60 – TERRA, 2011b).

A rebeldia de Dilma, aqui, é retratada com sentido de agressividade mais do que de inconformidade, com o realce de sua característica de *personalidade forte*.

Durante a ditadura integrou as organizações Polop (Política Operária), Colina (Comando de Libertação Nacional) e VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares), com direito a **bate-boca com Carlos Lamarca** (SD112, Texto 60 – TERRA, 2011b).

As torturas sofridas na prisão ajudam a reforçar o sentido de aspereza ao fornecerem uma explicação para o temperamento de Dilma.

foi torturada com palmatória, pau-de-arara e choques e invariavelmente jogada no chão do banheiro de órgãos torturadores. "Vai formando crosta de sangue, sujeira, você fica com um cheiro" (SD 113, Texto 60 – TERRA, 2011b).

Há constantes referências ao fato de que Dilma participou de guerrilha "armada", o que tem o significado realçado pela imagem de aspereza e extremismo.

Apesar de ter recebido treinamento de guerrilha, Dilma nega ter participado de ações armadas. (SD48, Texto 27 – UOL, 2011b).

A presidente participou de grupos que faziam o enfrentamento armado aos militares e foi presa durante dois anos. (SD77, Texto 46 – UOL, 2011k).

Dilma também conversou com Mujica e a mulher dele, a senadora Lucía Topolansky. Como a presidente, o casal uruguaio tem um passado de luta armada contra a ditadura militar. (SD182, Texto 91 – TERRA, 2011k).

Somada aos sentidos de aspereza, exigência e personalidade forte, a imagem dos grupos armados e "extremistas" contribui para um sentido de autoritarismo por parte de Dilma Rousseff. Há inclusive a sugestão de um sentimento de vingança em relação aos militares e outros inimigos seus no tempo da ditadura.

Dilma defende liberdade de imprensa e **diz não sentir 'ressentimento ou rancor'** (SD74, Texto 42, link para notícia em segunda camada de aprofundamento – UOL, 2011).

O uso das aspas confere ao trecho grafado uma sugestão de que é possível que isso não seja realmente o que ela pense, apesar de ela ter dito isso. É tradicional, nas conversas nas salas de redação, por exemplo, o uso de aspas para "colocar determinada fala *na boca* da fonte" quando existe a impressão de que o que a fonte disse está sujeito a escrutínio e que pode acabar sendo revelado como algo falso. No exemplo acima, "liberdade de imprensa" não está entre aspas, o que muda no trecho imediatamente a seguir.

O sentido de "desconfiança" aparece na FD3 como uma espécie de temor quanto ao comportamento de Dilma em relação à imprensa. Em 2009, houve uma série de reações nos grandes meios de comunicação ao Decreto 7.037 de 21 de dezembro referente ao Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH – 3), pela sua Diretriz 22, que previa controle dos meios de comunicação em relação ao seu respeito ou não aos Direitos Humanos. Isso foi compreendido pela grande mídia como uma possibilidade de restringir a liberdade de expressão. Após muita discussão, o governo acabou revendo alguns pontos e retirando do texto parte do teor que preconizava sanções aos meios de comunicação – a alteração foi feita no ano em que Dilma Rousseff se candidatou à presidência, através da redação do Decreto 7.177 de 12 de maio de 2010. No discurso de posse, Dilma disse preferir o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras. É interessante observar o seguinte trecho a respeito do discurso de Dilma.

Erradicar miséria é uma das promessas, bem como "irrestrita liberdade de imprensa" (SD60, Texto 33 – UOL, 2011h).

É algo que remete a autoritarismo: as aspas não são usadas no trecho "erradicar miséria", mas são usadas no trecho "irrestrita liberdade de imprensa". Fica claro que são levantadas dúvidas quanto à promessa de liberdade de imprensa. Essas dúvidas não são levantadas quanto a erradicar a miséria, algo que é tomado como certo, já que não há aspas ali. Se há dúvidas quanto às intenções de Dilma em relação à imprensa, é porque há esse temor a respeito de um lado autoritário de sua personalidade. Além disso, há uma associação a governos autoritários de esquerda comandados por ex-guerrilheiros, como se governos de esquerda sob o comando de ex-membros de guerrilhas fossem sempre autoritários.

É essencial reforçar que as formações discursivas podem ocorrer no mesmo texto inclusive, e a separação que se faz nesta análise tem finalidade metodológica: o *corpus* e as categorias discursivas são construções que fazem parte do método. No material de análise tal como é, FD1, FD2, FD3 e FD4 ocorrem muitas vezes próximas umas às outras, podendo estar presentes no mesmo texto ou até na mesma sequência discursiva.

A FD3, regida pelo medo, funciona como anti-propaganda, uma estratégia política historicamente usada no Brasil pela direita em relação à esquerda (ALBUQUERQUE; GOMES, 2012). Isso novamente coloca em cheque a capacidade de Dilma ser uma boa presidente. Como dito anteriormente, o temor também é um sentido que acompanha a noção de "mudança".

5.3.4. Sensível e Feminina (FD4)

Esta é a formação discursiva que teve o menor índice de ocorrências dentre as FDs analisadas. A FD4 aparece em 25 das 182 sequências discursivas, o que corresponde a um índice de 13,7%, e reúne os sentidos de "maternal"; "emotiva"; "sensível"; "mulher vaidosa". São sentidos ligados à representação que se faz da mulher e seu papel social em nossa cultura, isto é, de como a mulher é e, portanto, de como ela deve ser.

Em cada portal, a incidência da FD4 foi a seguinte: G1 – 8 (de 38 SDs) = 21% / UOL – 7 (de 65 SDs) = 10,78% / Terra – 10 (de 79 SDs) = 12,69%. Destaca-se a baixa incidência desta formação no portal UOL, em contrapartida à valorização que recebeu no portal G1.

A FD4 representa Dilma positivamente na medida em que a considera uma mulher modelo. Por isso, há uma associação à FD1, mas a FD4 não está relacionada diretamente a liderança e sim a outras características de "ser mulher"; como todas as mulheres "devem ser".

A FD4, por reunir sentidos de sensibilidade e emotividade, constitui-se num contraponto à FD3, que compreende Dilma como rigorosa e autoritária.

As manifestações da FD4 nos portais analisados geralmente fazem referência a símbolos de "feminilidade" em nossa sociedade, como a flor (Figuras 7 e 9) – um presente que se dá à mulher apenas, remetendo aos sentidos de "sensibilidade", "beleza" e mesmo "fragilidade". Outro símbolo associado à mulher é a "vaidade", através do símbolo da maquiagem (Figura 8). Uma das manchetes de capa no G1 trazia essas imagens.

Dilma recebe maquiadora e flores: escolta se prepara para posse (SD16, Texto 08, manchete – G1, 2011a).

Essa manchete conduz a uma notícia que evoca e associa essas imagens de feminilidade a Dilma Rousseff:



Figura 7: Imagem de notícia do portal G1 (SD17, Texto 09 – G1, 2011k).



Figura 8: Mulheres da escolta de Dilma Rousseff (SD17, Texto 09 – G1, 2011k).

Dillina recebe primeiras homenagam na Granja do Terro. Opera
Arçaino Editar Editar Nocadares Midylas Ferramentas Alada

Get Coporal de no. X Question Combinatoria Combinatori

No portal Terra, essas imagens também são ressaltadas:

Figura 9: Entregador com arranjo de flores endereçado a Dilma (SD134, Texto 63 – TERRA, 2011).

Esses sentidos têm uma tendência de gerar uma representação de empatia de Dilma, uma pessoa "simples", *próxima* às pessoas comuns. O portal UOL teve uma menor incidência da FD4 em sua cobertura. Uma das sequências em que o sentido de "feminilidade" aparece, sob o prisma dos símbolos que aludem à sensibilidade e delicadeza, é quando se faz referências ao vestido de Dilma Rousseff. O vestido é uma forma de demarcar a identidade de mulher e de homem em nossa sociedade.

Vestido da presidente é segredo de estado (SD57, Texto 30, destaque de capa – UOL, 2011a).

A representação de Dilma como "maternal" ocorre em algumas sequências, como as que aparecem nesta imagem (Figura 10): a foto e o destaque ao lado:



Figura 10: Dilma abraça Lula (SD36, texto 20, foto de capa – G1, 2011a).

Dilma diz que é **'presidenta' de todos os brasileiros** e **se emociona** em discurso (SD24, Texto 13, destaque de capa – G1, 2011a).

Nessas sequências, a imagem do abraço em Lula como de uma mãe a um filho e a imagem de "presidenta de todos" constituem-se numa referência à figura maternal – uma das características dessa figura é a emotividade. O sentido de "emotiva" é o mais presente na FD4 e diz respeito diretamente à sensibilidade de Dilma, sendo um contraponto à FD3. O choro de Dilma nos discursos foi valorizado nos três portais.

Presidente já foi empossada. No Parlatório, **voltou a se emocionar.** (SD27, Texto 16, Manchete de capa – G1,2011a).

Durante seu primeiro discurso como presidente eleita, na Câmara dos Deputados, Dilma Rousseff chorou ao se lembrar dos seus amigos que morreram no combate à Ditadura Militar no Brasil. (SD77, Texto 46 – UOL, 2011k).

Choro: Dilma **chorou em dois momentos...** (SD82, Texto 46, Entretítulo e trecho da notícia – UOL, 2011k).

Dilma **chora** e promete **luta obstinada contra a pobreza** (SD158, texto 80, título da notícia – TERRA, 2011m).

Assim como ocorre entre a FD1 e a FD2, a FD3 e a FD4 aparecem com número muito próximo de ocorrências (28 e 25, respectivamente) nos três portais, apesar de remeterem a sentidos em princípio discrepantes. No portal Terra, esses sentidos chegam a se combinar para produzir uma representação a respeito de Dilma em que prevalece a sensibilidade (FD4), a qual é diretamente afirmada. Mas, para que a FD4 prevaleça, ela acaba subscrevendo a FD3, tomando-a como consenso.

De ferro, mas sensível (SD126, Texto 60, Entretítulo – TERRA, 2011b).

Os mais próximos comentam, no entanto, que a campanha eleitoral e a vida fizeram de Dilma uma dama-de-ferro que não perdeu a ternura. (SD127, Texto 60, Entretítulo – TERRA, 2011b).

Nas SDs acima, o sentido de "dama-de-ferro" é definido como algo que está na aparência, na primeira impressão – e que, na verdade, Dilma também é sensível, sendo que isso é comentado pelos "mais próximos". Novamente, conforme ocorre entre FD1 e FD2, há a interdiscursividade, que combina FD3 e FD4 em uma totalidade dotada de sentido – nesse caso específico, elas são complementares.

A maneira como esses sentidos se manifestam é complexa; por vezes, eles aparecem em sequências marcadas por antíteses, como no exemplo acima. Nesses casos, a maior ênfase em um conjunto de sentidos ou outro é o que indica a qual processo discursivo uma determinada sequência está vinculada. Em outras ocorrências, contudo, as formações estão mais bem definidas. Por isso, conforme já considerado, esta classificação em 4 FDs busca delimitar o objeto de estudo para fins de análise, tendo em vista o objetivo do trabalho. Mas as FDs não aparecem naturalmente dissociadas nos textos analisados – elas resultam de uma construção feita pela interpretação na análise, em que quatro regiões principais de sentidos foram identificadas.

No caso da FD4, pode-se dizer que está relacionada ao modelo de mulher contemporânea: sem perder as características de delicadeza, emotividade e maternalidade, ela é independente e profissionalmente realizada, capaz de assumir o posto máximo de comando da República em sua carreira política. Aliás, ela tem que ser capaz de fazer isso: ser profissional destacada, mãe exemplar e vaidosa, ou seja, ter tempo para cuidar de si.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar as representações de Dilma Rousseff na cobertura dos portais de notícias G1, UOL e Terra durante a cerimônia de posse presidencial, no dia 1º de janeiro de 2011, entre 9h30min e 23h. Foi realizado um estudo de sentidos com base na Análise de Discurso de linha francesa. Quatro formações discursivas foram identificadas: Liderança Feminina (FD1), Criada por Lula (FD2), Radical e Autoritária (FD3) e Sensível e Feminina (FD4). Chamou atenção a presença de formações discursivas divergentes entre si nos três portais estudados.

Tal divergência pode ser compreendida por diversos aspectos. O primeiro deles é que essas formações estão no imaginário social, ou nos *mapas culturais* de Hall *et. al.* (1993), e o jornalista lança mão delas para tornar sua narrativa mais atraente, através de sentidos familiares ao leitor, que o ajudam a dar significado ao acontecimento relatado. Isso não quer dizer que o jornalista esteja voluntariamente optando por essa ou aquela (ou uma) formação discursiva, mas que, no intuito de realçar determinada informação identificada como relevante dentre tantas outras – para que o texto ou a manchete fiquem mais atraentes – o jornalista, ao considerar esta informação mais relevante que aquela, acaba subscrevendo – conscientemente ou não – as formações que se constroem no imaginário social e, por conseguinte, as reforça. Como a sociedade não é consensual em diversos aspectos, mais de uma formação ideológica pode ganhar espaço nos meios de comunicação, inclusive em um mesmo texto, quanto mais em uma mesma cobertura. São as diferentes perspectivas a partir das quais um assunto é enunciado, característica essa que configura o discurso jornalístico como sendo um interdiscurso. É o que ocorreu nas coberturas analisadas em relação à representação de Dilma Rousseff nos três portais.

O segundo aspecto pelo qual a discrepância entre as FDs identificadas pode ser compreendido é a característica técnica do meio on-line. Com o imediatismo e o fetiche do tempo real, não há tempo para um controle mais aprofundado do sentido de um texto para que ele seja mais coeso e coerente, muito menos de toda uma cobertura. Os portais de notícias estão disputando audiência e não têm tempo para uma revisão rigorosa dos conteúdos antes que eles sejam publicados. Além disso, não há limitação de espaço e tempo impedindo a grande quantidade de conteúdo que vai sendo publicada ao longo do dia. Com isso, há uma tendência de profusão de sequências discursivas com sentidos diversos, remetendo aos estereótipos ou representações que façam sentido aos enunciadores e aos leitores. Nesse aspecto, os portais de notícias são muito diferentes de um documentário ou veículo impresso

semanal, por exemplo, onde a narrativa é mais minuciosamente estruturada e organizada, com conteúdo mais coeso. É essa falta de tempo num contexto concorrencial, em que o diferencial entre um portal e outro se dá por questão de segundos que, além de permitir a produção de sentidos tão diversos dividindo espaço na mesma página, possibilita a veiculação de "atos falhos" que não tiveram tempo de passar por revisão, como o título bastante revelador "Após colocar faixa *de Lula*, Dilma recebe líderes mundiais" (TERRA, 2011a).

O terceiro aspecto para compreensão da divergência entre as FDs é relativo aos outros fatores que estão na exterioridade da produção jornalística, além da coerção do tempo e da disputa por leitores que gera a necessidade de atraí-los. São os diferentes motivos que levam um portal a lançar mão desses diferentes grupos de sentidos. Há motivações para a escolha da FD1 ou FD2, FD3 ou FD4. As representações positivas (FD1 e FD4) possivelmente se relacionam com o fato de que as concessões dos meios de comunicação são dadas pelo Estado e, por isso, os portais, vinculados a grupos que detêm outras mídias como rádio e TV, tentam "fazer média" logo no início do governo de Dilma – possivelmente motivados pelo temor de alguma medida contra a imprensa, como ficou perceptível na própria FD3. Outra motivação seria porque, sendo dia festivo, convém que em geral as representações sejam positivas, até para reforçar a democracia na questão da "liderança feminina", democracia ao lado da qual os grandes meios de comunicação, em seu discurso, sempre dizem estar. Democracia que seria sua justificação ideológica em nossa sociedade; ou seja, é conveniente para os meios festejar a chegada da primeira mulher presidente do Brasil; eles não podem deixar de fazer isso. A FD1 e a FD4 contrabalançam a FD2 e a FD3.

As representações negativas, por sua vez, são motivadas por outra conveniência – a de deixar claro que os meios jornalísticos não estão sendo pró-governo, não estão fazendo uma propaganda da nova governante – porque, senão, estariam contrariando princípios ideológicos de isenção e fiscalização do poder por parte da mídia (a função de *watchdog*) (McNAIR, 2011). Afinal, os portais também têm compromisso com seus leitores que se opõem a Dilma e seu governo; precisam mantê-los – assim como precisam manter também os outros, os leitores pró-Dilma. Na realidade, é preciso que os portais deixem claro, tanto para eleitores pró quanto contra Dilma, e todo o restante do público, que a imprensa está dando *voz* aos dois lados – o sentido do "equilíbrio" (HALL *et. al.*, 1993) que faz parte da imagem de *objetividade* (TUCHMAN, 1993) que a si atribuem os meios noticiosos. Se 56% votaram por Dilma, logo 44% votaram contra ela (G1, 2012b). De acordo com o 'mapa cultural' construído a partir desse resultado, ou seja, a noção sobre a realidade que se forma a partir dos números do pleito presidencial, há um consenso sobre a percepção de que está claro que não há um consenso

sobre Dilma na sociedade brasileira. A tendência de hesitação e falta de clareza no posicionamento em questões polêmicas por parte dos meios, indo de um lado para outro, foi chamada de "gangorra" por Charaudeau (2007, p.183), ao analisar diversos editoriais.

A FD1 está vinculada, em princípio, a uma formação ideológica que inclui sentidos à esquerda: de igualdade de gênero e igualdade social, mudança do status quo e esperança de mudança social. A FD2 está ligada a sentidos evocados pela oposição a Dilma: de que ela seria inexperiente para governar, de que seria a sombra de Lula, que teria sido feita por Lula e não conquistou essa posição sozinha, além do medo de como será o seu governo. São sentidos à direita, que desvalorizam o que é obtido com auxílio de outros (o auxílio de Lula para Dilma se eleger), temem o desconhecido (conservadorismo) e valorizam apenas o que é conquistado pela pessoa de forma individual, dentro das noções desse imaginário, que tem relação com o capitalismo: a saber, a figura do herói que se faz a si mesmo, com seu próprio trabalho, de forma absolutamente individual. Assim, a vontade de Lula que Dilma fosse a sucessora, a valorização de seu trabalho por ele e o auxílio que ele prestou na campanha eleitoral fazem de Dilma, segundo essa compreensão, uma criação dele, apagando dela as qualidades de líder e sua competência – e, portanto, lançam desconfiança quanto à sua capacidade de ser uma boa governante. Para se ter uma ideia de contraponto, na formação ideológica mais à esquerda, a presença de Lula na vida de Dilma e até mesmo o papel decisivo em sua eleição não a tornariam inferior ou superior a ele, nem lançariam suspeitas sobre sua capacidade de governar; não há essa comparação.

Apesar de não estar no objetivo deste trabalho, aqui é que se pode lançar conclusões sobre a Formação Ideológica - FI dominante²² no objeto analisado.

Essa indicação, ainda em nível incipiente, é de que a FI dominante parece ser a que se vincula aos sentidos ligados à oposição de Dilma. São sentidos de direita, relacionados à individualização do sucesso. Essa formação ideológica é dominante na nossa sociedade, e sua imagem paradigmática é do "grande empresário que começou de baixo". A FI em questão é dominante porque, mesmo quando na FD1 diz-se que Dilma foi quem na verdade chegou ao poder com seu próprio esforço e luta, e não foi uma criação de Lula, todavia se subscreve ao paradigma que valoriza a conquista com esforço exclusivamente próprio e que, por

_

²² É necessário ressaltar que essa conclusão é uma construção subjetiva, como já reiterado neste trabalho, assim como a própria delimitação do *corpus* e as classificações discursivas. A conclusão sobre a FI é uma conjectura baseada no resultado da análise. O que vem a seguir não se trata de uma conclusão definitiva, até porque a profundidade do estudo em uma monografia não dispõe de bases tão estruturadas quanto o que ocorre em estudos em nível mais avançado. Mas é possível dar indicações de uma conclusão possível.

consequência, atribui status moral de acordo com a capacidade individual que alguém tem de conquistar uma posição de prestígio social.

Há, sim, uma formação ideológica que vai noutra direção, valorizando Dilma inclusive pelo apoio que teve na sua trajetória e aludindo à sua representatividade em relação aos excluídos. Mas essa não é a FI dominante na totalidade da cobertura da posse. Conforme Orlandi (2012), a segunda etapa da análise é a passagem para o processo discursivo que rege os sentidos ou as formações discursivas encontradas – as formações ideológicas explicam por que aquela formação discursiva tem aquele sentido e não outro. Ainda no exemplo da FD1, *para que* Dilma seja representada como líder feminina, é necessário desvinculá-la da imagem de Lula. Ou seja, mencionar Lula qualificando-o como popular e decisivo na vitória de Dilma seria invariavelmente apagar o sentido de liderança da presidente.

Não é por acaso que, nas fotos da FD1, Dilma aparece sem Lula – na sua chegada ao Congresso Nacional (Figuras 1 e 2), a FD1 prevalece porque ela está confiante, à frente, e independente (sem Lula). Ela *precisa* aparecer sem Lula para que a representação seja essa. A maneira de construir a FD1 não é aleatória nem inocente, e filia-se à noção de que Lula ofuscaria Dilma se estivesse ali – e essa noção, na verdade, é a mesma que rege a FD2. Outro exemplo: na primeira notícia do dia no G1, há uma foto de Dilma atrás de Lula, sendo guiada por ele (Figura 5). É patente nessa imagem a representação de Dilma como *sombra* do expresidente, inferior a ele, ainda mais em um dia em que ela deveria ser a personagem principal. Mas o sentido de "sombra" só ocorre, só significa, porque está inscrito em uma formação ideológica que envolve competição, que atribui diferentes status a um e outro, medindo capacidade de liderança a partir de notoriedade ou popularidade como qualidades a serem individualmente conquistadas. Lula está à frente de Dilma, ou seja, é "mais líder" do que ela – e mais: a legenda que vem explicando a foto diz que Dilma foi alçada ao planalto *pela* popularidade de Lula. É Lula não só quem mostra o caminho, mas também a alça à presidência.

Não há a menor inocência (não fazendo referência a uma manipulação proposital, ou mesmo consciente, mas ao uso de sentidos que estão nos mapas culturais) na formulação desses sentidos nos portais. Se a imagem mencionada acima ou a respectiva legenda não tivessem o efeito de representar Dilma como inferior a Lula ou despreparada para o governo, elas não teriam sido usadas ali. E essas sequências discursivas só têm como efeito esses sentidos, e não outros, porque estão regidas por uma formação ideológica socialmente reconhecida que é dominante nos portais: a ideologia capitalista de individualização absoluta do sucesso. Não fosse essa a formação ideológica dominante nesse caso e sim outra — uma

segunda FI – então não haveria representação negativa de Dilma. Não haveria representação negativa de sua capacidade de liderança em relação a Lula ter sido decisivo para que ela se elegesse; seria possível Dilma ter sido ajudada de forma decisiva, ao longo de toda a sua trajetória de vida inclusive, em diversas situações, sem que suas decisões individuais deixassem de ser relevantes, sem significar que seu esforço próprio também não foi decisivo e sem ela perder a característica da liderança. Ela seria, segundo essa "FI2", líder feminina, representando uma chegada ao poder para todas as mulheres simplesmente pelo fato de ser uma mulher e ter percorrido uma trajetória até ali – isso não retiraria o seu protagonismo.

É importante salientar que a predominância da FI da individualização do sucesso, na análise, se dá pelo conjunto de significados que reforçam o sentido de cada sequência discursiva. Dizer que Dilma foi alçada à presidência pela popularidade de Lula não teria o mesmo sentido de desqualificação se não estivesse acompanhado de outros sentidos da FD2 – que tratam mais diretamente a questão de ela ter sido criada por Lula e que se somam num conjunto de reiterações de sentidos para tornar as sequências discursivas significativas. E o essencial – para que Dilma seja representada negativamente do ponto de vista da liderança é necessária uma referência positiva: Lula. O dito "x" *Dilma não é líder* informa e é informado por "y" *Lula é líder* por tais e tais fatores ("FI1") que estabelecem critérios e imagens que se passam por naturais e regem esses sentidos.

A FD3 está vinculada ao medo do desconhecido (conservadorismo). O temor de Dilma ser ditatorial devido ao seu caráter "centralizador" e "exigente" está relacionado a uma espécie de anti-propaganda. Esse temor, que se encontra numa região ideológica à direita, tem como uma de suas bases o fato de que Dilma foi torturada no regime militar e, portanto, poderia estar disposta a algum tipo de revanche autoritária que poderia atingir inclusive a liberdade de expressão; além disso, o posicionamento político dela seria um pouco mais à esquerda de Lula, reforçando a vinculação entre autoritarismo e esquerda.

Opera aqui a imagem significativa de governos de esquerda autoritários liderados por ex-guerrilheiros, o que está presente na memória social; mas essa imagem aparece vinculada, neste caso, a uma pressuposição de que todo governo de esquerda é autoritário. Essa pressuposição só pode estar vinculada a uma formação ideológica à direita – discurso de que, se todo o governo de esquerda é autoritário, é porque existem governos não autoritários. Como a alternativa à esquerda é a direita, logo, se há governos não-autoritários, eles só podem estar na direita. Verifica-se o discurso atuando na disputa pelo poder – e também o poder de ter o discurso (FOUCAULT, 2001) quando se fala em ameaças à liberdade de expressão.

A FD4 seria não só um contraponto à FD3, mas a tentativa de tornar Dilma mais próxima do público por empatia. Seria mais uma estratégia para atrair o leitor – a mesma utilizada por revistas especializadas em retratarem a vida pessoal de indivíduos notórios na sociedade (o paradigma do "lado B"). A FD4 a mostra como sensível e também bastante feminina, destacando a vaidade (maquiagem) (Figura 8) e a delicadeza (as flores recebidas) (Figuras 7 e 9), além da emotividade (Figura 10), fatores com os quais o público em geral pode se identificar ou espelhar. Como a representação de Dilma na FD4 a torna mais próxima do público, isso a reforça como contraponto à FD3.

A ideia nesse caso é a de que a pessoa pública precisa ser um modelo social; no caso, Dilma precisa ser um modelo de mulher independente do século XXI, que tem trabalho e família para cuidar, conseguindo dar conta de tudo ao mesmo tempo. Ampliando a análise, a necessidade de a mulher ter uma família para cuidar para ser plena, enquanto o homem não, é uma imagem de caráter machista que também opera na constituição desses sentidos.

A ideologia machista não deixa de operar de forma secundária também na FD2, que diminui a carga de significado na chegada da primeira mulher ao poder e a representa como tendo sido criada por um homem. Unida à festividade da FD1, a FD2, vinculada a um paradigma que desqualifica a liderança de Dilma, atribuindo seu sucesso a um homem, representa que Dilma, apesar de não ser competente o suficiente, contou com a concessão de seu partido para chegar ao poder por ser mulher, e *apenas por isso*, a despeito de suas qualidades de líder. A chegada da primeira mulher à presidência, festejada, aparece como se fosse uma concessão oportuna da sociedade — o que remete a machismo e paternalismo. A representação de Dilma aponta para essas formações ideológicas que, por sua vez, regem a imagem dela, enfim, como despreparada para governar.

Todas essas variações na representação de Dilma Rousseff – líder feminina, coadjuvante de Lula, autoritária, mulher exemplar – filiam-se a formações ideológicas construídas socialmente, e não a elementos objetivos da natureza. A essas imagens, o jornalista acaba subscrevendo no seu trabalho, constrangido pelo tempo, pela concorrência e pelo posicionamento político de seu veículo. E, assim, o profissional de imprensa reforça tais formações, num movimento recíproco, através das diversas representações de Dilma, conforme as analisadas no presente trabalho.

REFERÊNCIAS:

ADGHIRNI, Zélia Leal. Informação on-line: jornalista ou produtor de conteúdos? [p. 137-149]. In: **CONTRACAMPO:** Revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação (1º semestre/2001). Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social, 2001.

AGUIAR, Carolina Maia de. **Jornalismo e identidades coletivas:** representações de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no portal *Mix Brasil*. 2011. 139 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ALBUQUERQUE, André Moreira; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. O Discurso do Medo versus o Discurso da Esperança. Disponível on-line: http://vsites.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/andreaisaltina.pdf. Acesso em 17 de novembro de 2012.

ANJ: Associação Nacional dos Jornais. **Maiores jornais do Brasil.** Disponível em http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil. Acesso em 17 de novembro de 2012.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital de Terceira Geração.** Covilhã: Labcom – Universidade de Beira Interior, 2007. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/54. Acesso em 25 de outubro de 2012.

BASTOS, Angélica; CALAZANS, Roberto. Passagem ao ato e *acting-out*: duas respostas subjetivas. In: **Fractal**, Rev. Psicol. vol.22 no.2. Rio de Janeiro Maio/Agosto de 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922010000800002. Acesso em 17 de novembro de 2012.

BEM, Daniela de. **A produção de sentidos sobre Barack Obama no jornalismo das revistas Veja e Época.** 2011. 130 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos [p.107-121]. In: BENETTI, Marcia; e LAGO, Claudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

BERGER, Christa. Campos em confronto: a terra e o texto. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASIL. **História das eleições no Brasil.** Disponível em: http://www.brasil.gov.br/sobre/obrasil/eleicoes-2012/historia. Acesso em 20 de novembro de 2012.

BREED, Warren. Controlo social na redacção: uma análise funcional [p. 152-166]. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** Lisboa: Veja, 1993.

CANAVILHAS, João Messias. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada.In: BARBOSA, Suzana (Org.). **Jornalismo Digital de Terceira Geração.** Covilhã: Labcom – Universidade de Beira Interior, 2007. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/54. Acesso em 25 de outubro de 2012.

CARVALHO, Luiz Maklouf. As armas e os varões: A educação política sentimental de Dilma Rousseff. **Piauí.** São Paulo, ano 3, n. 31, p. 22-29, abr. 2009.

_____. Mares nunca dantes navegados: A trajetória de Dilma Rousseff da prisão ao poder. **Piauí.** São Paulo, ano 3, n. 34, p. 26-33, jul. 2009.

CARVALHO, Leandro. **Joana D'Arc**. Portal Brasil Escola. Disponível em http://www.brasilescola.com/historia/joana-d-arc.htm. Acesso em 17 de novembro de 2012.

CBJE, Câmara Brasileira de Jovens Escritores. **Pela primeira vez as mulheres votam no Brasil.** Disponível em http://www.camarabrasileira.com/1933.htm. Acesso em 20 de novembro de 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2007.

CORREIA, João Carlos. **Teoria e crítica do discurso noticioso: notas sobre jornalismo e representações sociais.** Labcom — Universidade da Beira Interior. Covilhã: Labcom, 2009. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/44. Acesso em: 22 de agosto de 2012.

CORREIO DO ESTADO. Tremor de terra registrado na Argentina é sentido em São Paulo. Disponível em http://www.correiodoestado.com.br/noticias/tremor-de-terra-registrado-na-argentina-e-sentido-em-sao-pau 93247/ acesso em 17 de novembro de 2012.

DONOS DA MÍDIA. Disponível em http://donosdamidia.com.br/inicial#, acesso em 17 de novembro de 2012.

EDO, Concha. El lenguaje y los géneros periodísticos em la narrativa digital. In: BARBOSA, Suzana (Org.). **Jornalismo Digital de Terceira Geração.** Covilhã: Labcom – Universidade de Beira Interior, 2007. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/54. Acesso em 25 de outubro de 2012.

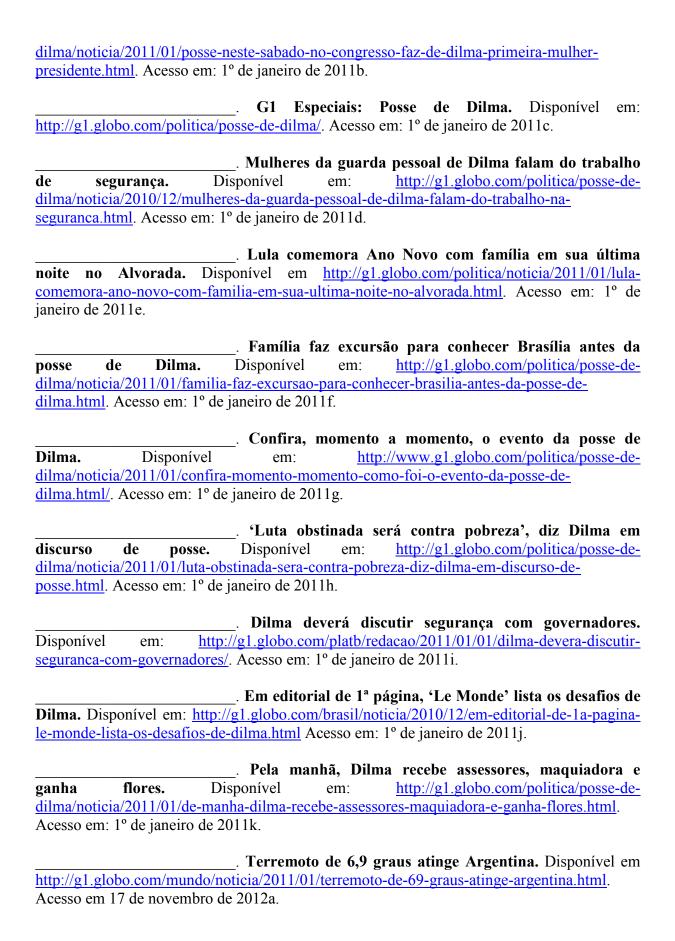
FOLHA, 2011. **Egito acusa terroristas estrangeiros por ataque que matou 21 cristãos.** Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/mundo/853621-egito-acusa-terroristas-estrangeiros-por-ataque-que-matou-21-cristaos.shtml. Acesso em 17 de novembro de 2012.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 2001.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Contornos do jornalismo contemporâneo [p. 164 a 173]. In: FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Aracaju: UFS, 2005.

G1. Portal de Notícias On-line. Disponível em: http://www.g1.globo.com/ Acesso em: 1º de janeiro de 2011a.

		Posse neste	e sábado	no Congresso faz de Dilma primeira
mulher	presidente.	Disponível	em:	http://gl.globo.com/politica/posse-de



<u>Leições 2010.</u> Apuração segundo turno. Disponível em http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/apuracao-2-turno/. Acesso em 20 de novembro de 2012b.

GADRET, Débora. **Os enquadramentos de Dilma Rousseff no Jornal Nacional**: suspeição, humanização e competência. 2011. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GADRET, Débora; PORCELLO, Flavio. O acontecimento político programado: os enquadramentos políticos da posse de Dilma Rousseff [p. 189-205]. In: ANTUNES, Elton; LEAL, Bruno Souza; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. **Jornalismo e acontecimento** vol. 2. Florianópolis: Insular, 2011.

GASTAL, Débora Haas de Souza. **Webjornalismo Participativo: Perfil e motivações dos interagentes no espaço Leitor-repórter, do portal Zero Hora.com.** 2009. 102 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GILL, Rosalind. Análise de discurso [p. 244-267]. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GLOBOPAR. **Organização.** Disponível em http://globoir.globo.com/static/enu/organizacao.asp. Acesso em 17 de novembro de 2012.

GOMES, Manuel William Ferreira. Gênero: machismo e submissão. In: **Ciências Humanas em Revista**, v.6, n.1. São Luis: UFMA, 2008. Disponível em http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2008_1/Manoel_Gomes_v6_n1.pdf. Acesso em 08 de novembro de 2012.

HALL, Stuart *et. al.* A produção social das notícias: o *mugging* nos *media* [p.224-248]. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** Lisboa: Vega, 1993.

HALL, Stuart. O Trabalho da Representação. In: HALL, Stuart (Org.) Representação, Representações Culturais e Práticas de Significação. Londres: Sage/Open University, 1997.

HAUBRICH, Alexandre. As revistas semanais e a renúncia de Fidel Castro: análise de conteúdo de Carta Capital, Época, IstoÉ e Veja. 2009. 128 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

JANOVIK, Carolina. **Pré-campanha online de Dilma e Serra: o uso da internet pelos candidatos às eleições presidenciais de 2010.** 2010. 75 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Publicidade e Propaganda). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

KOLDAYEVA, Yuliya. História e origem da boneca russa Matrioshka (Mamushka). In: **Aprender Russo on-line.** Disponível em: <a href="http://aprender-russo-nt-n

<u>online.blogspot.com.br/2009/02/historiaorigemmatrioshkamamushka.html</u>. Acesso em 16 de novembro de 2012.

LUME: Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/. Acesso em 09 de setembro de 2012.

MAIA, Rafael Gustavo. **A participação do leitor-fã na construção coletiva da informação no site Omelete.** 2012. 65 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

McNAIR, Brian. **An Introduction to Political Communication**. 5. ed. Londres: Routledge, 2011.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Biblioteca Online deCiências da Comunicação, 1997. URL: www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html. Acesso em: 20 de agosto de 2012.

MEIO E MENSAGEM. **R7 passa iG no ranking da internet.** Disponível em: http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2012/04/10/R7-passa-iG-no-ranking-da-internet.html Acesso em: 30 de agosto de 2012.

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web.** GT Estudos de Jornalismo da Compós, 2003a. Disponível em: http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/estudos2003.htm. Acesso em 28 de outubro de 2012.

_____. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** 2003. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporânea). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003b.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística [p. 143-166]. In: BENETTI, Marcia; e LAGO, Claudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

NYTCO. **New York Times Media Group.** Disponível em http://www.nytco.com/company/business_units/new_york_times_media_group.html#new_york_times, acesso em 17 de novembro de 2012.

OAS. **Declaração sobre a Eliminação da Discriminação contra a Mulher.** Disponível em http://www.oas.org/dil/port/1967%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20a%20Elimina%C3%A7%C3%A3o%20contra%20as%20Mulheres.pdf. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** Princípios & Procedimentos. 10. Ed. Campinas: Pontes, 2012.

RIBEIRO, Antonio Sérgio. **A Mulher e o Voto.** Disponível em http://www.al.sp.gov.br/web/eleicao/mulher voto.htm. Acesso em 20 de novembro de 2012.

SANTOS, Janaíne. **Construção de opinião no texto informativo:** adjetivos, advérbios e figuras de linguagem como estratégias discursivas Veja, Época, IstoÉ e Carta Capital. 2009. 98 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SCHWINGEL, Carla. Jornalismo Digital de Quarta Geração: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no Jornalismo Digital. In: **Compós**, 2005, Niterói. CD ROM Compós, 2005.

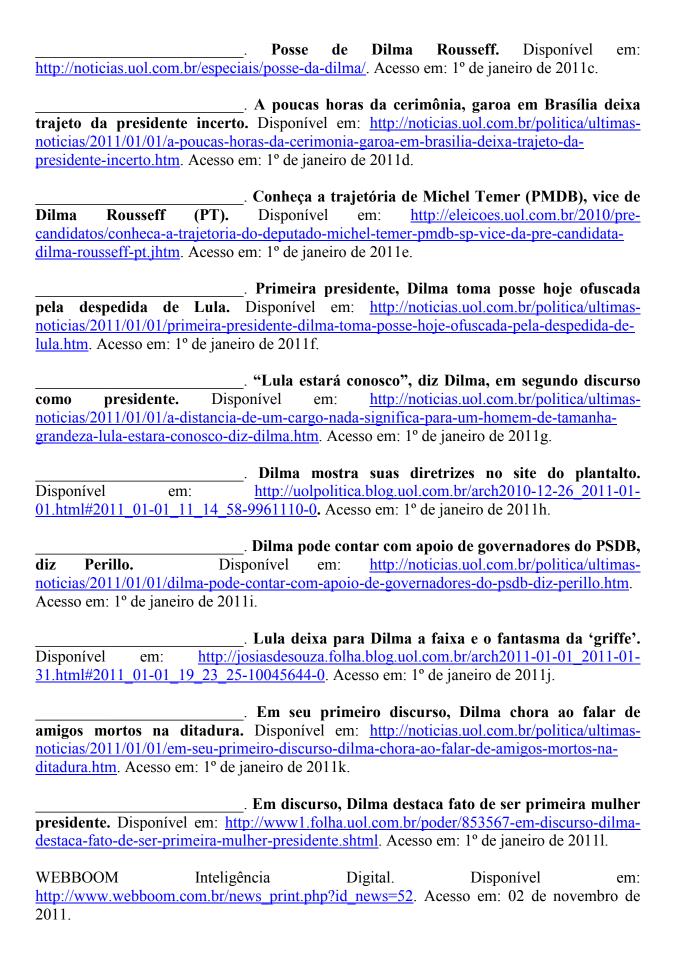
SPANHOL, Renata da Silva. **Blogs de moda: evidências da Cauda Longa.** 2012. 71 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

TERRA. Portal de Notícias On-line. Disponível em: http://www.terra.com.br/ Acesso em: 1° de janeiro de 2011a. . Dilma Rousseff: de Joana D'Arc subversiva a presidente do Brasil. Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/dilmarousseff-de-joana-d39arc-subversiva-a-presidente-dobrasil,a41f63fc8940b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html. Acesso em: 1º de janeiro de 2011b. . Príncipe das Astúrias chega ao Brasil para posse de Dilma. Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/principe-das-asturias-chegaao-brasil-para-posse-de-dilma,1d0897730cbda310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html. Acesso em: 1º de janeiro de 2011c. . Lula chora ao descer a rampa do Planalto e encerrar governo. Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/lula-chora-ao-descer-arampa-do-planalto-e-encerrargoverno,570f63fc8940b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html. Acesso em: 1º de janeiro de 2011d. . Articulador, Temer promete discrição como vice**presidente.** Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/articulador-temerpromete-discricao-como-vicepresidente,19a897730cbda310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html. Acesso em: 1° de janeiro de 2011e. . Hugo Chávez chega a Brasília para assistir à posse de Dilma. Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/hugo-chavez-chega-a- brasilia-para-assistir-a-posse-dedilma,5d0897730cbda310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html. Acesso em: 1º de janeiro de 2011f. . Hillary Clinton é 1^a autoridade a chegar para recepção de Dilma. Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4869173-

EI7896,00-Hillary+Clinton+e+autoridade+a+chegar+para+recepcao+de+Dilma.html. Acesso

em: 1º de janeiro de 2011g.







APÊNDICE A - Organização e incidência das FD's e SD's nos Portais:

- **FD 1. Liderança Feminina** (reúne os sentidos de "pioneira de gênero / líder"; "volta por cima"; "representante das mulheres"; "representante dos excluídos").
- **FD 2. Criada por Lula** (reúne os sentidos de "produto passivo", "impopular", "técnica e não política", "inexperiente", "inferior a Lula").
- **FD 3. Radical e Autoritária** (reúne os sentidos de "rigorosa"; "exigente"; "austera"; "personalidade forte"; "autoritária").
- **FD 4. Sensível e Feminina** (reúne os sentidos de "maternal"; "emotiva"; "compreensiva"; "mulher vaidosa").

FD1: 76 (de 182 SDs) = 41,76% G1 - 16 (de 38 SDs) = 42,1% UOL - 23 (de 65 SDs) = 35,4% Terra - 37 (de 79 SDs) = 46,8%

FD2: 71 (de 182 SDs) = 39,01% G1 – 14 (de 38 SDs) = 36,84% UOL – 32 (de 65 SDs) = 49,23% Terra – 25 (de 79 SDs) = 31,65%

FD3: 28 (182 SDs) = 15,4% G1 - 3 (de 38 SDs) = 7,9% UOL - 10 (de 65 SDs) = 15,4% Terra - 15 (de 79 SDs) = 19%

FD4: 25 (182 SDs) = 13,7% G1 - 8 (de 38 SDs) = 21% UOL - 7 (de 65 SDs) = 10,78% Terra - 10 (de 79 SDs) = 12,69%

APÊNDICE B – Portal G1 – Sequências Discursivas (SDs):			
Números	Sequência Discursiva	Texto (Tipo)	Formações
SDs			Discursivas
SD1	Primeira Presidente do Brasil	TEXTO 01. 9h33min	FD1

	manaharé a faire da Lula na Dalésia	(Escrito / Submanchete	_
	receberá a faixa de Lula no Palácio	Capa)	
	do Planalto		
SD2	Posse neste sábado no Congresso	TEXTO 02. 9h33min	FD2
	faz de Dilma primeira mulher	(Escrito / Título Notícia)	
	presidente		
SD3	Ela receberá a faixa presidencial de	TEXTO 02. 9h33 (Escrito /	FD2
020	Lula no Palácio do Planalto	Linha de apoio Notícia)	
SD4	FOTO: Dilma é envolvida e beijada	TEXTO 02. 9h33 (Foto /	FD2 / FD4
304	,	Notícia)	102/104
	na testa por Lula	TEVTO 00 01:00 /5/	500
SD5	Foi presa política e torturada	TEXTO 02. 9h33 (Escrito / Trecho da Notícia)	FD3
SD6	Dilma é instruída por Lula	TEXTO 02. G1.	FD2
300	Diima e instruida por Luia	01/01/2011. 9h33min (Foto	102
		/ Notícia)	
SD7	Dilma chega ao Palácio do Planalto	TEXTO 02. 9h33 (Escrito /	FD2
	alçada pela popularidade de Lula	Legenda Foto Noticia)	
SD8	A escolta de segurança será	TEXTO 02. 9h33 (Escrito /	FD1
	composta por mulheres	Trecho da Notícia)	
SD9	NOVA PRESIDENTE	TEXTO 03. G1.	FD1
309	NOVATRESIDENTE	01/01/2011. 10h30min	
		(Escrito / Cartola Capa)	
SD10	FOTO: Dilma é instruída por Lula	TEXTO 04. G1.	FD2
		01/01/2011. 10h30min	
		(Foto / Capa)	
SD11	Dilma deverá falar em 'estado	TEXTO 05. G1. 01/01/2011. 10h30min	FD1 / FD3
	eficiente' em discurso	(Escrito / Manchete Capa)	
SD12	ela não será a única em sua	TEXTO 06. 11h30 (Escrito	FD1
0012	comitiva em uma posição ocupada	/ Trecho da Notícia)	
	passadas. Ao lado dela , na sua		
	guarda pessoal, estarão seis		
	mulheres em uma profissão		
	tipicamente masculina. Policiais		
	federais, elas são a última linha de		
	defesa da mulher que governará o		
	país pelos próximos quatro anos.		
SD13	As policiais dizem que Dilma é	TEXTO 06. 11h30 (Escrito	FD4
	"gentil" e "educada" no convívio	/ Trecho da Notícia)	
	pessoal. "Ela é superbacana. Tem		
	muita consideração pelo trabalho		
	dos outros, é sempre muito gentil",		
	i uos outros. E settote titullo uettil .	İ	i

	diz Flávia.		
SD14	Sobre a fama de "durona" da nova	TEXTO 06. 11h30 (Escrito	FD3
	presidente, ela diz que Dilma é	/ Trecho da Notícia)	
	"exigente, sim. Mas nunca mal		
	educada". Jane concorda. "É o jeito		
	dela. É o nosso também", brinca.		
SD15	Na economia, deve afirmar que vai	TEXTO 07. 11h03 (Escrito	FD1
	tomar as medidas necessárias	/ Trecho da Notícia)	
	para assegurar a estabilidade		
	econômica, mas ressaltando que		
	seu compromisso é com o		
	desenvolvimento do país – em lugar		
	de falar em reformas, ela deverá		
	falar em "Estado eficiente" .		
SD16	Dilma recebe maquiadora e flores:	TEXTO 08. G1.	FD4
	escolta se prepara para posse	01/01/2011. 13h. (Escrito / Manchete Capa)	
SD17	Pela manhã, Dilma recebe	TEXTO 09. 13h (Escrito /	FD4
ODII	assessores, maquiadora e ganha	Título de Notícia)	
	flores		
SD18	Mulheres integrantes da escolta da	TEXTO 09. 13h (Escrito e	FD1 / FD4
	Presidente Dilma Rousseff diante da	Imagem / Legenda e Foto)	
	entrada da Granja do Torto / FOTO:		
	batedoras passando batom		
SD19	FOTO: Dilma de branco, à frente dos	TEXTO 10. 14h49	FD1
	homens do Congresso Nacional	(Imagem de capa)	
SD20	Dilma é empossada presidente;	TEXTO 11. 14h55	FD2
	assista	(Manchete de capa)	
SD21	Dilma discursa como presidente; no	TEXTO 12. 15h27. (Linha	FD1
	Congresso, ela cita o fato de ser a	de apoio da manchete de	
	primeira mulher no cargo e	capa)	
	compromisso de simplificação do		
	sistema tributário.		
SD22	A presidente destacou a	TEXTO 12. 15h31 (Escrito	FD1
	necessidade de reformas . Para a	/ trecho da notícia)	
	presidente, é "inadiável" um conjunto		
	de medidas que modernize o		
	sistema tributário		
		1	

SD23	Presidente disse ter compromisso de	TEXTO 12. 15h31. (Linha	FD1
3023	honrar as mulheres e proteger os	de apoio do título da	
	. •	notícia)	
0004	frágeis.	TEXTO 13 (Linha de	ED.4
SD24	Dilma diz que é 'presidenta' de todos	apoio da manchete de	FD4
	os brasileiros e se emociona em	capa)	
	discurso		
SD25	Presidente já foi empossada . No	TEXTO 14. 16h41 (Linha	FD2
	Planalto, receberá faixa de Lula	de apoio de manchete de capa)	
SD26	Com Lula, Dilma entra no Planalto	TEXTO 15. 16h49 (Manchete de Capa)	FD2
SD27	Presidente já foi empossada. No	TEXTO 16. 17h15.	FD4
	Parlatório, voltou a se emocionar.	(Manchete de Capa)	
SD28	Dilma oferece 'mãos estendidas'	TEXTO 17. 17h45. (Título	FD1
	para opositores na campanha	da matéria)	
	eleitoral		
SD29	A presidente disse não carregar	TEXTO 17. 17h45 (Escrito	FD1
	'ressentimento ou rancor'.	/ trecho da notícia)	
SD30	ela pretende trabalhar para criar	TEXTO 17. 17h45 (Escrito	FD1
	oportunidades para os jovens.	/ trecho da notícia)	
SD31	Lula transmite faixa presidencial a	TEXTO 18. 19h32 (Escrito	FD2
	Dilma	/ título da notícia)	
SD32	FOTO: Lula ergue o braço de Dilma	TEXTO 18. 19h32 (Foto)	FD2
SD33	Apesar disso, observa o editorial,	TEXTO 19. 19h32 (Escrito	FD1
	Dilma já começou a expressar suas	/ Trecho da noticia)	
	diferenças com comentários sobre		
	sua preocupação com os direitos		
	humanos, principalmente das		
	mulheres, no Irã e em outros		
	países.		
SD34	O jornal comenta que Dilma deve	TEXTO 19. 19h32 (Escrito	FD2
	seu "destino glorioso" ao mentor	/ Trecho da notícia)	
	Lula , do qual não tem nem o		
	carisma nem o dom da oratória.		
SD35	O editorial conclui afirmando que ela	TEXTO 19. 19h32 (Escrito	FD2
	deve se esforçar para não	/ Trecho da notícia)	
	decepcionar os quatro em cada		
	cinco brasileiros que, segundo as		
	pesquisas, acreditam que ela fará		
L			

	um governo tão bom ou melhor do		
	que o de Lula.		
SD36	FOTO: Dilma abraça Lula	TEXTO 20. 20h39 (Foto /	FD4
		Capa)	
SD37	A presidente Dilma Rousseff deverá	TEXTO 21. 20h40 (Escrito	FD1
	fazer uma reunião com todos os	/ Trecho da notícia).	
	governadores do país logo no início		
	do governo para discutir um pacto		
	nacional de segurança		
SD38	Dilma e Lula de mãos dadas	TEXTO 22. 21h02 (Foto /	FD2
		Capa)	

А	ras (SDs)		
Números	Sequência Discursiva	Texto (Tipo)	Formações
SDs			Discursivas
SD39	Posse da primeira presidente da	TEXTO 23. 9h41	FD1
	história do Brasil terá cobertura	(Chamada de Capa)	
SD40	Dilma tomará posse ofuscada pela	TEXTO 24. 9h41	FD2
	despedida de Lula	(Chamada de Capa)	
SD41	Quando subiu a rampa do Palácio do	TEXTO 25. 10h	FD2
	Planalto há oito anos, Dilma	(Escrito / lead da notícia)	
	Rousseff era uma desconhecida	noticia)	
	técnica que tinha começado a vida		
	política nos anos 60 numa guerrilha		
	marxista.		
SD42	Quando subiu a rampa do Palácio do	TEXTO 25. 10h	FD3
	Planalto há oito anos, Dilma	(Escrito / lead da notícia)	
	Rousseff era uma desconhecida	notioid)	
	técnica que tinha começado a vida		
	política nos anos 60 numa guerrilha		
	marxista.		
SD43	Após ganhar a confiança do homem	TEXTO 25. 10h	FD2
	que a fez ministra, tornar-se a	(Escrito / trecho da notícia)	
	sombra dele no governo e eleger-se		
	sua sucessora, ela receberá do		
	mentor a faixa presidencial neste		
	sábado (1º), mas sem afastar		
	completamente o papel de		
	coadjuvante.		

0044	Anée conher e configues de la constant	TEXTO 25. 10h	ED2
SD44	Após ganhar a confiança do homem	TEXTO 25. 10h (Escrito / trecho da	FD2
	que a fez ministra, tornar-se a	notícia)	
	sombra dele no governo e eleger-se		
	sua sucessora, ela receberá do		
	mentor a faixa presidencial neste		
	sábado (1º), mas sem afastar		
	completamente o papel de		
	coadjuvante.		
SD45	Após ganhar a confiança do homem	TEXTO 25. 10h	FD2
	que a fez ministra, tornar-se a	(Escrito / trecho da	
	sombra dele no governo e eleger-se	notícia)	
	sua sucessora, ela receberá do		
	mentor a faixa presidencial neste		
	sábado (1º), mas sem afastar		
	completamente o papel de		
	coadjuvante.		
SD46	Após ganhar a confiança do homem	TEXTO 25. 10h	FD2
	que a fez ministra, tornar-se a	(Escrito / trecho da	
	sombra dele no governo e eleger-se	notícia)	
	sua sucessora, ela receberá do		
	mentor a faixa presidencial neste		
	sábado (1º), mas sem afastar		
	completamente o papel de		
	coadjuvante.		
SD47	Confirmaram presença pelo menos	TEXTO 26. 9h41	FD1
0547	30 dirigentes estrangeiros [] mais	(Escrito / trecho da	
	do que a de qualquer presidente	notícia)	
	desde a redemocratização.		
	acous a rousinosianzagas.		
SD40	Apesar de ter recebido	TEXTO 27. 9h41	FD3
SD48	treinamento de guerrilha, Dilma	(Escrito / trecho da	1 55
	nega ter participado de ações	notícia)	
	armadas.		
CD40		TEXTO 27. 9h41	FD1
SD49	A interlocução com o capital e o	(Escrito / trecho da	ן רטו
	comando do programa Luz para	notícia)	
	Todos foram decisivos para que		
	Dilma se tornasse, em 2005,		
	ministra-chefe da Casa Civil no lugar		
	de José Dirceu		
SD50	tornou-se conhecida por ter um	TEXTO 27. 9h41	FD3
	•		

	perfil tido como centralizador e	(Escrito / trecho da	
		notícia)	
	técnico, bem como por suas fortes		
	cobranças a ministros e assessores		
SD51	também ganhou popularidade ao	TEXTO 27. 9h41 (Escrito / trecho da	FD2
	ser indicada pelo presidente Lula	notícia)	
	como gestora do PAC	,	
SD52	No início de 2009, foi acometida	TEXTO 27. 9h41	FD1
	por um câncer no sistema linfático e	(Escrito / trecho da notícia)	
	submetida a tratamento; a ex-	Hoticia)	
	ministra foi considerada curada por		
	sua equipe médica em setembro do		
	ano passado.		
SD53	Depois de uma campanha eleitoral	TEXTO 27. 9h41	FD1
	que se estendeu ao segundo turno, é	(Escrito / trecho da	
	eleita, em outubro de 2010, a	notícia)	
	primeira mulher presidente do		
	Brasil.		
SD54	O discurso de 30 minutos será lido	TEXTO 28. 9h41	FD2
3034	logo após ela ser empossada pelo	(Escrito / trecho da	102
	presidente do Congresso Nacional,	notícia)	
	José Sarney, e antes de ir ao Palácio		
	do Planalto, onde receberá de Lula		
	a faixa presidencial.		
0055		TEXTO 28. 9h41.	ED0
SD55	Governadores tomam posse de	(Escrito / título da	FD2
	madrugada para ver Lula passar a	notícia)	
	faixa para Dilma		
	5070 8"	TEVTO OC 14101	500
SD56	FOTO: Dilma toma posse como	TEXTO 29. 11h01 (Foto na capa)	FD3
	presidente hoje		
SD57	Vestido da presidente é segredo	TEXTO 30. 11h01	FD4
	de estado	(Destaque de capa)	
SD58	Despedida de Lula: Dilma fará dois	TEXTO 31. 11h01	FD2
	discursos na cerimônia de posse em	(Legenda de foto na capa)	
	Brasília	- Сара <i>)</i>	
SD59	Discurso será sobre continuidade	TEXTO 32. 12h	FD2
		(Destaque na capa)	
SD60	Erradicar miséria é uma das	TEXTO 33. 12h (Linha	FD3
		de apoio do título da	

	promococo hom como (linnostrito	notícia)	
	promessas, bem como "irrestrita	Hoticia)	
	liberdade de imprensa"		
SD61	POSSE DA DILMA	TEXTO 34. 12h	FD1
CDG2	O site do Palácio do Planalto	(Banner da cobertura) TEXTO 35. 12h	FD1
SD62		(Escrito / recho da	
	amanheceu hoje de cara nova	notícia)	
SD63	já apresentando Dilma como	TEXTO 35. 12h	FD1
	"presidenta".	(Escrito / trecho da	
0004	O item 5 trata de "erradicar a	notícia) TEXTO 35. 12h	FD1
SD64		(Escrito / trecho da	וטו
	pobreza absoluta e prosseguir	notícia).	
	reduzindo as desigualdades".		
	Esse deve um (sic) dos pontos		
	centrais do discurso de Dilma em		
	seu mandato.		
SD65	Dilma será levada em carro aberto	TEXTO 36. 13h33	FD2
	até o Congresso, onde será	(Escrito / trecho da	
	empossada [] será conduzida ao	notícia)	
	Palácio do Planalto e posicionada		
	diante da rampa. Ladeada pelos		
	Dragões da Independência		
SD66	Desta vez, Dilma deverá fazer um	TEXTO 36. 13h33	FD3
	percurso menor, acompanhada	(Escrito / trecho da	
	apenas da filha Paula – a petista é	notícia)	
	divorciada.		
SD67	POLÍTICAS PARA MULHERES: No	TEXTO 37. 13h47	FD1
3007	passado, outra mulher também	(Escrito / destaque de	
	comandou interinamente o Brasil:	capa)	
	Princesa Isabel, durante o Império		
CDC0	MOVIMENTO FRACO: Ã espera da	TEXTO 38. 13h47	FD2
SD68	·	(Escrito / destaque de	FD2
	posse de Dilma, vendedores	capa)	
	enfrentam pechincha, concorrência		
	forte e movimento fraco		
SD69	Hillary Clinton, Evo Morales e	TEXTO 39. 14h37 (Escrito / destaque de	FD2
	Nicolas Sarkozy não irão à	capa)	
	cerimônia		
SD70	FOTO: Dilma de branco, à frente de	TEXTO 40. 15h19	FD1
	homens congressistas, de preto,	(Foto / imagem de	
	chega para posse	capa)	
	onega para posse		

SD71	O presidente da Venezuela, Hugo Chavéz, afirmou, pouco antes da posse da presidente Dilma Rousseff, que o novo governo vai ser "maravilhoso". Questionado sobre o que achava do fato de poucos parlamentares da oposição acompanharem a cerimônia de posse, ele respondeu: "Estão todos comemorando o Ano Novo []"	TEXTO 41. 15h40 (Escrito / trecho da notícia / destaque para as aspas) TEXTO 41. 15h40 (Escrito / trecho da notícia)	FD2
SD73	Dilma defende liberdade de imprensa e diz não sentir 'ressentimento ou rancor'	TEXTO 42. 16h05. (Escrito / link p/ notícia em segundo nível de aprofundamento)	FD3
SD74	Em seu primeiro discurso, Dilma chora ao falar de ex-amigos mortos na ditadura	TEXTO 43. 16h40 (Escrito / destaque na capa)	FD4
SD75	Dilma destaca o fato de ser primeira mulher presidente	TEXTO 44. 16h40 (Escrito / manchete de capa)	FD1
SD76	"A luta mais obstinada de meu governo será pela erradicação da pobreza" diz Dilma	TEXTO 45. 16h40 (Escrito / destaque de capa)	FD1
SD77	Durante seu primeiro discurso como presidente eleita, na Câmara dos Deputados, Dilma Rousseff chorou ao se lembrar dos seus amigos que morreram no combate à Ditadura Militar no Brasil. A presidente participou de grupos que faziam o enfrentamento armado aos militares e foi presa durante dois anos.	TEXTO 46. 16h21 (Escrito / trecho da notícia)	FD1 / / FD3 / FD4
SD78	Em primeira fala, Dilma chora e lembra Lula	TEXTO 47. 17h03 (Manchete de capa)	FD2 / FD4
SD79	Em primeira fala, Dilma promete erradicar a pobreza extrema, chora e lembra Lula	TEXTO 48. 17h15 (Título da notícia)	FD2 / FD4

CD00	FOTO: Dilma sozinha, sorridente;	TEXTO 49. 17h03.	FD1
SD80		(Foto mais legenda na	רטו
	LEGENDA: Dilma Rousseff toma	capa)	
	posse como presidente no Plenário		
	do Congresso Nacional		
SD81	FOTO: Dilma acena da bancada,	TEXTO 49. 17h15.	FD1
	com duas mulheres em pé atrás	(Foto da notícia)	
SD82	Choro: Dilma chorou em dois	TEXTO 49. 17h15	FD4
	momentos	(Entretítulo e trecho da notícia)	
SD83	Mulheres: Dilma reforçou, logo no	TEXTO 49. 17h15	FD1
3003	início do pronunciamento, o fato de,	(Subtítulo e trecho da	
	•	notícia)	
	pela primeira vez na história do		
	Brasil, uma mulher assumir a		
	presidência.		
SD84	A pupila do ex-presidente Lula não	TEXTO 49. 17h15	FD2
	esqueceu de mencionar o seu	(Trecho da notícia)	
	mentor.		
SD85	FOTO: Lula coloca a faixa	TEXTO 50. 17h45	FD2
	presidencial em Dilma	(Foto de capa)	
SD86	Num longo discurso de posse no	TEXTO 51. 18h45	FD2
	Congresso Nacional, em que citou o	(Escrito / trecho da	
	escritor mineiro Guimarães Rosa	notícia)	
	(1908-1967), Dilma fez várias		
	menções à questão de gênero,		
	louvou o governo de Luiz Inácio		
	Lula da Silva e prometeu erradicar a		
	miséria e transformar o Brasil num		
	país de "classe média sólida e		
	empreendedora".	TEVT0 51 101 15	
SD87	A presidente chorou no final da fala,	TEXTO 51. 18h45 (Escrito / trecho da	FD1 / FD3 / FD4
	ao falar sobre sua participação na	notícia)	
	luta armada contra a ditadura e	,	
	homenagear os que "tombaram pelo		
	caminho". Ela fez menção à tortura		
	ao dizer que suportou as		
	"adversidades mais extremas"		
	infligidas a quem "ousou" "enfrentar		
	o arbítrio".		
SD88	Dilma creditou sua eleição ao ex-	TEXTO 52. 18h45	FD2
	presidente	(Trecho da notícia)	
	P		

SD89	afirmou ela, que ficou presa por	TEXTO 52. 18h45	FD1 / FD3
3009	três anos na década de 70 e que foi	(Trecho da notícia)	1517150
	torturada na prisão. Colegas de		
	cela daquele período estiveram		
	presentes na cerimônia no Palácio		
	do Planalto, assim como a mãe e a		
0000	tia da petista.	TEXTO 52. 18h45	ED2
SD90	Coro, só para Lula: Por pelo menos	(Trecho da notícia)	FD2
	um minuto, os convidados	,	
	entoaram o nome do agora ex-		
	presidente. A nova ocupante do		
	cargo não teve o nome gritado		
	dentro do palácio nenhuma vez.		
SD91	A presidente Dilma Rousseff poderá	TEXTO 53. 19h30	FD1
	contar com o apoio dos	(Trecho da noticia)	
	governadores de partidos de		
	oposição, afirmou hoje (1°) o		
	governador de Goiás, Marconi Perillo		
	(PSDB).		
SD92	Lula deixa para Dilma faixa e o	TEXTO 54. 19h38	FD2
	fantasma da griffe	(Título do artigo)	
SD93	Ela afirma que dará continuidade à	TEXTO 54. 19h38	FD2
	obra dele. Na administração, pode	(Trecho do artigo)	
	ser. No estilo, será impossível.		
	Falta-lhe o carisma.		
SD94	A Brasília que deu as boas-vindas a	TEXTO 54. 19h38	FD2
	Dilma foi uma Capital encharcada.	(Trecho do artigo)	
	Primeiro, pelas águas da chuva.		
	Segundo, pelo simbolismo.		
	A caminho do Congresso, Dilma foi		
	privada do desfile em carro		
	aberto. O aguaceiro a impediu de		
	abrir a capota do Rolls-Royce.		
SD95	Já no interior do prédio do	TEXTO 54. 19h38	FD2
	Legislativo, foi empossada por	(Trecho do artigo)	
	José Sarney. Logo ele, um político		
	cuja passagem pelo Planalto, de		
	tão débil, pareceu mera transição.		
	, , , , , , , , , , , , , , , , , , , ,		

SD96	Na seleta platéia do Congresso,	TEXTO 54. 19h38	FD2
0200	ouvidos grudados no discurso de	(Trecho do artigo)	
	posse de Dilma, estava Fernando		
	Collor. Mais simbolismo.[] Collor		
	frequenta os livros como evidência		
	de que o Brasil não aprendera com		
	Jânio a esquivar-se das farsas		
	providenciais. Foi-se da renúncia		
	ao impeachment.		
SD97	Lula deixou para Dilma, além da	TEXTO 54. 19h38	FD2
	faixa, o fantasma da personalidade	(Trecho do artigo)	
	insubstituível.		
SD98	Quanto a Dilma, cultiva o sonho de,	TEXTO 54. 19h38	FD2
0200	em quatro anos, combinar o aperto	(Trecho do artigo)	
	de Campos Sales com a derrama		
	social de Lula. Impossível? Não.		
	Mas difícil.		
SD99	Eleita graças à festa de Baco que	TEXTO 54. 19h38	FD2
	Lula proporcionou ao naco da	(Trecho do artigo)	
	sociedade que não estava habituada		
	à degustação de vinho, Dilma terá		
	de dizer de que uva é feita.		
SD100	Deputados aliados elogiam	TEXTO 55. 19h47	FD1
	discurso de Dilma de honrar as	(Título da Notícia)	
	mulheres e combater a pobreza		
SD101	FOTO com Legenda - Com a faixa	TEXTO 56. 19h45	FD1
	presidencial, Dilma segura nas	(Foto na capa)	
	mãos de seu vice e de Lula		
SD102	FOTO com Legenda - Novo	TEXTO 57. 21h02	FD1
	governo: Dilma e seu vice, Temer,	(Foto na capa)	
	posam para foto oficial com os		
	ministros (Dilma está de branco em		
	contraste com todos os demais na		
	foto, de preto)		
SD103	Lula deixa a presidência com 87%	TEXTO 58. 23h	FD2
	de aprovação e uma sucessora	(Destaque na capa)	
	<u> </u>		

APÊNDICE D: Portal Terra – Sequências Discursivas (SDs)					
Números	Sequência Discursiva	Texto (Tipo)	Formações		
SDs			Discursivas		
SD104	Dilma Rousseff: de Joana D'Arc	TEXTO 59. 9h41	FD1		
	subversiva a presidente do Brasil	(Destaque na capa)			
SD105	FOTO: Dilma aplaudida ao discursar	TEXTO 60. 9h43 (Foto	FD1		
	no PT quando candidata à	da notícia)			
	presidência				
SD106	Joana D'Arc da subversão. Foi	TEXTO 60. 9h43	FD1		
	com esse apelido - que remete à	(Trecho da notícia)			
	francesa heroína da Guerra dos				
	Cem Anos, na primeira metade do				
	século XIV, queimada viva e				
	reconhecida por sua bravura				
SD107	Dilma Vana Rousseff, 63 anos, que	TEXTO 60. 9h43.	FD1 / FD2		
	será empossada neste sábado	(Trecho da notícia)			
	como a primeira mulher presidente				
	da República do Brasil, ainda aplica,				
	quase 40 anos depois, o mote do				
	grupo extremista Var-Palmares -				
	"Ousar Lutar, Ousar Vencer" - para				
	enfrentar o câncer linfático que a				
	acometeu em 2009, driblar a				
	desconfiança de uma candidatura				
	em 2010 e colocar em prática as				
	principais promessas de campanha:				
SD108	Dilma Vana Rousseff, 63 anos, que	TEXTO 60. 9h43 (Trecho da notícia)	FD3		
	será empossada neste sábado como				
	a primeira mulher presidente da				
	República do Brasil, ainda aplica,				
	quase 40 anos depois, o mote do				
	grupo extremista Var-Palmares -				
	"Ousar Lutar, Ousar Vencer" - para				
	enfrentar o câncer linfático que a				
	acometeu em 2009, driblar a				
	desconfiança de uma candidatura				
	em 2010 e colocar em prática as				
	principais promessas de campanha:				
SD109	Dilma Vana Rousseff, 63 anos, que	TEXTO 60. 9h43. (Trecho da notícia)	FD2		
		(TIECHO da Hoticia)			

	T		-
	será empossada neste sábado como		
	a primeira mulher presidente da		
	República do Brasil, ainda aplica,		
	quase 40 anos depois, o mote do		
	grupo extremista Var-Palmares -		
	"Ousar Lutar, Ousar Vencer" - para		
	enfrentar o câncer linfático que a		
	acometeu em 2009, driblar a		
	desconfiança de uma candidatura		
	em 2010 e colocar em prática as		
	principais promessas de campanha:		
SD110	Dilma Vana Rousseff, 63 anos, que	TEXTO 60. 9h43	FD1
	será empossada neste sábado como	(Trecho da notícia)	
	a primeira mulher presidente da		
	República do Brasil, ainda aplica,		
	quase 40 anos depois, o mote do		
	grupo extremista Var-Palmares -		
	"Ousar Lutar, Ousar Vencer" - para		
	enfrentar o câncer linfático que a		
	acometeu em 2009, driblar a		
	desconfiança de uma candidatura		
	em 2010 e colocar em prática as		
	principais promessas de campanha:		
SD111	principais promessas de campanha:	TEXTO 60. 9h43	FD1
	viabilizar a construção de moradias	(Trecho da notícia)	
	populares, erradicar a miséria e o		
	analfabetismo, ampliar o		
	fornecimento de água e o sistema		
	único de saúde (SUS).		
SD112	Durante a ditadura integrou as	TEXTO 60. 9h43	FD3
32.12	organizações Polop (Política	(Trecho da notícia)	
	Operária), Colina (Comando de		
	Libertação Nacional) e VAR-		
	Palmares (Vanguarda Armada		
	Revolucionária Palmares), com		
	direito a bate-boca com Carlos		
	Lamarca		
SD113	foi torturada com palmatória, pau-	TEXTO 60. 9h43	FD3
	de-arara e choques e	(Trecho da notícia)	
	invariavelmente jogada no chão do		
	anavennerne jogađa no endo do		

	banheiro de órgãos torturadores.		
	"Vai formando crosta de sangue,		
	sujeira, você fica com um cheiro"		
00444	-	TEXTO 60. 9h43	ED4
SD114	Nunca participou de qualquer	(Trecho da notícia)	FD1
	ação armada nos anos de	,	
	militância, mas foi condenada a		
	uma pena final de dois anos e um		
	mês de prisão pelo crime de		
	"subversão".		
SD115	Economista de formação, Dilma	TEXTO 60. 9h43	FD2 / FD3
	Rousseff, após poder abrir mão de	(Trecho da notícia)	
	seus inúmeros codinomes de		
	guerrilheira - Estela, Wanda, Luiza,		
	Marina e Maria Lúcia - ingressou em		
	uma carreira administrativa formal		
	em Porto Alegre. Foi secretária de		
	Fazenda do pedetista Alceu		
	Collares, diretora-geral da Câmara		
	de Vereadores da capital gaúcha e		
	secretária Estadual de Minas,		
	Energia e Comunicação nas gestões		
	de Alceu Collares e Olívio Dutra.		
SD116	No dia 31 de outubro de 2010, a	TEXTO 60. 9h43	FD1
	primeira mulher a comandar o	(Trecho da notícia)	
	posto máximo da República atingiu		
	56,05% dos votos válidos no		
	segundo turno das eleições		
	presidenciais, totalizando 55,7		
	milhões de votos.		
SD117	FOTO com Legenda: Policiais	TEXTO 61. 9h43	FD1
	femininas em motocicletas farão	(Foto da notícia com	
	segurança de Dilma durante desfile	legenda)	
	em carro aberto		
SD118	Técnica rigorosa, Dilma busca	TEXTO 62. 10h43	FD2
	agora sensibilidade política	(Destaque de capa)	
SD119	Dilma Rousseff dará à Presidência	TEXTO 62. 10h43	FD2
	da República um caráter mais	(Escrito / lead da	
	gerencial. Essa é uma avaliação	notícia)	
	geral de aliados e analistas políticos		
	sobre a gestão da petista, que		
	1 , 1		

	também precisará desenvolver		
	habilidade política para cumprir		
	suas promessas e suceder o		
	presidente mais popular do País.		
SD120	Conhecida por cobrar com rigidez	TEXTO 62. 10h43	FD2 / FD3
05120	o cumprimento de prazos e metas,	(Escrito / trecho da	
	Dilma aprendeu com o presidente	notícia)	
	Luiz Inácio Lula da Silva e na		
	campanha eleitoral a usar um		
	pouco mais o coração quando o		
	assunto é política.		
SD121	Assessores contam que, depois de	TEXTO 62. 10h43	FD2
	ser escolhida por Lula para	(Escrito / trecho da	
	concorrer à Presidência, não foram	notícia)	
	poucos os dias em que eles se		
	sentavam no gabinete presidencial e		
	ficavam horas conversando, como		
	se Lula desse aulas à sucessora.		
SD122	Parte da personalidade firme de	TEXTO 62. 10h43	FD3
	Dilma foi construída durante os anos	(Escrito / trecho da notícia)	
	de chumbo, quando ela ingressou	Hoticia)	
	em organizações clandestinas		
	para combater a ditadura militar		
SD123	Filha de um próspero imigrante	TEXTO 62. 10h43	FD3 / FD1
	búlgaro que fugira da opressão	(Escrito / trecho da notícia)	
	política no seu país, a militante	,	
	rebelde foi presa e torturada por		
	três anos, entre 1970 e 1973.		
	Recomeçou a vida em Porto Alegre		
	(RS), aos 26 anos, onde		
	desenvolveu suas qualidades		
	gerenciais nos cargos públicos.		
	Foi secretária de Energia e Fazenda.		
SD124	Num café da manhã com o chefe do	TEXTO 62. 10h43 (Escrito / trecho da	FD2
	gabinete pessoal da Presidência da	notícia)	
	República, Gilberto Carvalho, ela		
	chegou a lamentar que a vida		
	pública a tivesse tornado uma		
	mulher de gabinetes e com pouca		
	ligação popular.		

CD42E	A fama de dura que gira em torno	TEXTO 62. 10h43	FD3
SD125		(Escrito / trecho da	ו טט
	da futura presidente foi ironizada por	notícia)	
	ela num discurso de 2009. "Eu sou		
	uma mulher dura, cercada de		
	homens meigos", disse em um		
	evento para mulheres. Mesmo com a		
	ironia, durante a campanha eleitoral		
	sempre que um assessor ou um		
	aliado não queria levar a ela um		
	pedido, com medo de ser		
	repreendido, o interlocutor usava		
	uma saída que se tornou uma		
	espécie de bordão: "Você sabe		
	como é a Dilma".		
SD126	De ferro, mas sensível	TEXTO 62. 10h43 (Escrito / entretítulo)	FD4
SD127	Os mais próximos comentam, no	TEXTO 62. 10h43	FD4
30121	entanto, que a campanha eleitoral e	(Escrito /trecho da	1 54
	a vida fizeram de Dilma uma dama-	notícia)	
	de-ferro que não perdeu a ternura.		
CD120	Após o primeiro debate na TV	TEXTO 62. 10h43	FD1
SD128	durante a campanha do segundo	(Escrito / trecho da	FUT
	turno, quando Dilma adotou uma	notícia)	
	estratégia de ataques ao adversário		
	José Serra (PSDB), Carvalho lembra		
	que usou uma metáfora de boxe		
	'		
	para comentar o desempenho da		
	presidente. "Eu disse a ela: 'você		
	deu um cruzado de esquerda no		
	Serra'. E ela respondeu: 'eu acho		
	que eles me subestimaram muito.		
	Na vida a gente vai aprendendo''',		
00400	relembra o assessor de Lula.	TEXTO 62. 10h43	ED4
SD129	A determinação da presidente	(Escrito / trecho da	FD1
	também foi fundamental em outro	notícia)	
	momento da sua vida para não abrir		
	mão de seus planos. Em abril de		
	2009, ela revelou que estava com		
	câncer no sistema linfático. Após		
	passar por tratamento quimioterápico		

			T
	e retirar um pequeno tumor, os		
	médicos anunciaram que estava		
	curada.		
SD130	150 Billia se langea na campanna como		FD2
	um enigma até para alguns círculos	(Escrito / trecho da notícia)	
	políticos em Brasília. O nome era	noticia)	
	reconhecido por menos de 10%		
	dos eleitores, e a indicação não foi		
	bem recebida por alguns membros		
	do PT, que desejavam um		
	candidato mais conhecido e		
	experiente.		
SD131	sua candidatura trouxe a	TEXTO 62. 10h43	FD2
	mensagem de continuidade total	(Escrito / trecho da	
	das políticas de Lula, aparecendo ao	notícia)	
	seu lado em comícios e na TV		
	sempre que possível. Ela chega ao		
	governo com a promessa de criar		
	milhões de empregos, melhorar a		
	infraestrutura do Brasil e manter e		
	ampliar os programas sociais.		
	Somado a isso, ela segue a cartilha		
	de políticas pró-mercado que		
	tornaram seu ex-chefe amplamente		
	aceito.		
SD132		TEXTO 62. 10h43	FD2
00102	expansão ainda maior da presença	(Escrito / trecho da	
	estatal no estratégico setor do	notícia)	
	petróleo, segundo seus assessores,		
	e bancos estatais vão continuar		
	tendo uma participação importante		
	na economia. Mas os temores de		
	que governe à esquerda de Lula,		
	manifestados por alguns investidores		
	e políticos de oposição, parecem ter		
	sido acalmados, ao menos por ora,		
	especialmente com a definição de		
	um ministério com várias figuras		
	do governo anterior.		
CD400		TEXTO 62. 10h43	ED1
SD133	Os próximos quatro anos servirão	12/10 02. 101143	FD1

		Le a de la companya d	T
	para mostrar se a mineira de 63	(Escrito / trecho da	
	anos conseguirá equilibrar rigidez	notícia)	
	técnica, obstinação e habilidade		
	política para superar os desafios		
	que terá que enfrentar.		
SD134	FOTO / Legenda: Entregador chega	TEXTO 63. 11h53	FD4
	à Granja do Torto com arranjo de	(Foto com legenda /	
	flores endereçado à presidente eleita	notícia)	
SD135	A cerimônia, com início previsto para	TEXTO 64. 12h30	FD1
02.00	as 14h30, tem confirmada a	(Foto com legenda /	
	presença de representantes de mais	notícia)	
	de 130 países.		
SD136	O desafio principal do novo vice-	TEXTO 65. 12h50	FD2
30130	presidente da República, Michel	(Escrito / trecho da	1 02
	·	notícia)	
	Temer (PMDB), será fazer a		
	articulação política do governo da		
	presidente Dilma Rousseff (PT),		
	eleita em outubro.		
SD137	Presidência lista diretrizes de Dilma	TEXTO 66. 13h (Escrito / destaque de	FD1
	em site reformulado	capa)	
SD138	Dilma terá apoio muito grande do	TEXTO 67. 13h40	FD1
	Congresso, diz Sarney	(Escrito / manchete de	
	,	capa)	
SD139	Em discurso de posse, Dilma	TEXTO 68. 13h52 (Escrito / título da	FD1
	prometerá erradicar pobreza	notícia)	
SD140	Em sua fala, ela também deve	TEXTO 68. 13h52	FD1
	enfatizar as diretrizes de seu futuro	(Escrito / título da	
	governo, como o fortalecimento da	notícia)	
	democracia e da independência		
	entre os poderes, a política		
	macroeconômica aliada ao		
	equilíbrio fiscal e ao controle		
	inflacionário e a importância de		
	investimentos para garantir		
	crescimento à economia.		
SD141	O presidente do Senado José	TEXTO 67. 14h	FD2
	Sarney [] fez uma comparação da	(Escrito / trecho da	
	gestão de Luiz Inácio Lula da Silva e	notícia)	
	do que deve ser o governo Dilma		
	,		
	Rousseff. "(O governo Lula) teve		1

	umo grando constação nalídias		<u> </u>
	uma grande conotação política,		
	até pela vida dele, pela estrada que		
	o trouxe ao poder. A presidente		
	Dilma deverá ter uma gestão mais		
	voltada para a parte da		
	administração", disse.		
SD142	Sob forte chuva e com escolta	TEXTO 69. 14h39	FD1 / FD4
	feminina, Dilma desfila e acena	(Manchete de capa)	
SD143	Sorridente e ao lado da filha, Dilma	TEXTO 70. 14h41	FD1
	chega ao congresso; assista	(Manchete de capa)	
SD144	FOTO: Dilma de branco, à frente dos	TEXTO 71. 14h49	FD1
	congressistas, de preto, caminhando	(Foto e manchete de	
	em direção à câmera, sorridente /	capa)	
	Manchete: Sorridente , Dilma é		
	aplaudida na chegada ao		
	congresso; veja		
SD145	Dilma é empossada 1ª mulher	TEXTO 71. 15h07	FD2
	presidente do Brasil	(Escrito / título da	
00440	Divinite a ditadura traca are successive	notícia) TEXTO 71. 15h07	ED2
SD146	Durante a ditadura – época em que	(Escrito / trecho da	FD3
	conheceu seus dois ex-maridos -	notícia)	
	integrou as organizações [] foi		
	torturada, presa		
SD147	iniciou formalmente na capital	TEXTO 71. 15h07 (Escrito / trecho da	FD3
	gaúcha a carreira de gestora que	notícia)	
	havia começado na clandestinidade	,	
	como responsável pela		
	infraestrutura dos movimentos		
	esquerdistas dos quais participou.		
SD148	mas cresceu politicamente em	TEXTO 71. 15h07	FD2
	2005 ao ser empossada ministra-	(Escrito / trecho da notícia)	
	chefe da Casa Civil, segundo cargo	noticia)	
	mais importante da República		
SD149	A campanha, estréia da nova	TEXTO 71. 15h07	FD2
	mandatária numa eleição, foi	(Escrito / trecho da notícia)	
	marcada por afirmações de que	попота)	
	Dilma seria a favor do aborto, por		
	ataques de setores da Igreja contra o		
	voto na petista e pela troca de		

	acusações [] No dia 31 de outubro		
	de 2010, no entanto , Dilma		
	Rousseff foi eleita presidente da		
	República		
SD150	Dilma toma posse e diz: "meu	TEXTO 72. 15h19	FD1
	compromisso é proteger	(Escrito / manchete de	
	mulheres"	capa)	
SD151	De Brasília: público confessa	TEXTO 73. 15h27	FD2
	paixão por Lula na platéia da posse	(Escrito / destaque de	
	de Dilma	capa)	
SD152	Em primeiro discurso, Dilma chora e	TEXTO 74. 15h48	FD4
	diz que é 'presidenta de todos'	(Manchete de capa)	
SD153	FOTO: Dilma acena da bancada;	TEXTO 75. 16h19	FD1
	atrás dela, duas mulheres	(Foto de capa)	
SD154	FOTO com Legenda: Dilma deixa	TEXTO 76. 16h39	FD1
	Congresso ovacionada após fazer	(Foto de capa)	
	primeiro discurso		
SD155	Dilma recebe faixa de Lula e se	TEXTO 77. 17h15	FD4
	emociona ao falar para a multidão	(Manchete de capa)	
SD156	Legenda da foto: Após colocar faixa	TEXTO 78. 17h30	FD2
	de Lula, Dilma recebe líderes	(Legenda da foto de	
	mundiais	capa)	
SD157	Sarney diz que Dilma foi 'segunda	TEXTO 79. 17h30	FD1
	alma do governo Lula'	(Escrito / destaque de	
		capa)	
SD158	Dilma chora e promete luta	TEXTO 80. 17h30	FD4
	obstinada contra a pobreza	(Escrito / título da noticia)	
SD159	Segundo ela, depois de eleger um	TEXTO 80. 17h30	FD1
00103	homem do povo, o brasileiro	(Escrito / trecho da	
	• '	notícia)	
	decidiu colocar uma mulher no cargo maior do país.		
SD160	Ela também lembrou de seus	TEXTO 80. 17h30	FD1
וטוענ	tempos de luta pela democracia e	(Escrito / trecho da	
	disse não ter arrependimento pela	notícia)	
	luta que empreendeu		
SD161	Entre as medidas prometidas para o	TEXTO 80. 17h30	FD1
	seu governo, Dilma defendeu as	(Escrito / trecho da	
	reformas política e tributária	notícia)	
SD162	Companheira de cela de Dilma diz	TEXTO 81. 17h59	FD1
-	que chora há três dias	(Destaque de capa)	

		TEVTO 00 40100	
SD163	FOTO: Dilma abraça Lula / Legenda:	TEXTO 82. 18h29 (Foto de capa)	FD1
	Dilma recebe faixa de Lula e chora	(i oto de capa)	
	ao dizer que pode fazer mais		
SD164	Companheira de cela da presidente Dilma Rousseff no presídio Tiradentes, em São Paulo, a exguerrilheira leda Akselrud de Seixas, que acompanha, neste sábado, a posse da primeira presidente do Brasil, disse estar muito emocionada e sente como se todos aqueles que lutaram e morreram nos anos de chumbo também tivessem chegado ao poder neste 1º de janeiro.	TEXTO 81. 19h15 (Escrito / trecho da notícia)	FD1
SD165	Imprensa internacional repercute posse de Dilma Rousseff.	TEXTO 83. 19h15 (Título da notícia)	FD1
SD166	O site da emissora americana CNN [] afirmou que Dilma discursou que sentia o peso histórico de sua gestão, que chega quase 41 anos depois de ter sido presa e torturada durante a ditadura.	TEXTO 83. 19h15 (Trecho da notícia)	FD1 / FD3
SD167	a versão online do jornal Wall Street Journal afirmou que Dilma tem um currículo extenso, que inclui "guerrilheira de esquerda, prisioneira política e sobrevivente de câncer", apesar de ter sido a primeira vez que concorreu em uma eleição.	TEXTO 83. 19h15 (Trecho da notícia)	FD1 / FD3
SD168	o jornal argentino El Clarín disse que Dilma foi peça fundamental do governo de Luiz Inácio Lula da Silva e se tornou a primeira mulher presidente no País	TEXTO 83. 19h15 (Trecho da notícia)	FD1
SD169	o periódico francês Le Monde afirmou que a petista foi "escolhida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para sucedê-lo" e que conquistou os brasileiros com	TEXTO 83. 19h15 (Trecho da notícia)	FD2

	promessas de continuidade política,		
	diplomática, econômica e social		
CD470	Ao descer a rampa do Palácio do	TEXTO 84. 19h21	FD2
SD170	Planalto, de mãos dadas à mulher,	(Trecho da notícia)	FD2
	Marisa Letícia, e à presidente, Dilma		
	Rousseff, Luiz Inácio Lula da Silva		
	chorou. O ato marcou o fim dos oito		
	anos de sua gestão e o início do		
	governo de sua sucessora e		
	afilhada política.		
SD171	Com a expertise do presidente,	TEXTO 84. 19h21 (Trecho da notícia)	FD2
	que fazia comícios nos sábados	(Trecho da hoticia)	
	como principal puxador de votos		
	de sua escolhida - e respondeu a		
	inúmeras contestações judiciais por		
	isso -, o governante mais popular da		
	história - chegou a 87% seu nível de		
	aprovação pessoal no fim do		
	mandato - confirmou a		
	continuidade de sua gestão		
SD172	FOTO: Dilma com a faixa; Lula ao	TEXTO 85. 19h30	FD2
	seu lado.	(Foto de capa)	
SD173	Mas apesar de "genérico", o texto	TEXTO 86. 19h50	FD2
	lido pela presidente Dilma Rousseff	(Trecho da notícia)	
	no Congresso Nacional refletiu		
	alguns "simbolismos" referentes à		
	nova ocupante do Palácio do		
	Planalto.		
	"O principal deles é, sem dúvida, o		
	fato de uma mulher estar subindo a		
	rampa do Palácio do Planalto. Nesse		
	sentido, Dilma tenta se comparar		
	ao ex-presidente Lula, que durante		
	sua posse chamou atenção para o		
	fato de ter sido o primeiro		
	metalúrgico eleito", diz.		
SD174	"Já no caso de Dilma, a questão	TEXTO 86. 19h50	FD2
	principal do discurso é a	(Trecho da notícia)	
	continuidade da política de seu		
	antecessor, o que reduz ainda mais		
	·		

	a possibilidade de grandes		
	novidades no discurso",		
SD175	Dilma disse não "carregar	TEXTO 86. 19h50	FD3
	ressentimentos ou rancor",	(Trecho da notícia)	
	acrescentando ainda que não		
	haveria "retaliações" durante seu		
	governo.		
SD176	Já o professor da UNB chama	TEXTO 86. 19h50	FD1
	atenção para o trecho em que Dilma	(Trecho da notícia)	
	"estende a mão à oposição",		
	sugerindo certa "generosidade"		
	àqueles que não a apoiaram durante		
	a campanha.		
SD177	o ex-vice-presidente disse que	TEXTO 87. 20h44	FD3
	Dilma é brava, mas tem que ser	(Trecho da notícia)	
	brava mesmo se for preciso.		
SD178	No primeiro discurso, Dilma Rousseff	TEXTO 88. 21h35	FD4
	chora e diz que é presidenta de	(Destaque de capa)	
	todos		
SD179	Dilma se emociona ao discursar;	TEXTO 89. 22h05	FD4
	veja fotos da posse	(Foto de capa)	
SD180	Na avaliação do estilista Walério	TEXTO 90. 22h08	FD2 / FD4
	Araújo [] a presidente Dilma	(Trecho da notícia)	
	Rousseff errou na escolha da roupa		
	usada durante a cerimônia de posse		
	neste sábado. Para ele, apesar de o		
	cargo exigir sobriedade, Dilma		
	demonstra segurança e visão		
	progressista, o que não foi		
	traduzido para a roupa. "Achei que		
	ela foi clássica demais. Pode ser		
	clássica, mas moderna ao mesmo		
	tempo", disse. Segundo o estilista,		
	Dilma deve ousar mais. "Ela pode",		
	afirmou.		
SD181	Ao chegar em Brasília, Chávez	TEXTO 91. 23h01	FD1
30101	voltou a elogiar Dilma e a reiterar	(Escrito / trecho da	
	que a tendência na gestão da	notícia)	
	presidente é intensificar a política		
	presidente e intensificar a politica		

	regional.		
SD182	Dilma também conversou com Mujica e a mulher dele, a senadora Lucía Topolansky. Como a presidente, o casal uruguaio tem um passado de luta armada contra a ditadura militar.	TEXTO 91. 23h01 (Escrito / trecho da notícia)	FD3